

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-graduação em Psicologia

Juliana Ferreira da Silva

**CARTAS DE AMOR DE SIMONE DE BEAUVOIR A NELSON ALGREN:
contingência e arrebatamento, necessidade e ruína**

Belo Horizonte

2024

Juliana Ferreira da Silva

**CARTAS DE AMOR DE SIMONE DE BEAUVOIR A NELSON ALGREN:
contingência e arrebatamento, necessidade e ruína**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Massara Rocha

Belo Horizonte

2024

150	Silva, Juliana Ferreira da.
S586c	Cartas de amor de Simone de Beauvoir a Nelson Algren
2024	[manuscrito] : contingência e arrebatamento, necessidade e ruína / Juliana Ferreira da Silva. - 2024.
	96 f.
	Orientador: Guilherme Massara Rocha.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1. Psicologia - Teses. 2. Amor - Teses. 3. Cartas de amor - Teses. I. Rocha, Guilherme Massara. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE JULIANA FERREIRA DA SILVA

Realizou-se, no dia 29 de abril de 2024, às 09:00 horas, Plataforma Zoom, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *CARTAS DE AMOR DE SIMONE DE BEAUVOIR A NELSON ALGREN: CONTINGÊNCIA E ARREBATAMENTO, NECESSIDADE E RUÍNA*, apresentada por JULIANA FERREIRA DA SILVA, número de registro 2021714262, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Guilherme Massara Rocha - Orientador (UFMG), Prof(a). Luciana Cavalcante Torquato (Univôsa/Facisa), Prof(a). Vinicius Anciães Darriba (UERJ - Instituto de Psicologia - Programa de Pós-Graduação).

A Comissão considerou a dissertação:

☒ (x) Aprovada

☐ () Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Luciana Cavalcante Torquato, Usuária Externa**, em 06/08/2024, às 09:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vinicius Anciães Darriba, Usuário Externo**, em 06/08/2024, às 18:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Massara Rocha, Professor do Magistério Superior**, em 22/08/2024, às 16:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 3438756 e o código CRC 0561DEAB.

A minha mãe, por saber-se não-toda presente.
A minha filha, por saber-me não-toda ausente.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, pai, irmã e irmão pela consistência, pela constância e pela incondicionalidade do suporte familiar ao qual tenho acesso irrestrito.

A meus pais, Seila e João, agradeço por, sem saber o que faziam, terem acertado.

A meus irmãos, Mariana e João, agradeço o amor reafirmado a cada dia. Aos irmãos que a vida me deu, Mariane e Pedro, agradeço por bancarem o desejo dos irmãos que meus pais me deram, e, assim, por serem, também, parte dessa rede singular de suporte e de amor.

A Guilherme Massara Rocha, por ter acreditado no meu trabalho e pela orientação gentil e respeitosa de meu tempo e desejo.

A Luciana Cavalcante Torquato e Vinicius Anciães Darriba, pelo aceite e disponibilidade de compor as bancas de qualificação e de defesa desta dissertação e pelos importantes apontamentos para este trabalho.

A Andréa Eulálio, por ter me apoiado desde o princípio.

A Izabella Chaves, amiga que ganhei com este mestrado, pessoa generosa e de competência e experiência clínica ímpares.

A Margareth Ferraz e Laura Félix, pela leveza de nossas trocas.

A Rodrigo José Nunes Pinto, por ter me dado a mão, e pelo amor compartilhado pela psicanálise.

Ao programa de pós-graduação em Psicologia da UFMG, em especial à Área de Concentração em Estudos Psicanalíticos, por ter me acolhido.

A Ane, que, antes de mãe de Diego e de avó de Gabriela, é minha amiga.

A Diego, pela contingência de nossos encontros, desencontros e reencontros. Por não cessar de reconhecer em nós o amor. Por viver, com audácia e delicadeza, a fluidez de nossas posições. Pelo longo – e, muitas vezes, turbulento – caminho percorrido; pelo nosso grande acontecimento de corpo: Gabriela.

RESUMO

Este trabalho planeja analisar, à luz da psicanálise, o encontro amoroso e suas vicissitudes a partir da leitura das cartas de amor escritas por Simone de Beauvoir a Nelson Algren e de parte das memórias autobiográficas da escritora: sua escrita teria sido um possível tratamento para uma suposta devastação? A coincidência dos termos usados no pacto amoroso entre Jean-Paul Sartre e Beauvoir – eles seriam “o amor necessário”, enquanto os outros seriam “os amores contingentes” –, termos também utilizados por Lacan para tratar do encontro amoroso contingente que, inelutavelmente, se transforma em necessidade, configurando, “o drama do amor”, suscitará outras perguntas, tais como: o que há entre a ruína de um encontro outrora reluzente e o arrebatamento de um novo encontro? Seriam os amores contingentes fundamentais para a manutenção dos amores necessários? Esses temas e perguntas acarretarão um entrelaçamento de conceitos que contemplam gozo (feminino e masculino; não-todo fálico e fálico) e a não relação sexual. Para tratar do amor, o percurso teórico será iniciado em Freud e a catástrofe, chegando a Lacan e a devastação e aos comentadores contemporâneos sobre essas temáticas, a saber, Jacques-Alain Miller (2015a, 2015b), Pierre Naveau (2017) e Marie-Hélène Brousse (2004). Haverá, pontualmente, momentos em que será feita a comparação – e o contraste – entre as cartas de amor enviadas pela mulher empoderada de outrora (Beauvoir) e as “cartas” de amor (leia-se mensagens via internet) enviadas pelas mulheres empoderadas de hoje.

Palavras-chaves: amor; cartas; contingência; necessidade; devastação; arrebatamento; ruína.

ABSTRACT

This work aims to analyze, in the light of psychoanalysis, the love encounter and its vicissitudes based on the love letters written by Simone de Beauvoir to Nelson Algren and on part of the writer's autobiographical memories: could her writing have been a possible treatment for a supposed devastation? The coincidence of the terms used in the love pact between Jean-Paul Sartre and Beauvoir – they would be “essential love”, while the others would be “contingent loves” –, also used by Lacan to deal with the contingent love encounter that, ineluctably, turns into necessity, thus configuring “the drama of love”, will raise other questions, such as: what lies between the ruin of a once brilliant encounter and the rapture of a new encounter? Are contingent loves fundamental to the maintenance of necessary loves? These themes and questions will lead to an intertwining of concepts that include jouissance (female and male one; not-all phallic and phallic one) and absence of the sexual relationship. To deal with love, the theoretical path will begin with Freud and catastrophe, moving on to Lacan and devastation and contemporary commentators on these themes, namely Jacques-Alain Miller (2015a, 2015b), Pierre Naveau (2017) and Marie-Hélène Brousse (2004). There will be, occasionally, moments when a comparison – and contrast – will be made between the love letters sent by the empowered woman of the past (Beauvoir) and the love “letters” (via internet messages) sent by empowered women of today.

Keywords: love; letters; contingency; necessity; devastation; rapture; ruin.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO E MARCO METODOLÓGICO.....	9
2	SIMONE DE BEAUVOIR E SEUS AMORES.....	22
2.1	Simone de Beauvoir e Françoise de Beauvoir.....	22
2.2	Simone de Beauvoir e Nelson Algren.....	26
3	AS CARTAS DE AMOR DE SIMONE DE BEAUVOIR PARA NELSON ALGREN.....	34
3.1	As cartas e o encontro contingente.....	46
3.2	As cartas e a necessidade.....	56
3.3	As cartas e a ruína.....	59
3.3.1	<i>As “cartas” na clínica contemporânea versus cartas escritas por Simone de Beauvoir.....</i>	61
4	AMOR E DEVASTAÇÃO.....	69
4.1	A catástrofe.....	73
4.2	A devastação.....	76
4.2.1	<i>O arrebatamento e a ruína.....</i>	79
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
	REFERÊNCIAS.....	90

1 INTRODUÇÃO E MARCO METODOLÓGICO

O objetivo desta pesquisa é elaborar um estudo sobre os encontros e desencontros amorosos a partir, inicialmente¹, da leitura das cartas escritas por Simone de Beauvoir a Nelson Algren – em alguma medida e em momentos pontuais deste trabalho, o que é percebido no que diz respeito ao amor e à devastação na clínica psicanalítica contemporânea será cotejado com a epistolografia amorosa de Beauvoir. Para tanto, será necessário passar por uma revisão da literatura psicanalítica sobre o grande tema amor, perpassado pelo tema devastação, considerando tanto as noções freudianas sobre a construção da feminilidade e a relação catastrófica entre mãe e filha – que Lacan nomeia de relação devastadora (em suas duas faces, a de arrebatamento e a de ruína). Conceitos caros à psicanálise de Jacques Lacan tais quais “gozo”, “posições feminina e masculina” e “inexistência da relação sexual” estão incluídos neste trabalho por serem atores importantes no domínio do encontro amoroso, que, nesta pesquisa, será estudado a partir do “Seminário, livro 20: mais, ainda”. Já de partida e para evitar leituras equivocadas, é importante esclarecer, com uma citação de Lacan (2012), no “Seminário 19: ... ou pior”, que “homem e mulher” ou “feminino e masculino” (inclusive na leitura atual que fazemos dos textos de Sigmund Freud) se referem a posições discursivas e não à anatomia.

Quando digo que *não há relação sexual*, formulo, muito precisamente, esta verdade: que o sexo não define relação alguma no ser falante. Não é que eu negue a diferença que existe, desde a mais tenra idade, entre o que chamamos de uma menina e um menino. É inclusive daí que parto (Lacan, 2012, p. 13, grifo nosso).

Já o lugar de destaque ocupado pela devastação e pela escrita de cartas neste trabalho justifica o amplo uso bibliográfico de textos sobre esses temas. Embora não haja a intenção de se trabalhar com todos os conceitos lacanianos de grande valor e utilidade para esta pesquisa de forma específica, a leitura de textos psicanalíticos sobre o amor e a devastação, nos conduz, inevitavelmente (e como mencionado no período que precede este), a conceitos de gozo e de posições feminina e masculina, à mascarada e à inexistência da relação sexual – esses conceitos aparecerão neste texto com frequência, mas tão somente como coadjuvantes desta narrativa acadêmica.

¹ O que motivou, em um primeiro momento, uma pesquisa de cunho teórico-acadêmico foram as cartas de Beauvoir a Algren. E foi minha experiência clínica com a psicanálise que propiciou um estudo sobre o encontro amoroso, que passa pela devastação e por tantos conceitos (ou fenômenos) valiosos para a psicanálise, em detrimento de uma pesquisa que se ancorasse, por exemplo, na literatura.

O trabalho comporta um percurso pelas noções freudianas e as concepções lacanianas a respeito do amor a fim de relacioná-las ao discurso contemporâneo (observado na clínica psicanalítica) sobre o feminino e as parcerias amorosas. A proeminência do tema devastação neste trabalho se dá – não só, mas também – por conta de minha experiência na clínica com jovens mulheres que, devastadas, chegam ao consultório à procura de respostas, de soluções, de explicações e, até mesmo, de “cura” para esse mal causado pelos encontros e desencontros amorosos.

Além da experiência no consultório, tenho me deparado, no meu percurso formativo, com a presença maciça de discussões de casos clínicos de temáticas diversas – não estritamente sobre o amor – em que a problemática relação mãe-filha surge, cumulando na devastação. Nesse sentido, e considerando a importância de Beauvoir para o movimento feminista, as cartas de amor escritas por Beauvoir a Algren me parecem pujantes no que diz respeito ao amor e à devastação e mesmo a um tratamento para esta última.

O recorte proposto para esta pesquisa privilegia o encontro – e desencontro – amoroso a partir do “Seminário 20: mais, ainda” (Lacan, 2008) e, conforme já mencionado, trechos de cartas e de memórias escritas por Beauvoir (2000, 2009, 2017), “Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico”, “A força da idade” e “A força das coisas”, darão corpo a perguntas no que tange os desdobramentos do discurso amoroso – a devastação, como uma forma de gozo feminino, é um desses desdobramentos. Planejo analisar, à luz da psicanálise, as cartas escritas por Beauvoir a Algren desde o fim dos anos 1940 até os anos 1960, tendo como estímulo as “cartas” que vejo atualmente na minha clínica com mulheres que, devastadas, chegam ao consultório à procura de respostas para o mal de amor que faz com que durmam com seus *smartphones* em mãos, grudados ao peito, esperando por respostas em mensagens de texto que nunca chegam. Essas mulheres que esperam por respostas são mulheres de muitas faces, mas que, invariavelmente, se perdem frente aos infortúnios causados pela dissonância entre elas e seus pares românticos.

Com relação à metodologia, faz-se necessário esclarecer que não trabalharei com uma construção de caso específica retirada da minha clínica. Apesar do papel de destaque dos estudos de caso em pesquisas em psicanálise, decidi trabalhar com as cartas porque, dos gêneros literários, o gênero epistolar se aproximaria mais da “realidade”, por seu tom íntimo e confessional e que visa um destinatário. Visa um destinatário e sempre chega a um destino ainda que nem sempre chegue a seu destinatário (ou permaneça com ele). Assim, ao me entender destino dessas cartas, recebo-as como um presente contingente, que necessita de reinvenção: transmuta o objeto “cartas de amor” em um trabalho acadêmico. Márcia Rosa

(2022) no capítulo “Uma carta / letra sempre chega a seu destino” de seu livro “Cartas de amor são ridículas, mas...: introdução ao ensino de Lacan”, defende que a carta é, para cada um de seus destinos, uma carta diferente: de carta de amor (de confiança) pode chegar a uma prova material a depender das mãos em que se encontra. De modo que, nesta dissertação, essas cartas assumem, então, o posto de prova material – ou de evidências – do encontro contingente entre dois escritores

Minha decisão de trabalhar com as cartas e não com um caso clínico se pauta na conjuntura atual de minha clínica, que, a meu ver, ainda não dispõe de *corpus* suficiente para que eu trabalhe com um caso específico. A esse respeito, temos, de acordo com Joyce McDougall (1997 *apud* Guimarães; Bento, 2008, p. 96), a seguinte citação a respeito de progressos teóricos em psicanálise:

Vinhetas clínicas não provam nada. Servem apenas para ilustrar uma concepção teórica. Justamente por isso, os progressos teóricos são fruto de numerosas experiências clínicas que nos estimularam a reconhecer os impasses e a questionar os nossos conceitos existentes. Ademais, há o risco sempre presente de que as nossas crenças teóricas influenciem indevidamente a nossa técnica, a ponto de que nossas análises possam empregar muito de seu processo analítico na tentativa de confirmar as expectativas teóricas de seus analistas!

Isto posto, está claro, desde o início desta introdução, que foram as cartas de amor escritas por Beauvoir o embrião desta empreitada. É a partir dessas cartas e de todo um longo percurso acadêmico, envolvendo a psicanálise e a clínica, que decido alinhar ideias concebidas a partir da leitura dos escritos de amor beauvoirianos. No entanto, é inegável que a inspiração para esta pesquisa vem da minha clínica e de alguns casos que acompanho, casos esses que não ocupam o papel principal de meus achados, mas servem como suporte para eles.

De acordo com Waldir Beividas (1999), a pesquisa em psicanálise, por um excesso transferencial, acaba por se submeter ao argumento de autoridade de Freud, de Lacan ou de seus respectivos discípulos e esse excesso transferencial, conforme o autor, ainda é vigente e deletério para a pesquisa em psicanálise. Mesmo antes de ter tido acesso a Beividas (1999) e ao texto “O excesso de transferência na pesquisa em psicanálise”, minha intenção ao pesquisar os (des)encontros amorosos e a devastação a partir das cartas de amor escritas por Beauvoir era de pesquisar este fenômeno clínico – que é ligado ao amor de maneira intrínseca – e não um autor específico. Todavia, é incontestável o número de psicanalistas lacanianos que lidam com essa temática – haja vista o fato de Lacan ter utilizado o termo devastação para dizer da relação entre mãe e filha. Além disso, é imprescindível uma leitura freudiana da relação de amor ambígua e catastrófica entre progenitoras e progênitais.

O método para construção do texto trabalha o discurso amoroso íntimo beauvoiriano e disserta a respeito das concepções teóricas freudianas e lacanianas sobre o amor (dando ênfase às cartas e à devastação a partir, primordialmente, das cartas escritas por Beauvoir), e abre espaço para desdobramentos e possíveis questionamentos dessas concepções que sejam pertinentes à clínica psicanalítica atual. Roberto Guimarães e Victor Bento (2008, p. 92) afirmam, no texto “O método do ‘estudo de caso’ em psicanálise”, que “[...] a pesquisa psicanalítica depende do contato prévio com a fala dos pacientes no divã”. Nesse sentido, ainda que não haja, necessariamente, um divã, há uma fala direcionada a uma analista (minha clínica também motiva este trabalho) e há cartas e memórias que podem ser lidas e analisadas a fim de sustentar uma pesquisa em psicanálise.

No que concerne ao método a ser utilizado para fazer a leitura e análise das cartas escritas por Beauvoir, encontro em Émile Benveniste (1976, p. 82) no livro “Problemas de Linguística Geral”, aval desafetado para análise da epistolografia contida nesta dissertação “[...] o analista opera sobre o que o sujeito lhe *diz*”. Desse modo, é a partir do que Beauvoir disse com sua escrita que nasce e se desenvolve esta leitura de missivas com método psicanalítico. A tese de doutorado de Vanessa da Rocha (2012), intitulada “Por um protocolo de leitura do epistolar”, conduzirá, também, à leitura e aplicação de textos canônicos que, pelo que pude investigar, são amplamente utilizados por pesquisadores que trabalham com epistolografia, a saber “A escrita de si”, de Michel Foucault (1992). Sobre o falar de si quando se está imerso no amor, temos Naveau (2017, p. 37), que se vale de termos sartrianos quando chama os apaixonados de “tagarelas tomados pelo elã de dizer”: “Para dizê-lo nos termos de Sartre, põe-se em jogo, para o outro, seu *em-si* (*en-soi*)”.

De acordo com Rocha (2012) – pelo menos até 2012, ano de publicação de sua tese –, há poucos estudos acadêmicos que contemplem a epistolografia em si como objeto: de forma geral, estuda-se um epistológrafo, ou as cartas são utilizadas para se estudar a personagem que as escreveu. Aqui, eu me sirvo da tese de Rocha (2012), podendo prescindir² dela, já que o meu objetivo é inquirir sobre o encontro amoroso e a devastação – latentes ou manifestos nas cartas escritas por Beauvoir a Algren – e não fazer um estudo epistolográfico por excelência. Ao lançar mão do texto de Rocha (2012) como baliza metodológica para minha dissertação, eu escolho um estudo de caráter extensivo e aprofundado, que extrapola em diferentes aspectos o que eu buscava como aporte teórico-metodológico para minha escrita e que referencia uma série de outros importantes autores que escreveram e pesquisaram sobre a arte epistolar – faz-se

² Clara alusão a Lacan (2007, p. 132): “Por isso a psicanálise, ao ser bem-sucedida, prova que podemos prescindir do Nome-do-Pai. Podemos sobretudo prescindir com a condição de nos servirmos dele”.

importante frisar que são autores que se debruçaram sobre epistolografia e não sobre psicanálise. Dentre os diversos prismas expostos por Rocha (2012, p. 40) em sua tese, elejo alguns para conceber parte da introdução com marco metodológico desta dissertação e realço o que a autora toma de empréstimo de Paul Ricoeur: “Paul Ricoeur defende o trabalho de memória inerente à narração e à ordenação do discurso ao ponderar que tal empreitada tem como base o trabalho de perlaboração estudado por Freud [...]”.

Rocha (2012, p. 34) esclarece que “com a intenção de delinear um protocolo de leitura da arte epistolar, elegemos como ponto propulsor de nossas reflexões a definição da carta como escrita e compreensão de si”. E, neste momento, a autora faz referência a Foucault (1992) e ao texto “A escrita de si”, que se apresenta como paradigmático para o estudo epistolográfico. Ao retornar a esse texto de Foucault (1992), compreende-se que o filósofo defende a carta como uma abertura de si para si e para o outro, tal qual o faz Benveniste (1976, p. 85), quando alega que o sujeito se coloca e se faz ver pelo outro por meio da palavra e do discurso – que é o que se confere na teoria freudiana. Ou quando escreve que “toda a força anárquica que refreia ou sublima a linguagem normalizada, tem a sua origem no inconsciente”. Há, portanto, na escrita teórica desses dois autores, um filósofo e um linguista, subsídios que avalizam a leitura sob luz psicanalítica da escrita íntima beauvoiriana – no caso do filósofo, isso se dá deliberadamente no que diz respeito à leitura de cartas e, no do linguista, no que diz respeito à análise do discurso sob uma perspectiva psicanalítica.

A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe [...]. O trabalho que a carta opera no destinatário, mas que também é efetuado naquele que escreve pela própria carta que ele envia, implica, portanto, uma ‘introspecção’; mas é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo (Motta, 2006, p. 153-157).

Uma leitura possível para essa citação de Foucault guarda mais semelhança com a carta como objeto (em detrimento do que diz seu conteúdo), que, ao se deslocar de mão em mão, assume diferentes papéis, tem agência sobre quem a “possui” (ou é possuído por ela): pode ser uma carta de amor, uma carta de confissão, ou uma prova material, conforme diz Rosa (2022).

Rocha (2012, p. 42) também compara e contrasta a carta e a autobiografia – convém ressaltar a diferença de estilo e de tom de Beauvoir ao se referir à casa de Algren por carta³ e ao descrevê-la em suas memórias⁴ –, concluindo que

[...] a carta é menos linear, mais fragmentária, híbrida e lacunar do que a autobiografia.
[...] A carta se apresenta de maneira menos ordenada e mais disponível para repetições, silêncios, digressões, sonhos e pequenas narrativas.

Em relação ao sentido conferido à carta proposto por Rocha (2012), cabe a pergunta: não seriam esses adjetivos ligados à carta também sistematicamente imputados ao inconsciente? E, se assim o é, respondo a uma convocação da qual não posso me eximir quando decido “escutar” o que essas cartas escritas entre 1947 e 1964 têm a nos dizer até hoje.

Shoshana Felman diz sobre “[...] a potência capturante do efeito de leitura” (Branco, 2020, p. 191) ao tratar do efeito suscitado pelo livro “A volta do parafuso”, de Henry James. Essa potência capturante apontada por Felman (Branco, 2020) e, também, por Érik Porge (2019) quando escreve sobre o arrebatamento de Lacan frente ao livro de Marguerite Duras me levam a retificar o que eu mesma escrevi há pouco: não é, simplesmente, que eu tenha “escutado” o que as cartas de Beauvoir dizem. Fiquei tomada de tal forma pela leitura dessas cartas que decidi pesquisá-las. Rocha (2012, p. 44) se apoia em Foucault (Motta, 2006) para dizer da principal especificidade da prática epistolar que, nas palavras da autora: “[...] repousa no fato de que o eu se põe a partir do outro e a prática da escrita atua sobre quem escreve e sobre quem lê”. Para Foucault, em “A escrita de si”, “[...] a carta é ao mesmo tempo, um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo” (Motta, 2006, p. 156). Nessa mesma toada, Rosa (2022) anuncia que a carta / letra é uma carta que rouba, isto é, o sujeito é possuído pela carta, e esta, ao possuí-lo, dirige-o e conduz seus desejos. Nesta pesquisa, as cartas de amor escritas a Algren é que dão o tom e eu, como que leitora tomada, “possuída”, “roubada”, “arrebatada”, “sequestrada”, “raptada” por sua diegese, avisto que a aproximação – e o afastamento – de corpos e de inconscientes que se deu com Algren, tal qual lemos nas missivas aqui invocadas, podem ser incorporados pela tese lacaniana, a respeito do

³ “[...] Por favor, não leve a falsa loira ao nosso ninho [...] como nossa casa em Wabansia é o melhor lugar do mundo, ela jamais vai querer ir embora” (Beauvoir, 2000, p. 79).

⁴ “No trem de Los Angeles, li um de seus livros e pensei nele; vivia num barraco, sem banheiro nem geladeira, à beira de uma rua onde fediam latas de lixo e onde rodopiavam velhos jornais; aquela pobreza me refrescara, pois eu mal suportava o odor pesado de dólares que respirava nos grandes hotéis e nos restaurantes elegantes” (Beauvoir, 2009, p. 146).

encontro amoroso, presente na última seção da última lição do “Seminário, livro 20: mais, ainda”, nomeada de “O amor, da contingência à necessidade” (Lacan, 2008).

De acordo com Eliane Calado (2012), a dedicação epistolar de Beauvoir era quase que diária e seus leitores conferem alto valor a essa escrita tanto por seu volume quanto por sua relevância dentro de sua obra autorreferencial. Tal como a Aimée de Lacan, parece que Beauvoir também “cometeu inúmeros escritos⁵”. Para fins metodológicos, minha escolha passa pela leitura das cartas de Beauvoir a Algren, tendo como apoio contextual seus livros de memórias escritos no período em que se correspondeu com o escritor norte-americano (de 1947 a 1964): “A força das coisas”, que narra sua vida entre 1945 e 1963 e “Uma morte muito suave” (“*A very easy death: a memoir*”), publicado em 1964 e utilizado neste trabalho por sua relevância no que diz respeito à história de Beauvoir com sua mãe. Além desses, o livro de memórias “A força da idade” será utilizado como suporte para uma melhor compreensão do pacto amoroso com Jean-Paul Sartre (Beauvoir, 1985, 2009, 2017).

Ao ler as cartas de amor escritas por Beauvoir a Algren, identifico, com base em evidências textuais, possíveis traços de devastação em seu conteúdo – digo possíveis porque a entonação deste texto é de perguntas e não de afirmações categóricas. Quanto às memórias da escritora, também amplamente utilizadas nesta pesquisa, é importante ressaltar que diferem das cartas, visto que a escrita autobiográfica se mostra como uma escrita que se distingue, intencionalmente, da escrita epistolar. Dessa forma, quero dizer que se dirigir intimamente a outro por meio de missivas é diferente de dirigir-se a todo um público por meio de dizeres autobiográficos.

Se, com relação ao diário, a correspondência guarda relações ambíguas, os limites que a diferenciam da autobiografia são bem mais nítidos. Ainda que compartilhem a existência de leitores previstos, a diferença destes em cada uma das produções será determinante da conduta do autor no momento da escrita. Em primeiro lugar, a autobiografia requer o que Philippe Lejeune (1998) denomina ‘pacto autobiográfico’, isto é, uma declaração de intenção autobiográfica do autor, algo que, obviamente, inexistente na correspondência privada. *A priori*, as cartas não foram escritas com o propósito de serem publicadas, enquanto a autobiografia se justifica exatamente por essa razão. Ela requer do autor uma atitude retrospectiva, de maneira a reconstituir, no presente da escrita, toda uma existência passada. A correspondência estabelece outra relação com o tempo: ela sintetiza, em cada carta, momentos de uma existência que se constrói contemporaneamente ao ato da escrita; daí a ausência de linearidade, mas o privilégio de uma atitude mais espontânea (Godoy, 2010, p. 38).

Mesmo que uma distinção clara entre a autobiografia e a correspondência não seja tão fácil de delimitar, a citação me parece coincidir com o que Beauvoir sustentava como filósofa

⁵ Referência à fala de Lacan, na Conferência de Yale, a ser citada na próxima página.

e feminista em seus escritos autobiográficos em contraposição a suas cartas de amor escritas para Algren, nas quais o semblante fálico por vezes escapava, deixando brecha para posições não-toda fálicas emergirem.

Ainda em relação à importância das cartas para este trabalho, volto a citar Lacan (1975, p. 9) quando este vincula a erotomania à escrita de cartas ao dizer que Aimée “cometeu inúmeros escritos em forma de cartas”. Este pequeno trecho da Conferência na Yale é de grande monta, pois leva à assunção de um possível tratamento, por meio da escrita, para essa forma erotônoma de amor (feminina e devastadora). Em relação à forma devastadora de vivenciar o amor, é importante a compreensão de que, para ser uma relação devastadora, não é mandatório que haja uma devastação “clássica” como vemos em exemplos patentes da literatura psicanalítica (o arrebatamento de Lol V Stein seria um desses casos notórios). São possíveis – e corriqueiras – manifestações mais “brandas” deste fenômeno clínico. O texto de Françoise Gorog (2011) “*Simone de Beauvoir et les impasses de la vie amoureuse*” é muito significativo para esta dissertação, haja vista que a autora toca em pontos centrais desta pesquisa, a saber, a relação de Beauvoir com o pacto amoroso firmado entre ela e Sartre e com a escrita – Gorog (2011) afirma que, da mesma maneira que a escrita funcionou como um tratamento para Virginia Woolf, isso pode ser dito também sobre Beauvoir. De acordo com Gorog (2011, p. 130), Beauvoir carrega em sua escrita um modo de vida pautado pelo seu relacionamento amoroso com Sartre e expõe um ponto nodal desta dissertação, que é a “singularidade do pacto [amoroso] decidido por Sartre” e como esta singularidade nos ajuda a entender “o drama dos impasses amorosos”. Uma conversa entre os textos eminentemente psicanalíticos de Gorog (2011) e de Naveau (2017) entremeada por fragmentos de cartas e memórias de Beauvoir – assim como pelo que disse Lacan (2008) no “Seminário, livro 20: mais, ainda” sobre o encontro contingente e a necessidade – ajudará a dar forma e conteúdo a este trabalho.

Como já mencionado, minha dissertação não conta com um estudo de caso propriamente dito, entretanto, assim como Freud trabalhou com o livro de memórias de Daniel Schreber – e pôde, a partir dessas memórias, fazer uma análise clínica –, espero poder propor discussões pertinentes à prática psicanalítica contemporânea, considerando debates correntes sobre o encontro amoroso e a devastação.

Antes de passar para uma breve descrição do que se lerá nos capítulos deste trabalho, insisto no fascínio provocado pelas cartas e seu entrelaçamento, consciente ou não, com a psicanálise e sua história: Freud foi um notório missivista e Lacan escreveu importantes textos sobre a psicanálise que giram em torno das cartas – isso será sinalizado mais adiante nesta

dissertação. Elisabeth Roudinesco (2019, p. 14-15) cita alguns nomes célebres que escreviam missivas amorosas com conteúdo psicanalítico:

É a Louis Althusser, filósofo marxista inteiramente impregnado da conceitualidade freudiana, que devemos uma explosiva correspondência amorosa em que se misturam tratamento analítico, melancolia, paixão delirante e amor místico [...]. Em diversas oportunidades, notei que o nome de Freud surge sempre de maneira inopinada – como um Supereu – nas mais célebres cartas de amor da segunda metade do século XX, e não só sob a pena dos missivistas mais consistentemente freudianos.

Rosa (2022), abre seu livro “Cartas de amor são ridículas, mas...: introdução ao ensino de Lacan” dizendo da importância que as cartas tiveram na fundação da psicanálise, recontando o quanto que Freud se ocupava sozinho de todas as suas correspondências e fazia uso de seus minutos livres entre uma sessão de análise e outra para escrever e responder suas cartas. As cartas de Freud, ainda segundo Rosa (2022), possibilitaram que Ernest Jones escrevesse sua biografia e as cartas endereçadas a Fliess já foram chamadas de “análise original”. Por fim, Rosa (2022) fala que o analista se faz destinatário de todas as cartas e letras que ficam com ele na transferência. Como sabemos desde Freud, transferência é amor. Contudo, a presente dissertação se atém ao encontro amoroso tal qual proposto por Lacan (2008) no “Seminário, livro 20: mais, ainda” e, por uma questão de recorte e de limites de uma dissertação, o amor transferencial não será abordado.

Outro missivista “consistentemente freudiano” foi um brasileiro, Mário de Andrade, que, de acordo com Luciana Torquato (2014), em sua dissertação intitulada “A recepção da psicanálise no Brasil: o discurso freudiano e a questão da nacionalidade”, se pautava na psicanálise para fazer a construção de suas personagens e para escrever cartas:

A presença da psicanálise nas leituras que formaram o pensamento de Mário de Andrade é inequívoca. Além dos exemplares de psicanálise encontrados em sua biblioteca – vários deles com notas marginais de leitura, suas cartas exprimem a inspiração que o assunto lhe suscitava. Através da epistolografia do fecundo correspondente, podemos identificar a admiração de Mário de Andrade pelo criador da psicanálise (Torquato, 2014, p. 49).

O primeiro capítulo após a introdução desta dissertação, ou seja, o capítulo de número dois, cuidará do que pude “escutar”, com minha “atenção flutuante”, sobre os amores de Beauvoir em suas cartas e memórias; são fragmentos de sua vida amorosa por mim considerados indispensáveis para a finalidade deste trabalho, isto é, fragmentos que denotam – implícita ou explicitamente – as fragilidades da autora frente ao amor. Desta forma, parte da história de vida de Beauvoir será revelada (aquela que, consoante ao delineamento deste texto,

indique pontos de contato com o amor – ou com a devastação), citando trechos extraídos de suas memórias e de suas cartas – fundamentalmente as cartas trocadas com Algren, mas, eventualmente, outras personagens poderão aparecer a fim de deslindar a narrativa epistolar beauvoiriana.

Como aspecto metodológico para a seleção de fragmentos a serem analisados com o propósito de compreender a relação de Beauvoir com o amor e com o escrito e com o que pode advir disso, optei por não utilizar biografias notórias de Beauvoir – apenas memórias autobiográficas e cartas porque decidi respeitar as premissas de Guimarães e Bento (2008), que também se valem do que diz Freud no texto “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”, para a construção de um caso clínico (refiro-me a escutar o que diz o “paciente” antes de buscar quaisquer teses biográficas sobre o “paciente”).

Para resguardar esta função essencial de pesquisa validando ou construindo a teoria através do estudo de caso, Freud (1969) recomenda que o analista pesquisador tome o cuidado de escrever sua pesquisa clínica de preferência apenas depois de concluídos os atendimentos clínicos para, assim, evitar que a teoria influencie a escuta do paciente (Guimarães; Bento, 2008, p. 96).

Com vistas a construir esta dissertação, isto é, “escutar” o que disse Beauvoir, para o que se objetiva neste trabalho, é prescindível a leitura de suas biografias: é sua fala “espontânea”, e não a daqueles que se debruçaram sobre sua vida, que interessa. Todavia, durante meu percurso de “escuta”, de leitura, e de escrita, deparei-me com a biógrafa Hazel Rowley (2011) e uma citação sua aparecerá em momento pontual do segundo capítulo com a finalidade de contextualização de todo um imaginário criado a respeito da escritora e filósofa, mas, naturalmente, sem ser empregado como um dos fragmentos do discurso amoroso beauvoiriano. Além de Rowley (2011), Gorog (2011), psicanalista que escreveu o artigo intitulado “Simone de Beauvoir et les impasses de la vie amoureuse” – de base psicanalítica e que arrola conceitos valiosos para esta pesquisa, tais quais os modos de gozo feminino e masculino e, ainda que de forma breve, aborda o pacto de contingência e necessidade firmado entre os dois famosos filósofos existencialistas –, também será parte integrante e essencial desta pesquisa, mas sem, no entanto, causar prejuízo à metodologia que se pauta na análise das cartas e memórias única e exclusivamente escritas por Beauvoir – tendo em vista que a análise a ser feita é de seus escritos e não dos escritos de seus biógrafos a seu respeito.

A partir do terceiro capítulo, a pesquisa passa se constituir por uma análise um pouco mais intensificada (e de viés psicanalítico) das evidências textuais, presentes nas cartas de amor endereçadas a Algren, que ensejam exame sobre o encontro amoroso contingente e a

necessidade, e sobre uma suposta devastação e um possível tratamento para esta. Naveau (2017) será fundamental para fazer a costura entre o encontro, o escrito e o que dizem Freud e Lacan sobre o amor e suas vicissitudes – daí advém o extenso uso de citações de seu livro “O que do encontro se escreve: estudos lacanianos”.

O quarto capítulo abordará, de forma mais teórica, o amor e devastação e esta aparecerá em suas duas faces: a de arrebatamento e a de ruína. Nas considerações finais, retomarei alguns dos pontos que considero basilares para esta pesquisa e, na melhor das hipóteses, as minhas perguntas-hipóteses poderão desencadear novos questionamentos a serem feitos na clínica e na academia.

Diante do exposto, isto é, de minha explanação sobre o que me motivou a fazer essa pesquisa e sobre o caminho percorrido para tal, sirvo-me de Luciano Elia (1999), em sua réplica ao texto de Beividas (1999) (já citado aqui neste trabalho), para justificar minha escolha pela pesquisa de temas há muito investigados e que se fazem presentes não só na academia e na clínica, mas que se apresentam na música, no teatro, na dança, na escultura, na pintura, na literatura e no cinema: os encontros e desencontros amorosos. Elia (1999) defende que dizer algo novamente não significa repetir um dito (no caso, os ditos de Freud e de Lacan), mas que pode ser dizer algo de novo (de novidade). Este autor reitera a convocação freudiana de que cada caso é único e convida-nos a uma abertura ao que ainda não é sabido – teoricamente – sobre determinado caso. Para fechar esta extensa seção, deixo uma citação de Lacan (2008, p. 89) a respeito dos discursos da psicanálise, do amor e da ciência que, de forma muito resumida, justificaria minha escolha pelo tema:

Falar de amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico. E como não sentir que, em relação a tudo que se pôde articular depois da descoberta do discurso científico, trata-se, pura e simplesmente, de perda de tempo? O que o discurso analítico nos traz – e é esta talvez, no fim de tudo, a razão de sua emergência num certo ponto do discurso científico – é que falar de amor é, si mesmo, um gozo.

“Só se fala de amor no discurso psicanalítico” – é o que diz Lacan (2008, p. 89). E, assim como para Freud, para Lacan (2008) a carta também tem uma centralidade em seu ensino, o que coincide com a centralidade dos temas da presente dissertação. Fazer uma leitura psicanalítica das cartas de amor acaba sendo uma tarefa metalinguística – ou mesmo pleonástica, redundante: falar de amor por meio de um discurso que só fala de amor.

Para fins de esclarecimento de como esta dissertação se desenvolverá, esboço um panorama do emaranhado em que se encontram conceitos e teses que surgirão no curso do texto. Parto das cartas de amor escritas por Beauvoir e endereçadas a Algren – as cartas de amor (e o

amor em si) ocupam lugar central para a psicanálise e seus dois grandes representantes, Freud e Lacan. A fagulha de inventividade (ou de investigação) que me provoca o desejo de reunião entre essas cartas de amor e a psicanálise vem quando tenho acesso à última lição do “Seminário, livro 20: mais, ainda”. O encontro com este texto reanimou uma *old flame* entre mim e as cartas a esse amor transatlântico. A coincidência entre os termos contingência e necessidade utilizados pelos franceses – tanto pelos filósofos quanto pelo psicanalista – é indelével. Eis que me pergunto se o pacto amoroso entre Beauvoir e Sartre poderia ser psicanaliticamente lido a partir da contingência e necessidade do encontro amoroso, conforme se lê no “Seminário, livro 20: mais, ainda”. Além disso, eu ainda pergunto se os amores contingentes seriam fundamentais para a manutenção do amor necessário – considerando tanto o pacto em que Beauvoir e Sartre seriam o amor necessário e os outros seriam os amores contingentes quanto o que é, para Lacan (2008), a contingência e a necessidade do encontro amoroso.

Mas esta não é a única pergunta que faço: o título da dissertação traz os termos arrebatamento (atrelado à contingência) e necessidade (atrelado à ruína). Estes fios puxam o tema da devastação e é por isso também – mas não só – que a devastação ocupa um espaço vultoso nesta dissertação: para além do encontro amoroso primordial e ambivalente com a mãe, que deixa marcas inolvidáveis na história feminina, há, de acordo com psicanalistas contemporâneos, a asserção de que a escrita pode ser um tratamento para o que se chama, em psicanálise, de devastação. A escrita volumosa de Beauvoir – em especial sua escrita íntima ou autobiográfica endereçada ao amor – sugere para Gorog (2011) (psiquiatra e psicanalista membro da Associação Mundial de Psicanálise), um tratamento; e para Andréa Eulálio (2018), a escrita, tal qual a análise, seria uma possível saída para a devastação.

Das perguntas – ou hipóteses – supracitadas, assomam-se interrogações complementares que convergem em conceitos e teses (ou que deveriam destes) e que carecem de uma explicação, ainda que ligeira dado que não são o principal tema do trabalho, a fim de que o leitor desta dissertação não se perca no emaranhado de conceitos interdependentes que se edifica quase que organicamente.

À face do exposto, reitero que o que chamo de encontro amoroso neste trabalho será sustentado, em grande parte, pelo que diz Lacan (2008) em conjunção com o que Beauvoir escreve de seu encontro com Algren (e atentando para o pacto com Sartre). Pergunto se a escritora, no encontro contingente com Algren e observando o encadeamento contingência – necessidade proposto por Lacan (2008), teria sido arrebatada e, prontamente, se enfronhado em demandas ilimitadas por palavras e por cartas que: ou dissessem algo sobre seu ser mulher, ou

que a fizessem gozar novamente, ou que revelassem uma angústia diante da possibilidade de perda do amor – o que caracterizaria uma série composta por arrebatamento, angústia e ruína. Para tanto, há um capítulo especificamente dedicado à devastação (e suas duas faces, a de gozo não-todo fálico e a de gozo fálico). E, nisto, puxa-se mais um fio: o gozo. Ainda que eu já tenha explicado que certos conceitos, apesar de valiosos, não são protagonistas desta narrativa, faz-se necessário algum dizer sobre este conceito lacaniano, o conceito de gozo, com vistas a localizar o leitor do trabalho. Assim, oportunamente, abordarei essa questão. E isto levará, necessariamente, à tábua da sexuação, ou seja, às posições feminina e masculina, também conhecidas como posições de gozo, chegando, então, ao aforismo “não há relação sexual”.

A seguir, a história da relação de Beauvoir com sua mãe e seu encontro com Algren serão introduzidos. Ao final do capítulo a seguir, serão levantadas as questões centrais do trabalho, bem como justificativas teóricas para esse levantamento.

2 SIMONE DE BEAUVOIR E SEUS AMORES

2.1 Simone de Beauvoir e Françoise de Beauvoir

O papel de destaque do fenômeno devastação e o debate sobre relações amorosas (ou devastadoras) nesta pesquisa tornam imprescindível a menção ao amor em seu mais primevo grau, isto é, aquele que se desenvolve com a mãe desde a mais tenra idade. Assim, “Uma morte muito suave” (*“A very easy death: a memoir”*) servirá de aporte contextual para a tarefa de leitura psicanalítica das cartas de amor escritas por Beauvoir a Algren. Publicado em 1964, o livro narra as memórias e elaborações de Beauvoir diante dos últimos dias de vida de sua mãe. Antes de citar excertos deste livro, serão apresentados comentários alusivos a ele feitos por Beauvoir em duas cartas que escreve a Algren: uma em dezembro de 1963 e outra em abril de 1964. Na primeira, o comentário é sobre a morte da mãe e rememora sua infância, confidenciando que, diante da morte inexorável, sentiu-se mais próxima da mãe do que quando era bem pequena. Não obstante, admite que esses cuidados dedicados à mãe passavam pela compaixão e não por “amor real”.

Novembro foi um mês fúnebre; de fato, morreu minha mãe, interminavelmente. Meu Deus, a que ponto – como você o diz – essas velhas mulheres se agarram à vida! [...] todo o mundo enchendo-a de cuidados, minha irmã, eu, juntos dela, dia e noite, em seu quarto. Não por amor real, no meu caso, mas por profunda e amarga compaixão – ela queria tanto viver! [...]. Durante aquele mês, ela esteve próxima de meu coração, mais próxima mesmo que em minha primeira infância (Beauvoir, 2000, p. 548).

Na segunda carta, o comentário é sobre o livro que escreveu e Beauvoir (1985) assume, sem rodeios, a necessidade “violenta” da escrita diante da morte de sua mãe. Violenta a ponto de ficar meses sem escrever a Algren. Essa “compulsão violenta” seria uma forma de tratamento para uma suposta devastação diante da perda de sua mãe? Esta questão será retomada mais adiante, com uma citação de Marguerite Duras.

[...] Você tem razão, sou mesmo um bicho repugnante por não lhe ter escrito faz meses. Atolada como uma maníaca na literatura, estive escrevendo um texto sobre a morte de minha mãe que me perturbou muito, eu lhe expliquei o porquê – precisava escrever sobre isso. Jamais obedeci a uma compulsão tão violenta (Beauvoir, 2000, p. 551).

Nesse livro em que narra a morte de sua mãe, Beauvoir a descreve como uma mulher forte e corajosa e que, embora se chocasse com o que a filha escrevia em seus livros, o sucesso destes a deixava lisonjeada. Beauvoir supõe que Françoise de Beauvoir, sua mãe, não foi uma

criança feliz, pois sua avó era muito fria e não expressava nada além de uma afeição convencional por Françoise de Beauvoir, que foi criada sob uma armadura de princípios e proibições de acordo com o que diz Beauvoir em suas memórias. A filósofa relata que Françoise de Beauvoir não era delicada com as filhas (não por sadismo, mas para reafirmar seu poder sobre elas). Em relação à vida de casada com seu pai, Beauvoir narra que a mãe renunciou a muitos sonhos em nome do que era importante para o marido, chegando a fazer serviços domésticos quando faltavam dinheiro e serviços (mas não sem expressar um amargor diante disso) e afirma que a beleza da mãe não a protegia da sociedade parisiense, pois ela era uma mulher bela, porém provinciana e pouco perspicaz. Beauvoir imagina que muitas das mulheres com quem a mãe se relacionava socialmente tinham casos com seu pai, Georges de Beauvoir. Aqui, considerando o que foi dito da relação entre a mãe e a vó de Beauvoir, é interessante citar Ana Kuss (2022, p. 101), em sua tese de doutorado:

As complicações que uma mulher encontra em seu casamento, portanto, após se tornar mãe, não advêm apenas da identificação que fazem da mãe enquanto mãe, mas também da identificação que fazem com a mãe enquanto mulher.

Ao encontrar a mãe acamada no hospital e em posição de objeto frente à equipe de saúde e a ela mesma, Beauvoir se sente abalada a ponto de escrever e publicar que o fato de a mãe não se sentir envergonhada por estar nua, com o púbis exposto a fez olhar fixamente para o jardim e não para seu corpo nu: alega que a situação de sua mãe a abala mais do que havia imaginado. É suficientemente psicanalítico – e evoca o texto freudiano sobre as chamadas correntes terna e sensual no tocante a escolha de objeto de amor feita pelos homens (hoje, após Lacan, lemos como uma escolha de amor feita por sujeitos em uma posição fálica) – o excerto em que Beauvoir relata o que sentia, na infância e adolescência, na presença do corpo de sua mãe, em contraposição ao abalo sentido ao ver seu corpo enfermo:

A visão da nudez de minha mãe me abalara. Nenhum corpo existia menos para mim: nenhum existia mais. Enquanto criança, eu o amava profundamente; enquanto adolescente, ele me enchia de uma repulsa incômoda: tudo isso estava perfeitamente no curso normal das coisas e parecia-me razoável que seu corpo mantivesse essa natureza dupla, que fosse ao mesmo tempo repugnante e sagrado – um tabu (Beauvoir, 1985, p. 31, tradução nossa)⁶.

⁶ *The sight of my mother's nakedness had jarred me. No body existed less for me: none existed more. As a child I had loved it dearly; as an adolescent it had filled me with an uneasy repulsion: all this was perfectly in the ordinary course of things and it seemed reasonable to me that her body should retain its dual nature, that it should be both repugnant and holy – a taboo.*

Este tabu – o tabu do incesto –, compreende, no dito de Beauvoir, o que é repugnante e o que é sagrado, retomando as condições de escolha de objeto freudianas, em que a mãe aparece como prostituta, ou como santa. A afamada relação ambivalente entre mãe e filha, de amor e de ódio, também surge quando Beauvoir fala de sonhos recorrentes com a mãe. Isso, a meu ver, também passaria pelo que Joan Rivière (1991) pontua em seu texto a respeito de mulheres altamente fálicas (como no caso de Beauvoir) que se colocam a serviço de suas mães e de outras mulheres desamparadas desde que não haja uma rivalidade muito intensa para, de forma inconsciente, restituir-lhes o falo roubado do pai:

De modo geral, eu pensava nela sem nenhum sentimento particular. No entanto, durante o meu sono (embora meu pai só fizesse aparições muito raras e depois insignificantes) ela desempenhava frequentemente um papel muito importante: misturava-se com Sartre, e éramos felizes juntos. E o sonho se transformava em pesadelo: por que eu estava morando com ela mais uma vez? Como eu chegara a estar em seu poder de novo? Assim, nosso antigo relacionamento viveu em mim nesse duplo aspecto – um assunto que eu amava e odiava (Beauvoir, 1985, p. 196, tradução nossa)⁷.

“Misturava-se com Sartre” evoca, imediatamente, o conceito freudiano de condensação, deixando transparecer que a ambiguidade do amor e ódio endereçados à figura materna retorna, inconscientemente, em seus sonhos. Essas duas figuras misturadas, fusionadas, condensadas representariam o quê, senão esse amor e ódio gestados pré-edipicamente e atualizados nas parcerias amorosas da vida adulta? Françoise de Beauvoir dependia financeiramente da filha e esse pode ser outro ponto de leitura dessa tentativa inconsciente de restituição do falo paterno que, em sonho, aparece em forma de angústia de ter que voltar a viver sob o poder da mãe.

Beauvoir, mesmo com a mãe hospitalizada e prestes a falecer, acompanha Sartre em uma viagem a Praga (não sem o consentimento de sua mãe). Este fato é importante para compreendermos que Beauvoir deixava seus amores (Algren e a mãe) para acompanhar Sartre onde quer que ele fosse – essa fidelidade incondicional a Sartre aparecerá em excertos mais adiante, mas a agenda de Beauvoir para encontrar Algren estava sujeita, inclusive, aos caprichos de uma das namoradas de Sartre: em sua primeira viagem mais longa aos Estados Unidos (aquela em que passaria quatro meses com o escritor americano), Beauvoir refaz seus planos

⁷ *Generally speaking I thought of her with no particular feeling. Yet in my sleep (although my father only made very rare and then insignificant appearances) she often played a most important part: she blended with Sartre, and we were happy together. And the dream would turn into a nightmare: why was I living with her once more? How had I come to be in her power once again? So our former relationship lived on in me in its double aspect – a subject that I loved and hated.*

porque a namorada de Sartre declina seu convite para ficarem juntos enquanto Beauvoir estivesse também em viagem.

As cartas de M. [amante de Sartre] eram sombrias; ela consentira de má vontade em passar quatro meses com Sartre enquanto eu estivesse viajando com Algren. Poucos dias antes da minha partida, escreveu a Sartre dizendo que decididamente não voltaria a vê-lo: não nessas condições. Eu caí em grande perplexidade. Tinha uma vontade imensa de ficar de novo perto de Algren; mas, afinal de contas, só havia vivido três semanas com ele; não sabia em que medida eu estava apegada a ele: pouco, muito ou mais ainda? A questão teria sido ociosa se as circunstâncias tivessem decidido por mim; mas de repente eu tinha a escolha: sabendo que poderia ficar com Sartre, expunha-me a remorsos que se transformariam, senão em rancor para com Algren, pelo menos em despeito contra mim mesma. Optei por um meio-termo: dois meses na América, em vez de quatro. Algren contava me reter por mais tempo, e eu não ousei lhe contar, claramente, minhas novas disposições: arranjaria as coisas pessoalmente (Beauvoir, 2009, p. 177-178).

Após todo o desgaste no relacionamento com Algren por ter comunicado, durante as férias que os dois passavam juntos, que não ficaria os quatro meses combinados inicialmente (e após ter retornado a Paris), Beauvoir tem notícias de que a caprichosa namorada de Sartre liga, aos prantos, pedindo-o que fosse passar um mês com ela em Nova Iorque. Beauvoir esperava sair de férias com Sartre e é deixada por este, que vai ao encontro de M. nos Estados Unidos. Beauvoir, lamentando ter voltado dos Estados Unidos prematuramente (e devido à agenda de Sartre com a namorada), manda um telegrama para Algren e diz querer retornar a Chicago. Algren responde que estava muito ocupado com o trabalho e Beauvoir permanece em Paris e sem Sartre:

Lamentei ter abreviado minha permanência nos EUA. Propus a Algren, por telegrama, retornar a Chicago: 'Não. Tenho trabalhado demais', respondeu-me ele. Fiquei triste; o trabalho não passava de um pretexto, mas também fiquei aliviada: aqueles reencontros, aquelas partidas, os arrufos e os impulsos me estafavam. Durante um mês em Paris, trabalhei, li e revi meus amigos (Beauvoir, 2009, p. 186).

A partir dessa breve introdução do primeiro amor de Beauvoir, passo para um de seus casos de amor, aquele que divide o protagonismo desta dissertação, Algren, e aproveito o ensejo para explicar que Sartre, companheiro de Beauvoir de toda uma vida, não será parte desta dissertação senão como uma personagem coadjuvante. O destaque de minha análise é para Algren no sentido de que é ele o destinatário das cartas aqui lidas e analisadas. O curioso – e esta é uma questão deste trabalho – é que a liberdade publicamente proclamada entre Beauvoir e Sartre esbarra no viés da necessidade de seu pacto e de sua própria experiência frustrada – no sentido de que, se conseguiram manter seu amor necessário (ainda que o amor entre eles tenha se aproximado de um amor fraterno), não conseguiram se desviar das intempéries que

envolviam terceiros em suas peripécias amorosas. Beauvoir e Sartre parecem reproduzir, em alguns momentos do pacto e em contraste com suas reivindicações filosóficas e políticas, o pacto patriarcal da era vitoriana em que escreve Freud: ao homem tudo cabe (Sartre orquestrava seus encontros com outras mulheres e Beauvoir obedecia, colocando em risco sua relação com Algren, mas respeitando seu contrato com Sartre).

2.2 Simone de Beauvoir e Nelson Algren

Na fração dedicada ao encontro com Algren (ou ao amor) em “A força das coisas”, Beauvoir (2017) revela que sua história com Algren foi ficcionalizada em “Os mandarins” e lança uma pergunta a respeito da fidelidade, seguida de uma resposta. É interessante trazer, aqui neste ponto, o comentário de Lacan (2008, p. 75) a respeito do amor cortês e de como ele se enraíza no discurso da fielde e da fidelidade ao Senhor Feudal, culminando com o amor cortês sendo “[...] a única maneira de se sair com elegância da ausência de relação sexual”. Assim, o pacto de fidelidade entre Beauvoir e Sartre – e aqui a leitura é de que o que eles tentaram fazer foi um pacto de fidelidade não ordinário – pode ser considerado uma saída elegante, encontrada pelo par, para a ausência da relação sexual?

Embora tenha contado essa história – de maneira muito inexata – em ‘Os mandarins’, volto a ela [...] entre a fidelidade e a liberdade, há conciliação possível? A que preço? Muitas vezes pregada, pouco observada, a fidelidade integral é geralmente um peso para aqueles que a impõem a si próprios como uma mutilação: consolam-se com sublimações, ou com o vinho (Beauvoir, 2009, p. 145).

Esta passagem, considerando o pacto firmado com Sartre de “amor necessário e de amores contingentes”, é importante para este trabalho porque possibilita questões de caráter psicanalítico como o terceiro prejudicado e a mulher que não goza com seu “possuidor legítimo”. Algren, terceiro vértice do triângulo Sartre-Beauvoir-Algren, chega por último nessa história e, apesar de não ser ele o terceiro prejudicado no sentido postulado por Freud – este seria Sartre, que tinha direitos em relação a Beauvoir –, acaba saindo prejudicado porque Beauvoir permanece na França, com Sartre, e em desfavor de uma vida com Algren nos Estados Unidos. Não fica claro, nas memórias autobiográficas de Beauvoir, seu consentimento com o pacto amoroso mantido com Sartre no nível do desejo (psicanaliticamente falando, posto que, cultural e socialmente, ela se localiza bem no acordo) – para manter o critério da pesquisa que se atém à escrita de Beauvoir e não ao que os biógrafos dizem sobre ela, não avancei nessa investigação além do que ela própria disse em suas memórias e cartas. Não obstante, há

especulações possíveis sobre esse consentimento no que concerne ao desejo e é isso que, em certo ponto, essa pesquisa também comunica: o hiato, a brecha entre a feminista que não se casa, não tem filhos e vive uma vida de acordo com sua filosofia e a mulher que goza quando está completamente à disposição de um homem durante alguns meses do ano, em suas férias de verão.

A esse respeito, uma discrição necessária comprometeu a exatidão do quadro pintado em ‘A força da idade’, pois, se meu acordo com Sartre se mantém há mais de trinta anos, não foi sem algumas perdas e brigas de que ‘outros’ foram vítimas. Esse defeito do nosso sistema se manifestou com particular acuidade durante o período que estou narrando [o período com Algren] (Beauvoir, 2009, p. 146).

Jacques-Alain Miller (2015a) retoma o texto freudiano e o lacaniano, relatando que o texto “A significação do falo”, de Lacan (1998a), é considerado o quarto da prestigiada série freudiana “Psicologia da vida amorosa”. O psicanalista ratifica que o prejuízo a um terceiro é importante na escolha de objeto feita pelo homem, ou seja, a mulher, para ser desejada, precisa ser de outro – é sempre importante ter em mente a leitura atual de “homem” e “mulher” como posições enunciativas. Seria adequado pensarmos o encontro entre Algren e Beauvoir a partir desta perspectiva do terceiro prejudicado? Beauvoir era, legitimamente, de Sartre – embora também não formassem um casal ordinário, assim compreendo o vínculo entre os dois, respaldada pelas diversas vezes em que Beauvoir declarou jamais poder deixá-lo –, e era, também, uma mulher de má reputação. Foram essas duas condições de Beauvoir, a de ser de outro homem e ser de má reputação, que seduziram Algren? Beauvoir também se encanta por um sujeito de má reputação, que mantinha relacionamentos, ao menos carnavais, com outras mulheres e que tinha como companhia viciados e prostitutas de Chicago.

No primeiro capítulo do livro “A força da idade”, Beauvoir aborda o seu relacionamento e pacto com Sartre, dizendo que, no início, aos 20 anos, diziam que tinham um “casamento morganático⁸” e não esconde a euforia dos dois diante da esquerda francesa no ano de 1929, nos primórdios de sua vida juntos. Em forma de retrospecto, Beauvoir conta que havia diferenças entre ela e Sartre em relação a seu modo de vida não convencional porque ela conquistara uma liberdade enquanto ele apenas chegava a um estágio em que chegaria, natural e simplesmente, por conta de sua idade adulta e não por lutas e conquistas. Beauvoir faz uma análise lúcida da condição das mulheres em relacionamentos amorosos (mesmo que com privilégios pequenos burgueses), principalmente no que diz respeito à fidelidade e aos

⁸ “Diz-se do casamento de uma pessoa nobre com uma pessoa plebeia, em que esta não recebe todos os direitos e bens como no casamento ordinário” (Morganático, 2024).

encontros sexuais com outras pessoas. Por mais que ela pareça se afastar de seu comentário, como se fosse apenas observadora de tal tipo de arranjo, o que resulta é que ela faz uma análise de uma situação em que ela própria – junto com Sartre – é participante ativa:

Há uma forma que observei amiúde e que não passa de grande hipocrisia; limitada ao terreno da sexualidade, não visa em absoluto a criar uma íntima compreensão entre o homem e a mulher, e sim a fornecer a um deles – ao homem em geral – um tranquilo álibi: ele se embala na ilusão de que, confessando suas infidelidades, ele as resgata, quando na realidade inflige a sua parceira uma dupla violência (Beauvoir, 2009, p. 31).

Em conformidade com os comentários de Miller (2015b, p. 26) no tocante a “Psicologia da vida amorosa” e “A significação do falo” (Lacan, 1998a), há disjunção entre direito e gozo: aquele homem que possui, legitimamente, uma mulher não acessa o gozo desta “[...] ter direito legal a uma mulher assegura que o gozo, o gozo dela, estará em outro lugar. Só se pode ter acesso ao gozo através da infração da lei [...]”⁹. Embora a infração a essa lei à qual se refere Miller (2015b) seja uma infração à lei da estrutura simbólica (a lei do Nome-do-Pai) – é sabido que Beauvoir e seus pares românticos infringiram muitas leis (simbólicas ou morais) em suas histórias de amor –, a pergunta que se coloca é sobre a posição ocupada por cada uma das personagens no triângulo Sartre-Beauvoir-Algren. É possível essa leitura em que Sartre seria o terceiro prejudicado, o “possuidor legítimo” de Beauvoir e, nesse sentido, teria sido com Algren que ela experimentou um gozo Outro? Esse tópico é espinhoso porque outra perspectiva seria a de que, mesmo com Algren, Beauvoir ainda estava referenciada à linguagem (ou ao falo), reivindicando um gozo pela palavra. O que não elimina os questionamentos sobre a experiência de gozo de Beauvoir entrevistas em suas missivas amorosas, uma vez que, conforme apontam Denise Mello e Joana Souza (2021, p. 760), “[...] o gozo Outro talvez possa ser pensado como uma operação na qual o imaginário se impõe sobre o real, e, embora prescindida da mediação simbólica, só o faz porque pode ter se servido dela”. No capítulo quatro, a clivagem da devastação entre uma face fálica e outra não-toda fálica pode ajudar a esclarecer melhor essas perguntas (ou pode conduzir a um desentendimento ainda maior). Mais adiante, ainda neste segundo capítulo, a mobilidade feminina que Beauvoir personifica alça-se como uma chave de leitura, inclusive, para a uma das perguntas da dissertação: seriam os amores contingentes essenciais para a manutenção dos amores necessários?

⁹ [...] *Tener derecho legal a una mujer assegura que el goce, el goce de ella, estará en otro lugar. Se ve que sólo se puede tener acceso al goce a través de la infracción a la ley.*

Fragmentos das cartas e das memórias evidenciam que seu corpo ficava “febril, adoecido” ao ouvir palavras de amor vindas de Algren. Isso pode ser chamado de gozo Outro? Ou, por ainda estar referenciado aos significantes que lhe chegavam do Outro, esse gozo é fálico? Seria possível supor que, linear e cronologicamente falando – se isso for, em alguma medida, factível –, houve uma experiência de gozo no encontro contingente com Algren, seguida por uma necessidade de experimentar esse gozo – Outro ou fálico – outras vezes? E disso, rompeu-se uma angústia de perder o objeto de amor (que seria, para a mulher, a angústia de castração) e uma demanda incessante por palavras de amor que a fariam gozar e, quiçá, lhe diriam algo sobre seu ser mulher?

À vista disso, a profícua escrita missivista de Beauvoir tratada nesta dissertação caracterizaria uma necessidade que assola a contingência do encontro? Essa escrita – missivista, autobiográfica (ou mesmo ficcional, considerando “Os mandarins”) – demonstraria uma angústia que leva a uma demanda ilimitada de amor (causando devastação), e a um consequente tratamento inconsciente para essa devastação? A pergunta sobre a demanda ilimitada de amor se fundamenta em Lacan (2008), que reitera o que já havia sinalizado anos antes sobre as formas feminina e masculina, bem distintas entre si, de lidar com o amor. Cito duas passagens valiosas para os fins deste trabalho: a primeira, a seguir, diz sobre essa forma feminina de demandar “[...] o amor demanda o amor. Ele não deixa de demandá-lo. Ele o demanda... *mais...ainda. Mais, ainda*, é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda do amor” (Lacan, 2008, p. 12) e a segunda não só se dirige ao que difere as duas formas, como cita também a carta de amor:

[...] A alternância, a carta de amor, não são a relação sexual. Eles giram em torno de não haver relação sexual. Há então a maneira masculina de girar em torno, e depois a outra, que não designo de outro modo porque é disto que este ano estou em processo de elaboração – como, da maneira feminina, isto se elabora (Lacan, 2008, p. 63).

Os dois parágrafos anteriores tocam em conceitos e teses que serão abordados agora a fim de situar o leitor: a partir da tábua da sexuação, é possível abordar as posições de gozo, a não relação sexual e o gozo Outro. Abordar a tábua da sexuação para fins de esclarecimento ao leitor não significa destrinchá-la, pois isto implicaria explicações que envolvem as fórmulas quânticas escritas por Lacan (2008), passando por Aristóteles, Frege e Freud (Totem e Tabu), o que extrapolaria os limites de recorte deste trabalho.

Para apresentar o que se chama de gozo Outro, é necessário chegar à tabua da sexuação, proposta por Lacan (2008) no “Seminário, livro 20: mais, ainda” (*Encore*)¹⁰. Nesta tábua, que Lacan (2008) divide em lado esquerdo e lado direito, o lado esquerdo comportaria o lado masculino e fálico, que teria acesso apenas ao gozo fálico. O lado direito da tábua comportaria o lado feminino, também chamado de não-todo fálico e que acessaria, além do gozo fálico, um gozo Outro – não simbolizável, não circunscrito e, portanto, infinito. Os conceitos de gozo (masculino e feminino, fálico e não-todo fálico) e a própria tábua da sexuação nos levam ao aforismo “não há relação sexual” e o que vem fazer suplência a não-relação sexual, de acordo com Lacan (2008), é o amor. De forma sintética, “não haver relação sexual” quer dizer que não há complementaridade entre os sexos; eles não se correlacionam de forma direta; de acordo com Miller (2015a), “não há relação sexual” quer dizer que o corpo sexuado faz parceria no nível do gozo – como erotomania ou como fetiche; as posições masculina e feminina são construtos que dizem da enunciação subjetiva e são fluidas, podendo os corpos falantes transitar de um lado a outro da tábua:

Em frente, vocês têm a inscrição da parte mulher dos seres falantes. A todo ser falante, como se formula expressamente na teoria freudiana, é permitido, qualquer que ele seja, quer ele seja ou não provido dos atributos da masculinidade – atributos que restam a determinar – inscrever-se nesta parte. Se ele se inscreve nela, não permitirá nenhuma universalidade, será não-todo, no que tem a opção de se colocar na $\overline{\Phi x}$ ou bem de não estar nela (Lacan, 2008, p. 86).

O que se toma por gozo Outro pode ser chamado também de gozo feminino, ou não-todo fálico, caracterizado por uma experiência em que o sujeito, em posição feminina, o experimenta de forma contingente e não tem como colocá-lo em palavras: “Quando digo que a mulher é não-toda e que é por isso que não posso dizer *a* mulher, é precisamente porque ponho em questão um gozo que, em vista de tudo que serve na função $\overline{\Phi x}$, é da ordem do infinito” (Lacan, 2008, p. 110).

Este gozo difere do gozo masculino, ordenado pelo simbólico, pelo imaginário e por significantes fálicos, em oposição ao gozo Outro. Quando se pensa no amor, as formas de gozo, masculina e feminina, são consoantes à lógica da tábua de sexuação visto que a condição de amor masculina fetichista, que visa a um objeto causa de desejo (o objeto *a* se encontra do lado direito da tábua), responde a uma lógica fálica e simbolizável “só lhe é dado atingir seu parceiro sexual, que é o Outro, por intermédio disto [objeto *a*], de ele ser a causa de seu desejo” (Lacan,

¹⁰ O título em francês é importante por causa da homofonia com *en-corps* (no corpo).

2008, p. 86), ao passo que a forma feminina e erotônoma de amar não se contenta com o que tem: demanda sempre mais e, desde Freud, não se sabe o que quer:

Agora, o outro lado [da tábua]. O que abordo esse ano é o que Freud deixou expressamente de lado, o *Was will das weib?* ‘O que quer uma mulher?’ Freud adianta que só há libido masculina. O que quer dizer isto? – senão que um campo, que nem por isso é coisa alguma, se acha assim ignorado. Esse campo é o de todos os seres que assumem o estatuto da mulher – se é que esse ser assume o que quer que seja por sua conta (Lacan, 2008, p. 86).

Ainda sobre o objeto *a*, Elisa Alvarenga e Lucíola Macêdo (2023, p. 32), dizem que, no “Seminário, livro 20: mais, ainda”, o objeto *a* é tomado como semblante e seria uma tentativa, dos homens e não das mulheres, de atravessar o muro que há entre o homem e a mulher – referência ao (a)muro de Lacan em “Estou falando com as paredes” – através da fantasia. De acordo com Heloísa Bedê (2022, p. 81), em sua dissertação “Entre fronteira e litoral: um percurso da recusa histérica aos testemunhos esporádicos do não-todo”, “o sujeito masculino, quem quer que seja, se apegua ao limite fálico, que é o que permite a ele gozar apenas de sua própria fantasia, sem abrir-se ao Outro como alteridade radical”.

Sobre o encontro contingente, o “Seminário, livro 20: mais, ainda” é fundamental para esta dissertação, visto que é a partir dele que farei a articulação entre contingência e necessidade propostas por Lacan (2008, p. 100) e o pacto entre Beauvoir e Sartre: “A análise presume, do desejo, que ele se inscreve por uma contingência corporal”. No terceiro capítulo, a necessidade e a contingência serão retomadas com vistas a estruturar uma das hipóteses deste trabalho, que seria a de encontrar, a partir de evidências textuais, conexões entre contingência-arrebatamento e necessidade-ruína no que Beauvoir escreve para Algren e sobre seu encontro com ele. A já mencionada mobilidade feminina encarnada por Beauvoir, e que, inspirada pelo trabalho de Marcela Normand (2020), será nomeada como não-toda contingente e não-toda necessária, servirá como orientadora para as questões de contingência e necessidade de que se apresentam desde o título desta dissertação. Entretanto, como essas perguntas já foram anunciadas neste segundo capítulo, recupero uma citação de Lacan (2008) para dizer que, no instante do encontro, o falo se escreve, mas isso não permanece: se permanecesse, deixaria de ser contingente e se tornaria necessário – paradoxalmente, os enamorados querem que aquele instante do encontro “fulgurante, milagroso”, continue se escrevendo e, por isso, tencionam que a experiência contingente se multiplique, caindo, irremediavelmente na necessidade que arruína.

O necessário, ele nos é introduzido pelo *não para*. O não para do necessário é o *não para de se escrever*. É mesmo a essa necessidade que nos leva aparentemente a análise da referência do falo. O *não para de não se escrever*, em contraposição, é o impossível, tal como o defino pelo que ele não pode, em nenhum caso, escrever-se, e é por aí que designo o que é da relação sexual – a relação sexual não para de não se escrever (Lacan, 2008, p. 100-101, grifo nosso).

Essas diferentes posições “não-toda” ocupadas por Beauvoir demonstram a fluidez das posições feminina e masculina e de seus arranjos na tábua proposta por Lacan (2008) e que, em momento já avançado de minha pesquisa – e tomando como parâmetro as dissertações de Normand (2020) e de Bedê (2022) –, resolvo nomear, no caso de Beauvoir, como uma mobilidade de que ela se serve para transitar dentro (e fora) do pacto com Sartre e que, a meu ver, pode ter se dado pelo fato de poder ser não-toda contingente e não-toda necessária em seu relacionamento triangular com Sartre e com Algren (e, possivelmente, com outros objetos de amor). Ou seja: Beauvoir soube ser não-toda fetichista e não-toda erotônoma; não-toda fálica e não-toda Outra. Ao tomar de empréstimo o que Bedê (2022) nos traz com sua dissertação de mestrado, um holofote é lançado sobre a questão de Beauvoir “não-toda” já que, de acordo com Bedê (2022), o sujeito em posição feminina, não importando seu gênero ou seu sexo, pode usar a referência fálica como uma âncora que lhe impediria de submergir em um gozo oceânico quando do encontro – contingente – com este. Bedê (2022) também esclarece que os “contingentes esbarrões” com os limites da linguagem podem ser notados em testemunhos – esporádicos – em que o sujeito se queixa de um transbordamento que não se refere ao outro, mas a si próprio. Esse “transbordamento” ou essas “irrupções do feminino”, escreve Bedê (2022, p. 79), podem passar pelo campo simbólico “por meio de uma bricolagem radicalmente singular, na tentativa de nomear o que desse impossível de dizer atravessa seus corpos”. O que, para fins de análise dos trechos epistolares utilizados na presente pesquisa, se faz fundamental é uma forma de discernir, dentro daquilo que se encontra no campo do simbólico – afinal, o que se tem como material de análise para esta dissertação são cartas e memórias –, o que seria um gozo referido ao falo e o que seria um gozo mais além do falo e esta indicação encontra-se no texto de Bedê (2022, p. 80-81):

Transbordar-se é ser atravessado pela alteridade radical do próprio gozo, em um empuxo sem direção, que retorna para o sujeito como um perder-se de si, como uma vertigem diante do ilimitado. Ser transbordado, por outro lado, já é uma formulação que implica outro: se é transbordado por algo ou alguém externo ao próprio corpo – o que já demarca, de partida, uma relação com limite... comum ao universo fálico.

Abaixo, há uma citação de Beauvoir que, em uma leitura prévia e inadvertida, havia parecido um bom indício de gozo Outro, por trazer significantes que se referiam a seu corpo:

febre *versus* boa saúde; choque que deixa fisicamente doente *versus* amor que brinda. Contudo, a partir da citação acima (que diferencia “transbordar-se” de “ser transbordado”), o que Beauvoir confessa sobre seu corpo, parece estar, ainda, referido a um outro – foram as palavras de Algren que a “brindaram”. A aproximação ao feminino na relação com Algren é contingente visto que os significantes fálicos “Sartre”, “a literatura” e “a França” pendem para o lado esquerdo da tábua da sexuação e também porque, mesmo que responda com seu corpo a palavras proferidas por Algren, a missivista ainda está referida a um registro simbólico e, portanto, fálico, que vem do outro.

Certamente, você tem o poder de me causar em alguns minutos uma espécie de febre que vale dez minutos de boa saúde. É possível – já que seu duro coração é profundo e quente, mas não tão febril como o meu – que você possa não compreender o choque que me causou, mais uma vez, algumas horas atrás, o amor com que você me brindou. Um choque me deixou fisicamente doente. E é para lutar contra este mal-estar que escrevo, perdoe-me, então, se esta carta parece insensata, tenho de evitar isso. Além disso, frequentemente tive necessidade de lhe dizer, dizer e tornar a dizer que reflexões a nossa história me inspira [...]. Eu não poderia abandonar Sartre, a literatura, a França [...]. Se eu o ferir, ao abandoná-lo, também não deixei de me ferir (Beauvoir, 2000, p. 30).

As principais perguntas do trabalho – sobre a necessidade de Beauvoir experimentar, outras vezes, um gozo (Outro ou fálico) sentido no encontro contingente com Algren e se houve consequências devastadoras disso – já estão postas neste segundo capítulo e serão revisitadas ao longo das próximas seções do trabalho. A ideia do encontro contingente, tal qual formulada por Lacan (2008), reaparecerá, nesse próximo capítulo, já conjugada com o arrebatamento – bem como a necessidade será conjugada com a ruína do que sucede após o encontro. A partir da próxima seção, as cartas chegam de forma mais solene, com um capítulo inteiramente dedicado a elas. Primeiramente, o esforço será de contextualização da importância das cartas para a psicanálise. Para isso, o “Seminário, livros 18: de um discurso que não fosse semblante” e o “Seminário, livro 20: mais ainda” desempenharão papel fundamental e Rosa (2022) também ajudará nessa condução. A partir do que Lacan diz do papel da carta de a(l)mor, chega-se a um gozo pela fala e este será pontuado com as valiosas contribuições de Miller (2015a) em “O osso de uma análise”, incluindo explicações sobre as formas erotônoma e fetichista de amar e de gozar.

3 AS CARTAS DE AMOR DE SIMONE DE BEAUVOIR PARA NELSON ALGREN

“É idiota escrever cartas de amor, o amor não se pode dizer por cartas, mas o que fazer quando esse horrível oceano se estende entre a gente e o homem que a gente ama?” (Beauvoir, 2000, p. 23). Beauvoir foi uma missivista contumaz e o capítulo de sua história com Algren desperta curiosidade porque o acesso a sua escrita íntima revela um ângulo não-todo feminista, não-todo fálico, não-todo companheira de Sartre. Beauvoir estava no auge de seu encontro amoroso com Algren enquanto escrevia “O segundo sexo” e lhe confessa: “É uma grande e extensa obra, que exigirá ainda um ano pelo menos, e quero que seja realmente boa, que você se orgulhe de sua mulher” (Beauvoir, 2000, p. 193), revelando-se “outra para si mesma” – não exatamente porque uma é a filósofa que escreve a obra que influenciou gerações de feministas e a outra é, contemporaneamente à primeira, essa mulher que berra pelo reconhecimento de seu “marido”, mas especificamente por conta daquilo que nem ela, escritora competente e missivista contumaz, conseguia descrever, em palavras, que experimentava, de forma contingente, no encontro com o escritor americano.

Em termos de literatura psicanalítica, Lacan (2008, p. 89) declara: “Falar de amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico” – o psicanalista introduz a tábua da sexuação e a carta de amor. De acordo com Miller (2016), essa carta de amor de Lacan seria uma exigência de que o objeto de amor fale e essa exigência viria do lado direito da tábua, isto é, do lado feminino e Lacan (2008) afirma que falar de amor já é um gozo em si. Miller (2015a) nos diz que a mulher exige que o homem fale para que ela goze e que o homem, para gozar, exige um detalhe, um pequeno objeto *a*. Assim, afirma que o parceiro-sintoma da mulher tem a forma erotomaníaca, enquanto o do homem tem a forma de fetiche – anunciando, também, que o silêncio sustenta o gozo masculino (caso ele tenha seu pequeno objeto de fetiche) que é sempre contabilizável e limitado, enquanto isso acontece de forma inversa para a mulher, que apresenta um gozo ilimitado e carece de resolver a questão do amor por meio da fala, revelando sua erotomania, isto é, ela precisa saber que é amada:

[...] O parceiro-sintoma do homem tem a forma *fetich*, enquanto o parceiro-sintoma do falasser feminino tem a forma *erotomaníaca*. Isso se vê no passe: os homens, de início, têm de resolver a questão da fantasia, da forma fetiche que as suas fantasias impõem ao parceiro, enquanto o falasser feminino, na análise, tem, em primeiro lugar, de resolver a questão do amor, e é isso a erotomania (Miller, 2015a, p. 94, grifo nosso).

É importante, novamente, esclarecer que homem e mulher são o que Miller (2015a) chama de *falasser*, isto é, sujeitos falantes em posições de enunciação e de gozo. Miller (2015a,

p. 97) prossegue suas elucidações a respeito da necessidade de se falar e de se escutar palavras de amor (mas não só as de amor, visto que toda palavra, mesmo a que fere, é bem-vinda), que surgem do lado feminino da tábua “[...] amar é dar o que não se tem, e não se pode dar o que não se tem senão falando, porque, falando, damos nossa falta-a-ser” e encerra suas ponderações sobre as parcerias sintomáticas dizendo que entende que a mulher é sempre uma “chata erotônoma” que “não pode deixar de perscrutar o amor do outro” e o homem é sempre “um monstro” (Miller, 2015a, p. 98), o que conflui com o que Naveau (2017) diz – e que será citado mais a frente – a respeito da “fala que fere” e da “mulher ferida”.

No “Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante” e no texto “O Seminário sobre ‘a carta roubada’”, entretanto, Lacan (1998b, 2009) declara que a carta tem um efeito feminizante e que, para chegar a seu destino, precisa encontrar um sujeito e aí reside um problema:

[...] A carta só chega a seu destino ao encontrar aquele que, em meu discurso sobre a *carta roubada*, designei pelo termo *sujeito*. Mas o sujeito se distingue por sua imbecilidade especialíssima [...]. O que tem seu peso é que, se a única pessoa a quem isso interessa, a saber, o sujeito, o Rei, a tivesse nas mãos, ele só compreenderia isto: que ela certamente tem um sentido, e que – aí é que está o escândalo – se trata de um sentido que a ele, o sujeito, escapa (Lacan, 2009, p. 96, grifo nosso).

Se o destino da carta é chegar a um sujeito a que o sentido escapa, “que se distingue por sua imbecilidade especialíssima”, como esperar, conforme verificamos no “Seminário, livro 20: mais, ainda”, uma resposta à demanda ilimitada de amor contida pela carta? Lacan (2009, p. 87) também alega que uma coisa é certa: “[...] é certo que a carta tenha algum sentido”. Mais adiante, em seu texto, Lacan (2009) esclarece que as cartas chegam também aos que nada podem compreender dela, conforme segue:

The purloined letter quer dizer que, de toda forma, ela chega a seu destino. E o destino, eu o forneço. Forneço-o como o destino fundamental de toda carta, no sentido de *epístola*. Ela chega, digamos, não só a este ou àquela, mas aos que nada podem compreender dela [...] (Lacan, 2009, p. 92, grifo nosso).

Assim, é possível retornar ao que diz Lacan (1998b) a fim de compreender um pouco melhor o que ele e seus comentadores dizem a respeito das cartas e da demanda endereçada a um objeto de amor. De posse do trecho em que Lacan (1998b, p. 30) se indaga sobre o verdadeiro destinatário da carta, “então, a carta/letra sobre a qual quem a enviou ainda conserva direitos não pertenceria plenamente àquele a quem se dirige? Ou será que este último nunca foi seu verdadeiro destinatário?”, é possível a pergunta: quando se escreve, para quem se escreve?

Quando se escreve? O que se tenta escrever? É possível escrevê-lo? De acordo com Alvarenga e Macêdo (2023), para Lacan, que bebe da fonte da lógica aristotélica, temos que o contingente seria o que “cessa de não se escrever; o impossível “não cessa de não se escrever”; o necessário “não cessa de se escrever” e o possível “cessa de se escrever”. A urgência (ou a necessidade) da escrita de Beauvoir, que se verifica em diferentes fragmentos citados neste trabalho, teria sido, então, a tentativa de não deixar que o encontro amoroso ficasse circunscrito a um instante, mas, conforme já colocado anteriormente neste trabalho, esta tentativa não é senão uma emboscada. Segundo o que encontramos no “Seminário, livro 20: mais, ainda”, a escrita (assim como a fala) seria para o objeto de amor, aguardando uma resposta deste. E, de acordo com Lacan (2009), a carta só chega a seu destino quando encontra o sujeito a quem o sentido escapa. Lacan (2009, p. 96) ainda afirma que “[...] a carta tem um efeito feminizante” – o que o autor quis dizer com isso? Que o efeito feminizante da carta seria o de fazer com que o sujeito experimente um gozo Outro, não representável simbolicamente?

Ou seja, de que, pelo simples fato de ter passado pelas mãos de Dupin, a carta o feminizou, por sua vez, o bastante para que seja exatamente nesse momento que ele não consegue se conter e manifesta uma certa raiva do ministro [...]. O que podemos dizer é que Dupin goza (Lacan, 2009, p. 97-98).

Rosa (2022, p. 79), a respeito dos efeitos de feminização da carta /letra, nos diz que Lacan lê esse efeito de feminização quando Dupin, ao se apossar da carta, deixa um bilhete para o Ministro e isso é uma “explosão passional”, é um “golpe baixo”. Rosa (2022, p. 82), prossegue em seu raciocínio a respeito da feminização imposta pela carta ao sujeito que a detém e chega a um lugar similar ao que Miller (2016) chegou no texto “Uma partilha sexual”: a autora chama atenção para os “signos” utilizados por Lacan para se referir à posição feminina – “silêncio”, “imobilidade”, “mistério”, “contradição”, “escândalo”, “raiva”, “caligrafia feminina”, “encobrimento”, “dissimulação”, “inação”. No conto de Poe, Rosa (2022) aponta os significantes “indolência”, “moleza” e “tédio”. O que chamo de similar ao que Miller (2016) fez se refere ao fato de que Rosa (2022) identifica um paradoxo que perturba essa série de significantes – pode-se dizer passivos? –, apontando para a “audácia” feminina, tal qual o fez Miller (2016). É acometido por essa “audácia” feminina que Dupin, ao trocar a verdadeira carta por uma falsa, deixa sua marca feminina e escreve um bilhete para o Ministro. O que chamo de paradoxo apontado por Rosa (2022) e que Miller (2016, p. 22) também o denuncia – os pares de significantes “prudência, timidez, atitude protetora e agressividade” *versus* “idealismo e heroísmo” associados à posição masculina e, na sequência, “intrepidez, audácia e risco” *versus*

“bom senso” correlacionados à posição feminina – não é senão a fluidez das posições feminina e masculina e isto se justifica aqui porque é de posse das cartas de Algren ou possuía por essas cartas – as que recebe e as que envia – que Beauvoir transita de uma posição a outra: por vezes é a filósofa feminista, por outras é a mulher que necessita de seu “marido”.

Se, conforme mencionado anteriormente, no “Seminário, livro 20: mais, ainda” Lacan (2008) introduz a tábua da sexuação, é no “Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante” que há uma antecipação desta e não pude me abster de fazer esse registro aqui já que, a partir da tábua, Lacan (2009) tematiza os gozos masculino e feminino. Ainda em relação ao papel das cartas, Miller (2015b) afirma que elas são um esforço de dirigir-se ao objeto *a* e esse esforço (ou esse deslocamento até o objeto *a*), conforme veremos mais a frente, é o que propicia o surgimento do amor – considerando que, para haver amor, tem que haver desejo e, para haver desejo, tem que haver a falta. Nesse sentido, a lacuna entre o recebimento de uma carta e a chegada da próxima, que tanto angustia, pode também ser considerada um espaço de deslocamento, um espaço vazio para o desejo poder se manifestar?

Como este é o capítulo em que as cartas de Beauvoir a Algren serão escrutinadas e como o conteúdo destas cartas é o que arrisco nomear de “queixa inicial” que dá início a esta pesquisa, recorro a Lacan (2008) (mas não sem o auxílio de Naveau, 2017) para encontrar pistas que podem ajudar a ler o que se escreve dos encontros contingentes – a relação sexual não se escreve, mas algo do encontro, sim, se escreve. Neste encontro, o que há não é a relação sexual, mas uma relação de sujeito a sujeito, cada um com o reconhecimento de que, em determinado instante, a relação sexual “*para de não se escrever*” (Lacan, 2008, p. 155).

Lacan (2008, p. 155) diz: “Todo amor se baseia numa certa relação entre dois saberes inconscientes”. A isso, prossegue fazendo menção aos dois tipos de gozo – o fetichista e o erotômano –, explicando que é por causa dessa diferença que “não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado – perverso de um lado, no que o Outro se reduz a objeto *a* – e do outro, eu direi louco, enigmático” (Lacan, 2008, p. 155). Para Lacan (2008, p. 121, tradução nossa), então, a contingência é o “*parar de não se escrever*”, enquanto o necessário é o “*não para de se escrever*” e a não relação sexual é aquilo que “*não para de não se escrever*”¹¹. É aferrada ao que, de acordo com o que diz Lacan (2008), se escreve por um átimo de segundo, e que, a partir disso, não para de se escrever, que diviso algo na epistolografia beauvoiriana a partir do encontro com Algren – suas demandas, seus anseios; ela

¹¹ No original, *ne cesse pas de ne pas s'écrire (l'impossible du réel)*, *cesse ne pas s'écrire (le contingent de la rencontre)*, *ne cesse pas de s'écrire (le nécessaire de l'amour)*.

não cessa de escrevê-los. Naveau (2017, p. 256) nos auxilia na tarefa de respirar melhor a aridez do “Seminário, livro 20: mais, ainda”:

A esse respeito, observemos que Lacan chama a atenção sobre a ‘maneira’ que isso cessa. Como entender isso? A relação sexual, até então, não cessava de não se escrever. Nada poderia dizê-la. Ela não existia no dizer. Havia, ali, uma impossibilidade. E, no momento do encontro – neste momento precisamente, e esta é a contingência –, a relação sexual *cessa de não se escrever*. Uma ligação é assim estabelecida, por Lacan, entre o encontro e o escrito. Ele parece então dizer que, naquele momento, alguma coisa se escreve, até mesmo se diz e, por isso mesmo, começa a existir. Então, o que é que se escreve? Um traço? Uma marca? Um rastro? Uma carta/letra de amor?

De acordo com Naveau (2017, p. 118), “o encontro [amoroso] exige que se passe pela fala, pelo desejo do Outro, pelo signo do Outro”. À vista do que foi visto sobre o impossível da relação sexual, que “não para de não se escrever”, a pergunta é o que se escreve do encontro entre Beauvoir e Algren, que é contingente e “para de não se escrever”; a hipótese é a de que, no afã de que a contingência do encontro não terminasse, Beauvoir cai na necessidade, naquilo que “não para de se escrever”, caindo também em apelos ilimitados por palavras de amor. De acordo com os fragmentos de cartas apresentados nesta dissertação, estaria Beauvoir fazendo parceria com o que Miller (2015b) chama de parceiro-devastação? Há, também, a já anunciada hipótese de que o amor contingente com Algren possa ter servido de “suplência” ao amor necessário com Sartre e isto será retomado mais à frente.

Os fragmentos de escrita a serem evidenciados neste trabalho, ainda que se valham de uma história de amor que começou no fim dos anos 1940, são significativos porque Beauvoir, para além da figura pública de filósofa existencialista companheira de Sartre, revela-se, na troca de correspondências com Algren, capaz de consentir em ser seu objeto de amor, como podemos depreender de inúmeras aberturas de suas cartas: o vocativo utilizado para se referir ao destinatário variava abundantemente “caro amigo”; “bem-amado”; “meu marido”; “meu querido”; “meu crocodilo bem-amado”; “Nelson, meu amor”. Essas são apenas algumas das alcunhas de que Beauvoir fez uso para escrever a Algren. O que não variava era como assinava: “sua Simone”. Esses vocativos afetuosos são uma pequena amostra de uma vasta coleção de juras de amor sem fim e estão em conformidade com o que diz Manoela Silveira (2014, p. 7): “[...] Investigamos o aparente hiato que distancia a mulher submissa e dependente, que se declara para seu interlocutor, da pensadora que se posiciona publicamente em favor das liberdades individuais”, sobretudo quando tomamos ciência de que Beauvoir gostaria que Algren se orgulhasse dela por conta de seu livro, “O segundo sexo”, conforme citado no parágrafo de abertura deste capítulo. Por mais incongruente que possa parecer – inclusive

porque o livro em questão é “O segundo sexo” –, essa é a tônica das cartas. Tomada por um “elã de fala”, Beauvoir faz reivindicações que passam pelo número de cartas que gostaria de receber a fim de que a frequência de envio e de recebimento pudesse estabelecer uma conversa dinâmica via cartas.

Se a devastação pode ser vivenciada por sujeitos em posição feminina, poderíamos depreender que Beauvoir, no (des)encontro com Algren, se apresenta tanto arrebatada quanto devastada? Inicialmente arrebatada, conforme ela própria diz na passagem transcrita no próximo parágrafo, e devastada quando os dois amantes chegam ao destino do amor? Segundo Naveau (2017), que lê Lacan para escrever sobre o encontro amoroso, esse destino ao qual os amantes sempre chegam é a “cilada do amor”, é a necessidade que assolapa a contingência do encontro. O encontro é contingente e arrebatador e, a partir do gozo experimentado nesse encontro, busca-se mais desse gozo e essa busca se torna uma necessidade. De acordo com Lacan (2008, p. 156), o encontro amoroso é o encontro de dois saberes inconscientes e quando a força da necessidade afasta a contingência é que se instaura o que ele chama de “o drama do amor”:

Todo amor, por só subsistir pelo *para de não se escrever*, tende a fazer passar a negação ao *não para de se escrever*, não para, não parará. Tal é o substituto que – pela via da existência, não da relação sexual, mas do inconsciente, que dela difere – constitui o destino e também o drama do amor.

“Nosso primeiro dia se assemelhou ao de Anne e Lewis em ‘Os mandarins’: embaraço, impaciência, mal-entendido, cansaço e enfim o deslumbramento de um entendimento profundo” (Beauvoir, 2009, p. 147). Beauvoir diz do “deslumbramento de um entendimento profundo” e Naveau (2017, p. 259) defende haver um saber, uma descoberta no encontro amoroso “para Lacan, se, de um lado, a temporalidade do amor é a do instante, do outro, é nesse instante que se produz uma ‘ruptura no saber’, quer dizer, um corte epistemológico. Uma espécie de descoberta, portanto”. Quanto ao que Lacan chama de “o drama do amor”, é sobre algo que está ligado ao saber: “[...] a mulher só pode amar em um homem ‘a maneira como ele enfrenta’ o saber implicado no encontro” (Naveau, 2017, p. 275). Beauvoir fala de um arrebatamento ligado a um “entendimento profundo” no dia do encontro com Algren e Naveau (2017), leitor de Lacan, argumenta que a comédia do amor se torna drama quando o sujeito não quer saber mais nada do encontro – quando não há mais interesse por um entendimento: “O esquecimento desse ‘instante de saber’ concernente ao encontro faz com que se corra o risco de

cessar de estar apaixonado ou apaixonada. A letra / carta de amor cessa de se escrever, de fazer ouvir a vivaz e tagarela palpitação de *lalíngua*” (Naveau, 2017, p. 263).

Observa-se que, nas cartas a Algren (e, em certa medida, diferentemente do que vemos em seu livro de memórias), Beauvoir estaria se aproximando do que, em psicanálise, chamamos de posição feminina ao mesmo tempo que se distancia de uma posição masculina – e, portanto, fálica – que encontramos, por exemplo, em seu livro de memórias “A força das coisas” quando Beauvoir descreve seu encontro com Algren de uma forma que muito se afasta da forma que escreve as cartas – uma forma mais íntima que se aproxima do feminino e que se distancia da imagem de filósofa existencialista e feminista que Beauvoir, até os anos finais de sua vida, se preocupou em sustentar, em consonância com o que afirma Rowley (2011, p. 19-20)¹², no prefácio da biografia que escreveu sobre Beauvoir e Sartre:

Ela [Beauvoir] respondeu a minhas perguntas como se tivesse as respostas na ponta da língua, sem a menor reflexão ou hesitação. Na saída, entristeceu-me perceber que ela não conseguia separar a realidade de sua vida do mito.

Em carta escrita a Algren em julho de 1947, ou seja, bem no início da troca de missivas entre os dois, Beauvoir (2000, p. 37) diz: “[...] desejando me sentir apenas uma mulher no coração de ‘um cara legal’. Senti que, a seus olhos precisamente, eu era uma mulher, e isso me agradou, porque você me agradava”. Se Beauvoir se aproxima do feminino em suas cartas de amor a Algren e se a devastação é um fenômeno pertencente ao modo de gozo feminino, podemos concluir que Beauvoir, ao escrever alguns dos trechos citados nesta pesquisa, encontrava-se devastada e em busca, ainda que inconsciente, de tratamento para essa devastação?

Beauvoir manteve uma troca de missivas por mais de quinze anos com Algren, que foi um jornalista e escritor norte-americano. Como o livro de cartas lido para este trabalho é composto apenas pelas cartas de Beauvoir a Algren, o leitor pode ficar, por vezes, com uma sensação anavalhada da não-resposta que tanto angustiou – e indago se chegou a devastar – a mulher Beauvoir nas vezes em que seu objeto de amor demorava para lhe escrever, ou mesmo quando ele parou, por completo, de respondê-la.

¹² Este é o único momento desta dissertação em que faço uso de uma informação sobre a vida de Beauvoir de origem biográfica e não autobiográfica. Haverá uma outra autora, a psicanalista Gorog (2011), que trabalha questões psicanalíticas em torno das relações amorosas de Beauvoir, ou seja, não se trata de um trabalho biográfico e, sim, psicanalítico.

Algren não me escrevia; enviei-lhe um telegrama ao qual não me respondeu. Decidi esquecê-lo provisoriamente: aquela tristeza eu não queria mais. Certa manhã, passeava em Tipaza, à beira-mar, esmigalhando folhas de menta, respirando um odor antigo de sol e de mato, e de repente me senti com vinte anos: nem dor, nem espera, só a terra e a água, e minha vida (Beauvoir, 2009, p. 187).

A dor de não receber uma carta do amado e a espera por essa mesma carta são índices da demanda desmedida de palavras de amor que retorna para o sujeito em devastação. No caso do trecho acima, a natureza serve como consolação, tal qual o vinho (conforme as palavras de Beauvoir citadas neste trabalho). Para Guilherme Rocha¹³, essa consolação seria uma hipótese que conservaria, ainda, uma demanda fálica de amor. Outra hipótese, seria a de que, a partir das sensações narradas, haveria um semblante de um gozo Outro, já que, conforme se verifica em Bedê (2022) sobre o encontro contingente entre litorais que podem se fundir, no momento em que há “só a terra, a água e a vida” e a autora se sente com 20 anos, trata-se de um sentir – e não de um dizer – da autora com ela própria, ou, no máximo, de um sentir que se encontra entre os litorais de sua vida (de seu corpo) com a água e com a terra.

Algren foi um jornalista e escritor norte-americano famoso pelo prêmio Pulitzer que ganhou em 1950 com o livro “*The man with the golden arm*”; Beauvoir dispensa apresentações. O livro “Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico” é composto por trezentas e quatro cartas escritas por Beauvoir a Algren entre 1947 e 1964 e foi editado e traduzido, do inglês, por Sylvie Le Bon de Beauvoir. Esta informação sobre a tradução é valiosa porque justifica uma escolha metodológica: não me ative a significantes específicos para analisar as cartas, mas a contextos, pois as cartas originais foram escritas em inglês e não foram publicadas. Mesmo a edição do livro em língua inglesa foi escrita a partir da edição original, publicada em francês. Assim, não há como saber qual foi a escolha lexical do texto de origem.

Beauvoir e Algren se encontram, pela primeira vez, na cidade de Chicago em 1947. Passam poucos dias juntos em Chicago e em Nova Iorque e, logo após esse primeiro encontro, Beauvoir volta para a França “disse também que nos reveríamos, mas não sabíamos quando nem como, e cheguei a Paris totalmente transtornada” (Beauvoir, 2009, p. 147). Os dois se encontram outras vezes (Algren foi duas vezes para a Europa; Beauvoir foi algumas vezes para os Estados Unidos), mas a maior parte do relacionamento se dá à distância, com a promessa – às vezes cumprida, outras, não – de reencontros que durariam meses. A descrição epistolar desse afastamento de corpos após o primeiro encontro – marcado pelo retorno de Beauvoir para a França –, assim como o próprio subtítulo do livro (“Um amor transatlântico”), sugeriria

¹³ Fala proferida por Rocha, em Belo Horizonte, no dia 5 de novembro de 2023.

aproximação a um sem limite feminino, ou mesmo a um deslumbramento? Já que, como nos diz Miller (2015a, p. 99-100), “um homem pode ser uma devastação para uma mulher, mas pode, também, ser o modo como acontece seu deslumbramento”. Se o deslumbramento é um “transporte” que leva a um estado de felicidade extrema, percebemos uma Beauvoir literalmente transportada e possivelmente deslumbrada ao sobrevoar, acompanhada de seu pranto, o vasto Oceano Atlântico em uma época em que voos transatlânticos ainda eram aventuras assustadoras. Beauvoir relata uma vivência de intensa emoção e afirma que o avião seria o único meio de transporte passível de se adequar a um estado de alma como o que ela vivia naquele momento. A vivência desta emoção, que é um estado de alma que só se adequaria à grandiosidade do transporte *par avion*, pode ser entendida como um gozo arrebatador? No trecho abaixo, a escritora, “ancorada” no simbólico Bedê (2022, p. 73), tenta dizer de seu estado de alma.

[17 de maio de 1947] A bordo de um avião da KLM sábado à tarde, Terra Nova [...]. Apoiei a testa contra a janela e chorei acima do mar azul, mas lágrimas doces, lágrimas de amor, do nosso amor. Eu o amo [...]. Gosto de aviões. Quando se vive intensamente uma grande emoção, ele é o único meio de transporte que se adequa ao nosso estado de alma, creio (Beauvoir, 2000, p. 13-14).

Algren rompe com Beauvoir em dois momentos distintos: em 1950 – de forma não categórica, mas carregada de ressentimento por Beauvoir priorizar sua vida na França com Sartre em detrimento da vida com ele, Algren, em Chicago – e em 1964, que é quando para, definitivamente, de respondê-la e dá à imprensa declarações hostis e depreciativas sobre o trabalho da escritora no livro “A força das coisas”. Teria Beauvoir ficado devastada diante desses desenlaces? Algren, ao ter sido a parte preterida de uma relação triangular, teria vivido momentos em que seu posicionamento subjetivo se aproximou do feminino? Essa situação teria sido “feminizante” e o encolerizado a ponto de levá-lo a esses ditos hostis, tal qual Dupin, encolerizado, resolve deixar um bilhete para o Ministro no conto de Poe? Aqui, é crucial evocar o pacto amoroso entre Beauvoir e Sartre – eles seriam o “amor necessário”, os outros seriam os “amores contingentes” – e a ruína que esse pacto causou a terceiros: “Sartre e eu havíamos sido mais ambiciosos; tínhamos desejado conhecer ‘amores contingentes’; mas há uma questão da qual nos havíamos levianamente esquivado: como o terceiro se acomodaria ao nosso arranjo?” (Beauvoir, 2009, p. 146). O que aconteceu com Algren diante do descortinamento público de seu romance transatlântico e de sua intimidade? Afinal, em seu livro de memórias, Beauvoir não economiza palavras para descrever a vida idiossincrática que Algren levava – fato que pode ter se revelado para Algren, no ano de 1964, um doloroso golpe, visto que, em suas cartas de

amor, Beauvoir se referia à casa de Algren em Chicago de forma terna: “[...] Por favor, não leve a falsa loira ao nosso ninho [...] como nossa casa em Wabansia é o melhor lugar do mundo, ela jamais vai querer ir embora” (Beauvoir, 2000, p. 79). Todavia, em seu livro de memórias, o tom descritivo de Beauvoir muda radicalmente, revelando uma possível ironia condescendente da escritora francesa em relação ao modo de vida do escritor americano:

No trem de Los Angeles, li um de seus livros e pensei nele; vivia num barraco, sem banheiro nem geladeira, à beira de uma rua onde fediam latas de lixo e onde rodopiavam velhos jornais; aquela pobreza me refrescava, pois eu mal suportava o odor pesado de dólares que respirava nos grandes hotéis e nos restaurantes elegantes (Beauvoir, 2009, p. 146).

Apesar da pontuação sobre o posicionamento subjetivo de Algren (e de meu interesse sobre as manifestações da devastação em sujeitos em posição feminina), não cabe, na presente pesquisa, uma apuração mais detalhada sobre este ponto que levaria a perguntas sobre uma possível devastação por ele vivenciada. O quarto capítulo da dissertação cuidará, de forma teórica, do que se entende por devastação. É necessário reiterar que o tom da pesquisa é interrogativo e os excertos dos escritos amorosos aqui apreciados são ora pistas, ora evidências, mas nunca provas irrefutáveis do que se chama, em psicanálise, de devastação e de gozo Outro. Retomo, assim, a história do desencontro entre os dois escritores.

Beauvoir passa o verão de 1950 com Algren em uma casa alugada por ele à beira do lago Michigan e é em um momento compreendido neste espaço geográfico e temporal que Algren anuncia não mais a amar e querer casar-se novamente com sua ex-mulher – Beauvoir, que não sabia nadar direito, entra no lago e quase se afoga. É a partir deste contexto que Beauvoir escreve, em 30 de setembro de 1950, essas linhas em que continua a afirmar seu amor pelo escritor americano, mesmo que também verbalize a insanidade do sentimento e sua perturbação diante dos fatos:

[...] Não dormi, fingindo que estava lendo e continuo a amar você do fundo do meu coração doido e insano [...]. Não estou triste. Atônita, talvez, muito longe de mim mesma. Incapaz de acreditar verdadeiramente que, a partir de agora, você estará tão longe, tão longe, você que estava tão próximo (Beauvoir, 2000, p. 355-356).

A mulher que quase se afoga ante à iminente perda de um amor, pede, reiteradas vezes, que os dois se encontrem novamente e que Algren não pare de escrever, ou seja, aqui temos o necessário tal qual logicamente formulado por Lacan e tomado de empréstimo como parte constituinte da hipótese da dissertação. Beauvoir reclama, em muitas correspondências, do

tempo que o americano leva para respondê-la e não economiza adjetivos lisonjeiros ao endereçar-se a ele, acumulando demandas infinitas de amor, de cartas, de palavras:

[...] Vou me esforçar para não ceder à tristeza. Embora que, sem ter notícias suas há uma eternidade, não estaria certa de que você ainda exista: existe? [...] tomei uma boa quantidade de conhaque para esquentar meu pobre e doído coração (Beauvoir, 2000, p. 416).

Esse tipo de demanda, que alimenta o narcisismo feminino, é coadunável com o que Miller (2016) assevera sobre o amor para as mulheres; para ele, o amor é tecido no gozo e esse gozo também implica a fala, na medida em que as mulheres esperam, daqueles que elas amam, uma fala. Outro ponto que merece atenção nesse fragmento é aquele em que Beauvoir informa ter bebido uma “boa quantidade de conhaque”: a despeito do papel social ocupado pelo álcool na vida da filósofa e escritora, seu texto diz de um uso da referida substância que cumpre um papel de apaziguamento para seu “doído coração” diante da falta de notícias, ou seja, da falta de respostas para as suas perguntas. Há outras passagens da relação de Beauvoir com álcool e calmantes em contextos de aquietação para suas angústias de amor e uma delas, que será citada abaixo, é descrita em suas memórias no momento em que ela se pergunta sobre retornar a Chicago pela primeira vez após ter conhecido Algren, revelando uma ansiedade que tomava seu corpo. Há, desde Freud, estudos que informam sobre o uso de entorpecentes no alívio da angústia. Não é o objetivo deste trabalho fazer a correlação entre o uso de álcool e outros entorpecentes e a devastação, mas sim identificar, analisar e fazer interrogações – a partir de evidências textuais expressas – sobre o encontro amoroso contingente, a necessidade que sistematicamente o assola, e a devastação. Sem esquecer que o encontro, a necessidade e a devastação são acompanhados pelo que Naveau (2017) nomeia de “fala que fere” e culminando na “mulher ferida”. Esta “mulher ferida” encontraria, na sua escrita, tratamento para sua angústia e para sua devastação, além de, apaixonada que também é, dar vazão ao seu “elã de dizer” e “cometer inúmeros escritos”, tal qual diz Lacan sobre sua Aimée. Sob outro aspecto, e a partir do trabalho de Bedê (2022), sobre os “testemunhos esporádicos do não-todo”, chama atenção, no excerto abaixo, o “desequilíbrio físico” que os “maiores desesperos” de Beauvoir “nunca haviam provocado” – neste ponto, não se trataria apenas de um gozo pela fala e, portanto, fálico, mas, talvez, da tentativa de transmissão, mesmo que “ancorada” pela fala, de um encontro contingente com o gozo mais além do falo.

Perguntava-me isso com uma ansiedade que beirava o desvario. Para me serenar, tomei calmantes; na hora, isso me equilibrava; mas suponho que esse expediente não foi estranho às angústias que conheci na época; fundadas, reais, minhas preocupações poderiam ao menos conter-se em formas discretas: ora, elas eram acompanhadas de um desequilíbrio físico que meus maiores desesperos nunca haviam provocado, mesmo quando o álcool os ampliava (Beauvoir, 2009, p. 149).

Após o desastroso verão de 1950, a filósofa volta mais uma vez aos Estados Unidos, em 1951, mas sem grandes esperanças em relação à sua história com Algren. Ao final de mais uma temporada juntos e pouco antes de seu retorno a Paris, Algren diz que jamais poderia dar-lhe outra coisa que não amor e isso gera um misto de esperança e desespero em Beauvoir, que, novamente, se utiliza da escrita para tentar dar conta de dizer sobre seu amor e sua aflição. Naveau (2017), ao levantar suas hipóteses no tocante à devastação e à palavra que fere, propõe que, se uma mulher é um sintoma para um homem, este seria “a fala que fere” (e tomaria o lugar da mãe de uma mulher). A mulher, em contrapartida, seria “uma mulher ferida” frente a ditos e, também, a não ditos. Naveau (2017) sustenta que os encontros, de acordo com Lacan, são encontros de corpos e de afetos. É o instante antes de Algren dizer “eu jamais poderia lhe dar senão amor” e após tê-lo dito que Beauvoir descreve na passagem abaixo (Beauvoir, 2000, p. 421). A leitura do trecho dessa carta testemunha um estado que vai da resiliência ao cansaço brutal e à súplica no espaço de um dito. Apesar disso, a missivista ainda se mostra referida a um gozo fálico, referida a um outro “novas feridas poderão me derrubar caso você decida me rejeitar” – são as feridas, causadas por Algren, que a derrubam e não um derrubar-se em si e independente do outro, que poderia ser lido como um “testemunho esporádico do não-todo”.

[...] Quando voltei para vê-lo, já estava começando a aceitar sua amizade e o meu amor. A situação não me enchia exatamente de felicidade, mas eu pensava que poderia suportá-la [...] novas feridas poderão me derrubar caso você decida me rejeitar de novo. Não posso suportar a ideia. Um cansaço brutal me abate. Invasa pelo sentimento de estar totalmente em suas mãos, sem defesa, pela primeira vez eu lhe suplico: abrigue-me em seu coração, ou então me expulse, mas não me deixe me aferrar ao seu amor, para descobrir, de repente, que ele não existe mais. Recuso-me a passar novamente por essa provação, a simples ideia me é insuportável (Beauvoir, 2000, p. 422).

Após a estada de um mês nos Estados Unidos – que é quando Beauvoir escreve o trecho acima –, a correspondência entre os dois escritores diminui drasticamente: das trezentas e quatro cartas contidas no livro, duzentas e vinte e oito foram escritas antes dessas últimas férias que passam juntos nos Estados Unidos. Ou seja: de 1947 a 1951, Beauvoir escreve duzentas e vinte e oito cartas e, de 1951 a 1964, escreve setenta e seis. Ela e Algren só se verão novamente quase dez anos depois, em 1960, quando o escritor norte-americano passa uma temporada na

Europa e chega a se hospedar na casa da filósofa francesa por cerca de um mês. Beauvoir viaja com Sartre para o Brasil antes de Algren retornar aos Estados Unidos. Este seria o último encontro de Beauvoir e Algren.

Diante do exposto nesta seção, é importante demarcar que de uma das perguntas centrais do trabalho – seriam os amores contingentes essenciais para a manutenção do amor necessário? – saem duas setas: uma vai para o que é contingente e necessário em um encontro com um único sujeito e a outra vai para o que é contingente e necessário considerando uma abertura maior e um envolvimento de, pelo menos, mais do que dois sujeitos falantes – que é o que proponho ao trazer o pacto Sartre-beauvoiriano à baila, conforme veremos. Outra bifurcação também foi se revelando durante a construção do presente texto: a partir da leitura dos textos de Normand (2020) e de Bedê (2022), se abre um possível horizonte para a série de perguntas colocadas a respeito dos amores contingentes e do amor necessário e isto viabilizaria um entendimento de que Beauvoir pôde fazer-se não-toda fálica e não-toda Outra em seu percurso de vida – e, principalmente, em sua movimentação entre Sartre e Algren, que é o que se coloca como objeto de estudo neste trabalho. Desta forma, e se considerarmos seus escritos filosóficos e feministas em oposição a sua escrita íntima e endereçada a Algren, alguns pares opostos entre si encontrariam adjacência com outros pares que, a partir do que foi lido a respeito do gozo, parecem dizer que Beauvoir foi uma mulher não-toda contingente e não-toda necessária para seus objetos de amor. Situar-se em posições não-toda erotomaníacas e não-toda contingentes – empréstimo retirado de Normand (2020) – não lhe garantiu amores “livres de risco” – como dizem Alan Badiou e Nicolas Truong (2013), –, mas parece ter sido uma movimentação possível para essa mulher que se deixou amar, deixou-se ser demandante de amor e deixou-se ferir como qualquer mulher (independentemente de seu sexo e de ter escrito “O segundo sexo”).

A seguir, mais fragmentos do discurso amoroso beauvoiriano passíveis de pontuações (ou de indagações) de caráter psicanalítico que evidenciem temas como o amor e a devastação serão transcritos e perscrutados. Na construção dos capítulos desta dissertação, esses fragmentos não aparecem para respeitar, imperiosamente, uma ordem cronológica, mas surgem de acordo com cada momento da relação dos amantes, a saber, o encontro contingente, a necessidade e a ruína.

3.1 As cartas e o encontro contingente

Naveau (2017, p. 35), aludindo ao aforismo lacaniano de que o amor vem fazer suplência a não relação sexual, anuncia que a carta de amor viria “[...] fazer suplência à falha

daquilo que não se chega a dizer”. Sobre o encontro amoroso, o mesmo autor afirma que deve ser expresso com uma “fala livre” e que “a condição do encontro é, portanto, que o sujeito dividido aceite que sua defesa contra o infinito seja perturbada pelo que, justamente, o divide, ou seja, pelo que o surpreende” (Naveau, 2017, p. 124). É tomada pelas perguntas e hipóteses de Naveau (2017) sobre o encontro e o escrito e pela epistolografia amorosa de Beauvoir que me lanço na tarefa de fazer essa leitura psicanalítica das “Cartas de um amor transatlântico”. Pauto-me também, de forma pontual – porém evidente –, nas “cartas” da contemporaneidade que chegam a seus destinatários com mais rapidez, é fato; mas não com menos angústia dos remetentes que anseiam por respostas: afinal, quando a internet não falha ao entregar mensagens em velocidades *giga*, não há nem como imputar aos correios a responsabilidade pela falta de respostas do objeto de amor. A angústia retorna toda para o sujeito – assim como as cartas extraviadas retornam para seus remetentes –, que clama, em devastação, por uma resposta. Abundam os momentos em que Beauvoir se queixava a Algren da falta de notícias e a possibilidade de uma carta ter sido extraviada soa como um alívio para ela: “Meu bem-amado. Nenhuma carta, mais de uma semana sem sequer uma carta sua. Eu poderei suportar muito mais, se não suspeitar de que você não está escrevendo” (Beauvoir, 2000, p. 26). E este, mesmo não sendo um ponto central desta pesquisa, carece de registro: em que medida é plausível alegar que, outrora, os deslocamentos das cartas, por estarem sujeitos às intempéries, por exemplo, do Oceano Atlântico para chegarem a seus destinos seriam tidos como menos angustiantes – já que seriam, em si, um longo percurso faltoso antes de chegarem a seus destinos? Tendo como contraparte, as “cartas” de hoje que, na modalidade “toda” de *templates* predefinidos – *prêt-à-porter* como os *emojis* largamente utilizados para expressar emoções – para se digitar, em vez de escrever, se deslocam – faça sol, ou tempestade – na velocidade de transporte de dados da internet, deixando, assim, pouco (ou nenhum) espaço para o desejo. O fragmento abaixo, em contraste com o acima, é das memórias de Beauvoir, isto é, lê-se uma escrita com um tom muito mais arrazoado do que o de suas cartas, que se distinguem por um acento de reivindicação e necessidade urgente.

Toda semana eu encontrava em meu escaninho um envelope com selo de Chicago; fiquei sabendo porque recebi tão poucas notícias de Algren, enquanto estava na Argélia: ele escreveu para Túnis, em vez de Ténès. A carta voltou e ele voltou a enviá-la (Beauvoir, 2009, p. 190).

Quanto ao encontro amoroso, contingente que é, vê-se esmagado pela necessidade e, de acordo com Lacan, essa é a cilada em que caem inexoravelmente os incautos enamorados

essa substituição da contingência pela necessidade constitui, diz Lacan, ‘o destino do amor’ [...]. Lacan parece dizer que o drama do amor vem do fato de a necessidade prevalecer sobre a contingência [...] (Naveau, 2017, p. 261).

Seria, então, o pacto amoroso entre Beauvoir e Sartre uma tentativa (malograda) de escapar desse fenômeno inescapável? Ou, ainda, orientada pela teoria lacaniana e arrebatada pelos escritos de Beauvoir, pergunto: seriam os amores contingentes essenciais para o salvamento dos amores necessários? Essa é uma inquietação que me acompanha desde o início da pesquisa e vem atrelada ao pacto beauvoir-sartreano e fomentada pelos diversos encontros contingentes pelos quais os dois passaram sem nunca se abandonarem – o encontro com Algren talvez tenha sido, do lado de Beauvoir, um encontro com o potencial de abalar os célebres par e pacto e, por isso, faço essas perguntas. Essa minha inquietação inicial (travestida de pergunta) é abandonada no percurso do mestrado, mas não cessa de se escrever. É em Naveau (2017) que a recupero, mas com um ajuste benfazejo e oportuno: é possível que o encontro entre dois amantes se renove com regularidade suficiente para se sustentar ao longo do tempo.

Para que o amor tenha, na atualidade da paixão, a tonalidade mais viva, é preciso que a contingência do encontro torne a se multiplicar no tempo e, assim, se renove constantemente através da impossível conversação entre os dois ‘amantes’ [...]. O fato de ela ser impossível não impede que ela exista! (Naveau, 2017, p. 277).

Há, de acordo com o trecho acima, a possibilidade de uma multiplicação de encontros com o mesmo sujeito após o primeiro encontro contingente. Entretanto, recupero um dizer de Beauvoir que descreve a ruína de um encontro e, na sequência, a felicidade de um novo encontro, com outro sujeito: do “marasmo” e dos “pressentimentos de decadência” ao “salto com arrebatamento para a felicidade” (Beauvoir, 2009 p. 318). Esse trecho será retomado na próxima seção, mas gostaria de levantar algumas questões: O que pode haver entre a opacidade de um encontro outrora reluzente ao reluzir de um novo encontro contingente? Em outros termos: o que acontece com o sujeito que se enamora em um encontro contingente e se vê, na sequência, assolado pela barra da necessidade? Essa pergunta vale tanto para encontros multiplicados entre os mesmos pares quanto para encontros entre novos pares. Pode-se inferir que, para alguns dos sujeitos em posição feminina, o que há entre o alvorecer de dois encontros amorosos é a devastação? Importante sublinhar que a face da devastação desta pergunta seria a de ruína – e não a de arrebatamento.

Roudinesco (2019), na entrada “amor” de seu “Dicionário amoroso da psicanálise” (e a partir do fragmento de uma carta escrita por Freud a Martha Bernays¹⁴), sugere que, para que o amor se perpetue, é possível que se passe por um luto de seu objeto, que se passe por um sofrimento para, finalmente, amar outra vez. Kuss (2022, p. 55), em sua tese, afirma: “É algo dessa ordem também que se repete no amor, encontros desencontrados – ou desencontros encontrados” e traz o deslocamento do sujeito para se (re)encontrar com seu objeto *a* como o que permite o surgimento do amor, entendendo, assim, que esse deslocamento em direção ao objeto *a* é condição para o amor existir. Um encontro com o objeto que permitisse um “e viveram felizes para sempre” não abriria, de acordo com Kuss (2022), espaço para o amor. À vista disso, é possível a compreensão de que há, entre a opacidade de um encontro outrora contingente e o alvorecer de um novo encontro contingente, a necessidade – que pode ser impregnada de dor e de angústia – de se buscar o objeto *a*, que “escapole por entre as mãos em dois tempos” (Lacan, 2012, p. 175)?

Sabe-se que devastação é a outra face do amor e que a raiz do termo em francês (*ravage*) também tem duas faces: a de ruína e a de arrebatamento. Assim, é possível concluir que, no caso de alguns sujeitos em posição feminina, para não desmoronar por completo há que se viver, amiúde, um novo encontro contingente? Esse encontro contingente, esmagado pela barra da necessidade, levaria à ruína (devastação, “decadência”) e, para se sair dessa ruína, seria necessário um novo encontro contingente?

Chiara Bottici e Guilherme Rocha (2022), em um artigo sobre a canção “*I feel love*” de Donna Summer, pontuam as inúmeras tentativas e erros de experimentação com o amor e, para abordar esse aspecto de repetição de novas formas de amar, ressaltam o neologismo “continuovamente” do renascentista Marsilio Ficino:

Ficino (1944) sublinha a multiplicidade do amor e as repetidas tentativas do ser humano de experimentar suas diferentes formas usando a estranha expressão *tutti continuamente amiamo in qualche modo*, ou seja, todos nós amamos de uma forma ou de outra, e o fazemos de maneiras constantemente novas (conti-nuovamente): o próprio termo ‘continuovamente’, que combina as duas palavras ‘continuamente’ e ‘nuovamente’, é uma expressão que sugere tanto a natureza de constante mudança do amor (nuovamente) quanto a persistência no erro (continuamente), incluindo a inquietante observação de que, se realmente nos apaixonarmos, nem mesmo seremos capazes de reconhecê-lo (Bottici; Rocha, 2022, p. 4, tradução nossa)¹⁵.

¹⁴ Trecho de carta de Freud a Martha Bernays, em 29 de agosto de 1883, conforme citado por Roudinesco (2019, p. 13): “Por que não nos apaixonamos todos os meses novamente? [...] Porque a cada separação uma parte de nosso coração ficaria dilacerado”.

¹⁵ Ficino (1944) underlies the multiplicity of love and the repeated attempts by humans to experiment with its different forms by using the strange expression “*tutti continuamente amiamo in qualche modo*”, that is, we all love in one way or another and we do it in constantly new ways (conti-nuovamente): the very term “continuovamente”, which combines the two words “continuamente” and “nuovamente” is an expression that

Para alguns, esse novo encontro seria a chave para a sobrevivência de seu “amor necessário”, enquanto para outros seria apenas mais uma oportunidade de deslizar de objeto em objeto, infinitamente? É imprescindível recuperar, ante o neologismo “continuadamente” de Ficino – que, ainda no Renascimento, conjuga as ideias dos dois grandes nomes da psicanálise quanto ao amor – e de seu uso no texto de Bottici e Rocha (2022), o que seria, de acordo com Miller (2015b), o amor para Freud (repetição – algo contínuo) e para Lacan (invenção - algo *nuovo*). Para Freud, o amor é um deslizar contínuo, de objeto em objeto, a fim de reencontrar o objeto fundamental. Já para Lacan (2008, p. 156), o amor é invenção, é elaboração de um saber e o encontro amoroso é um encontro de inconscientes, conforme se lê no “Seminário, livro 20: mais, ainda” – “[...] pela via da existência, não da relação sexual, mas do inconsciente, que dela difere – constitui o destino e também o drama do amor”. O que Miller (2015b) chama de invenção do amor se sustenta no fato de que, para Lacan (2008), cada sujeito deverá encontrar uma solução criativa para lidar com a inexistência da relação sexual. Como a psicanálise dialoga com outros saberes, é importante trazer a leitura de Badiou e Truong sobre a “inexistência da relação sexual”, sobre o encontro, e sobre o amor. No livro “Elogio ao amor”, Badiou e Truong (2013) afirmam que essa inexistência vem do fato que o sexo separa os sujeitos, levando cada um a seu exílio. Por outro lado, segundo o autor, o amor une visto que, no amor, vai-se além de si em busca de quem se ama. Badiou e Truong (2013) também nos dizem que o encontro amoroso é contingente e rapidamente evanesce e que o amor é um processo que se inicia, sim, a partir do encontro, mas que não se encerra nele, sendo necessário que se inventem formas para o amor durar e Badiou, nessa entrevista concedida a Truong, cita Paul Éluard para dizer que o amor é “o duro desejo de durar”¹⁶. Essa invenção de que falam Badiou e Truong (2013) parece estar em harmonia com o que se entende de amor como invenção para Lacan – mais a frente, as falas de Badiou e Truong (2013) e de Lacan serão contrastadas – e, abaixo, Miller (2015b, p. 17, tradução nossa) afiança essa representação do amor como algo que precisa ser inventado:

O aspecto mais original do amor lacaniano é, ao contrário, que o amor é invenção, isto é, elaboração do conhecimento; que o amor é uma forma de se dirigir ao *a* a partir do Outro do significante. Este é, na teoria do amor, o papel das palavras de amor, das cartas de amor. O amor é um esforço para dar um nome próprio ao *a*...¹⁷.

*suggests both the constantly changing nature of love (nuovamente) and the persistence of the error (continuamente), including the uncanny remark that, should we happen to really fall in love, we will not even be able to recognize it*¹⁵.

¹⁶ Em francês: “*Le dur désir de durer*”, que é o título de uma coletânea de poemas de Paul Éluard.

¹⁷ *La vertiente más original del amor lacaniano es, al contrario, que el amor es invención, es decir, elaboración de saber; que el amor es un modo de dirigirse al a a partir del otro del significante. Este es, en la teoría del amor, el papel de las palabras de amor, de las cartas de amor. Amor es esfuerzo por dar un nombre propio al a.*

De acordo com Gorog (2011), Sartre, com sua astúcia, coloca Beauvoir em uma posição de exceção, em posição de única em sua vida e isto pode ser útil para decifrar as escolhas de vida e amorosas de Beauvoir. Fica evidente, nas cartas a Algren, que a escritora francesa estava apaixonada pelo escritor americano e que ter vivido uma vida com ele seria um caminho possível caso ela já não fosse a “única” na vida de Sartre, seu “possuidor legítimo”. Esse lugar de única ela não ocupava na vida de Algren, que estava longe de possuí-la legitimamente. Em 1951, Beauvoir escreve algumas cartas na tentativa de se explicar a Algren, pois este demandava uma presença mais consistente e duradoura de Beauvoir nos Estados Unidos. Nessas cartas, Beauvoir reafirma a importância de permanecer na França com Sartre.

Você jamais aceitaria vir viver na França, se bem que não o retenha nos Estados Unidos o mesmo tipo de ligação que me prende a Paris. Não pretendo, mais uma vez, me desculpar por isso: eu não *poderia* abandonar Sartre, Paris, a França (Beauvoir, 2000, p. 421).

Não é só por Sartre que Beauvoir afirma que Paris é a sua casa. Em suas memórias, a escritora toca em um ponto que envolve jogos de poder e ascendência dentro de qualquer relacionamento (principalmente o amoroso): o fato de Algren não falar francês, ou seja, os dois amantes se comunicavam em inglês, a língua de Algren. Beauvoir conhecia a língua e literatura norte-americanas e a recíproca não era verdadeira, o que poderia acarretar um desaparecimento subjetivo para a escritora. Outra questão importante, pontuada em diferentes momentos nesta pesquisa, é que a tonalidade de Beauvoir em relação a este assunto é bem diferente quando se dirige a Algren em suas cartas íntimas “lamento profundamente que você não leia em francês, por que você não o aprende? Você poderia me conhecer bem melhor, a mim e a minha vida” e quando se dirige a seu público em suas memórias e isso intensifica, em minha leitura, as diferentes vestimentas fálicas de Beauvoir – frente a seu amante e frente a seu público (Beauvoir, 2000, p. 16). Diante do primeiro, Algren, seus adornos fálicos estariam mais próximos aos adereços de que as mulheres fazem uso para encobrir seu vazio. Já diante de seu público, a escritora fazia questão de se trajar de filósofa existencialista, que falava outra língua além da materna, que conhecia outras literaturas e histórias além da sua. Até para confessar que se esquecia de si própria perto de Algren, Beauvoir aponta o quanto Algren sabia menos – era menor – do que ela, degradando, assim, seu objeto de amor.

Mesmo que Sartre não tivesse existido, eu não me teria fixado em Chicago: ou, se tivesse tentado, certamente não teria suportado por mais de um ou dois anos um exílio que arruinava minhas razões e minhas possibilidades de escrever. Por sua vez, Algren, embora eu lhe tenha muitas vezes sugerido, não podia instalar-se em Paris nem mesmo

por um semestre; para escrever, precisava estar enraizado em seu país, em sua cidade, no ambiente que criara para si: tínhamos nossas vidas feitas e estava fora de cogitação transportá-las para outro lugar [...]. Mas havia entre nós uma grande diferença. Eu falava a língua dele, conhecia bastante bem a história e literatura de seu país, lia os livros que ele apreciava, e os que escrevia; perto dele, esquecia-me de mim, entrava no seu universo. Ele ignorava quase tudo meu; lera alguns dos meus artigos, lera um pouco mais da obra de Sartre e os autores franceses, em geral, pouco lhe interessavam. Por outro lado, eu tinha uma vida infinitamente melhor em Paris do que ele em Chicago; ele padecia da dura solidão americana (Beauvoir, 2009, p. 184).

A filósofa revela que, desde que conheceu Algren, se fechou para outras ligações românticas e que, mesmo no relacionamento com Sartre, houve um abalo e repete nunca ter exigido fidelidade de sua parte, em uma tentativa, paradoxal (já que alega não ter mais olhado para outro homem desde que conheceu Algren), de equivaler as privações pelas quais os dois passaram em nome de seu relacionamento:

O tempo anda frio e chuvoso. Em mim, também, faz frio. Você insiste em se referir às coisas de que meu amor o privou, tendo tantos outros amores. Você sabe que eu tampouco ganhei muita coisa. Jamais quis dizer uma só palavra a respeito, mas posso assegurar-lhe que o nosso romance não fez bem à minha relação com Sartre. Desde que eu o conheci, rompi a relação ao mesmo tempo sentimental e sexual – tranquila e feliz – que me ligava a Bost¹⁸ e, é claro, não tive um só olhar para outro homem durante todos esses anos, nem desejo ter. Minha vida amorosa se encerrou, para nunca mais, coisa muito desagradável de pensar, quando ainda se conserva um coração ardente e um corpo cheio de vida (Beauvoir, 2000, p. 435).

Uma das perguntas que se repetirá nesse trabalho – e já mencionada nesta seção – é sobre os encontros e desencontros amorosos associados tanto ao que se chama de devastação quanto à contingência e necessidade (para a psicanálise e para o pacto amoroso entre Beauvoir e Sartre). Assim, faz-se necessário pôr em questão: o encontro contingente – ou o amor contingente – com Algren favoreceu a manutenção do amor necessário com Sartre? Ou, ainda: há evidências textuais de contingência e arrebatamento; necessidade e ruína nas cartas escritas a Algren? Essas perguntas podem ter como norte a pista de que Beauvoir soube se movimentar como não-toda entre a contingência e a necessidade. Sabe-se que única não quer dizer a única amante, mas, como esclarece Naveau (2017, p. 176):

Assim, a política da histórica, diz Lacan, é a ‘a política do ao menos um’. Há, no ser da mulher, a exigência do *ao menos um* e do *não mais que um*. Por essa razão, ela almeja que, da multiplicidade dos homens, se destaque *ao menos um*. Ela sonha com a eventualidade de que, entre estes homens que, no fim das contas, não o são, haja, no entanto, um que seja a exceção. Mas sob a condição de que, para esse *ao menos um*, ela seja *a uma* e a *não mais que uma*, isto é, *a única*.

¹⁸ Jacques-Laurent Bost foi um jornalista francês e amigo íntimo de Sartre e Beauvoir, com quem esta teve um relacionamento sério.

Gorog (2011) é cirúrgica em seu texto ao apontar que, do lado da linguagem, “o amor necessário” é dito em forma masculina e singular, enquanto do lado feminino é dito no plural e, em língua francesa, no feminino: “amores contingentes”, indicando claramente as formas de gozo respectivamente masculina e feminina. É exatamente por conta desta afirmação de Gorog (2011) que é concebível o entendimento de que Beauvoir se move entre os lados masculino e feminino da tábua (que seriam, por conjectura e respectivamente, os lados necessário e contingentes). Kuss (2022, p. 58) também aponta a pluralidade das formas de amar no lado feminino da tábua, mas não sem o cuidado de deixar expresso que, em meio ao ar do tempo atual, em que “teorias *queer* e questões de gênero fervilham”, é importante dizer que homem e mulher são “modos de se localizar no discurso”. Kuss (2022) relembra, a partir da leitura que faz de Freud, que a forma de amar masculina seria a objetal. Enquanto as mulheres amariam do modo narcísico até serem mães, ou que amariam também do modo objetal se desenvolvessem uma masculinidade antes da puberdade.

Gorog (2011) se apoia em um comentário de Dominique Desanti a respeito dos termos *contingence et nécessité* ao tocar no pacto entre Sartre e Beauvoir sobre a experimentação de amores contingentes, imputando a Sartre a responsabilidade de transformação de seu “vício” – no caso, a não vocação para a monogamia compartilhada por muitos homens – em “princípio”.

Contingência e necessidade são, portanto, erigidos por Sartre em princípio a partir de sua ‘não vocação para a monogamia’. Dominique Desanti comenta a coincidência deste pacto com o ‘amor fundamental’ e os ‘amores adventícios’ de Charles Fourier. Mas contingência e necessidade também são os termos que Lacan usa quando, em seu Seminário *Encore*, ele se confronta por sua vez com a questão do amor e da relação sexual, e não é enfatizado o suficiente que ele leu Sartre ou, em todo caso, que eles compartilharam a leitura dos filósofos e o uso dos conceitos de necessidade e contingência [...] (Gorog, 2011, p. 133, tradução nossa).

Não há elementos que confirmem que tanto Sartre quanto Lacan leram o socialista utópico Charles Fourier (1772-1837) para afirmar categoricamente que essa coincidência dos termos *contingence et nécessité* utilizados no pacto amoroso de Sartre-Beauvoir e, mais tarde, por Lacan no “Seminário, livro 20: mais, ainda” não é tanto uma coincidência e mais uma influência da leitura deste filósofo do socialismo utópico. Contudo, abro um parêntese para expor que Fourier é, reconhecidamente, um dos precursores do movimento feminista – tendo

¹⁹ *Contingence et nécessité, les deux grands concepts de sa philosophie sont donc érigés par Sartre en principe à partir de sa “non-vocation pour la monogamie”. Dominique Desanti remarque la coïncidence de ce pacte avec “l’amour pivotale” et “les amours adventices” de Charles Fourier. Mais contingence et nécessité sont aussi les termes que Lacan emploie quand, dans son séminaire Encore, il s’affronte à son tour à la question de l’amour et du rapport sexuel, et il n’est pas assez souligné qu’il a lu Sartre ou en tout cas qu’il a partagé avec lui la lecture des philosophes et l’usage des concepts de nécessité et contingence [...].*

sido ele quem, pela primeira vez, de acordo com Friedrich Engels (2003, parte I), “[...] afirmou que o grau de emancipação de uma sociedade deve ser medido pelo grau de emancipação da mulher”. Ainda que não haja elementos que confirmem se o filósofo e o psicanalista foram, de fato, influenciados por uma leitura de Fourier, há notórias referências ao trabalho de Karl Marx na obra lacaniana – influências, como o conceito de mais-valia / mais-de-gozar, que estão presentes na obra de Lacan e, embora dispensem referências que as comprovem, é apreciável citá-las aqui:

Entendemos que esse conjunto de referências de Lacan a Marx manifesta a persistência de um núcleo central que permanece o mesmo, para além da diversidade de conceitos e problemas envolvidos. Nesse sentido, consideramos que o interesse de Lacan em formalizar a relação existente entre os conceitos de sujeito do significante, de Outro e de gozo constitui o núcleo de tal diálogo do começo ao fim. Em outras palavras, Lacan percebe a profunda analogia entre a lógica da articulação dos conceitos de sujeito, Outro e gozo e aquela manifestada pelo enigma metafísico da forma-mercadoria no interior do mercado (Cardoso; Darriba, 2016, p. 189).

Em função desse conjunto de referências a Marx esmiuçado por Cardoso e Darriba (2016), não seria intrepidez dizer que Lacan também leu Engels (amigo de Marx e seu companheiro de escrita do “Manifesto comunista”) e que Engels (2003), conforme acima citado, foi um leitor e crítico do socialismo utópico de Charles Fourier. Outra referência acadêmica que sugeriria uma aproximação entre Fourier e a psicanálise aparece em Suzana Albornoz (2007, p. 4), que sugere uma investigação a fim de verificar uma possível influência de Fourier na pré-história da psicanálise:

A teoria da atração apaixonada ou passional, de nosso criativo Fourier, provavelmente só de outra maneira mais indireta e mediata poderia ser relacionada à psicanálise [...]. Ainda assim, estou convencida de que os pesquisadores psicólogos saberiam descobrir afinidades provocativas entre a teoria da atração passional e a teoria da pulsão, por exemplo. Digamos que é evidente haver algo de comum na compreensão da centralidade da dinâmica das paixões assim como a das pulsões na economia anímica dos seres humanos. É como se estivessem inscritas no ‘ar do tempo’.

O que se pode apreender a respeito do pacto entre Sartre e Beauvoir – e considerando o recorte do trabalho – é o que Beauvoir conta em suas memórias: Sartre não tinha vocação para a monogamia e, aos vinte e três anos, não desejava renunciar à “riqueza efêmera dos encontros [tal qual o encontro contingente para Lacan (2008) e mesmo para Badiou e Truong (2013)] com seres diferentes [...] aquiesci” (Beauvoir, 2009, p. 28-29). Em “A força da idade”, a filósofa afirma que o vocabulário utilizado por Sartre para definir o pacto entre os dois – “amor necessário e amores contingentes” – era “caro” a ele, o que, para fins da leitura proposta neste

trabalho, é mais um indício de um uso que não se trata apenas de coincidência dos termos *contingence et nécessité*.

Fecho a abertura de meu parêntese sobre Fourier explicando que, embora o aprofundamento sobre o que ele chama de *l'amour pivotal* e *les amours adventices* não seja o intuito desta pesquisa, a coincidência entre os termos “contingência e necessidade” utilizados por Sartre e Lacan e pontuada por Dominique Desanti (conforme afirma Gorog, 2011) instigou minhas inquietações em forma de perguntas que atravessam este trabalho e que conciliam contingência e arrebatamento, necessidade e ruína nos encontros amorosos por meio da leitura da escrita íntima beauvoiriana e do pacto amoroso vivido com Sartre que, a meu ver – e aqui jaz o desafio de minha pergunta-hipótese –, estaria em harmonia com o que diz Lacan (2008) sobre contingência e necessidade no amor. Acresça-se a isso as “afinidades provocativas”, que podem ter sido impulsionadas pelo “ar do tempo”, entre o pensamento de Fourier e o freudiano e insinuadas por Albornoz (2007) e temos a justificativa para esta breve digressão que, para chegar a Fourier, acabou passando por Marx e Engels e que se encerra agora visto que os socialistas não são objeto desta pesquisa.

De acordo com Naveau (2017, p. 134), “se não há relação sexual, há uma relação com o sexo que faz suplência a essa ausência da relação sexual”; pergunto se essa relação com o sexo, essa tentativa de suplência se dá, obrigatoriamente, sempre com o mesmo objeto? Quero dizer, seria possível que Beauvoir estivesse buscando, com Algren – ou com qualquer outro homem com quem manteve um relacionamento amoroso –, uma suplência a não relação com Sartre? O pacto de amor Sartre-Beauvoir teria sido, então, uma tentativa de fazer, de três, um? E, nesta tentativa, teria sido Beauvoir a parte do triângulo que sofreu mais com essa impossibilidade de se fazer um? Pergunto isso porque é Beauvoir quem tenta se adequar aos desejos e quereresses dois homens e, não sendo possível fazê-lo, acaba ficando sozinha (conforme vimos em passagens em que ela, por exemplo, desmarca férias com Algren para viajar com Sartre e este acaba indo viajar com outra mulher, deixando Beauvoir à deriva). Kuss (2022) recupera Lacan para dizer da impossibilidade de dois fazerem um e da devastação e angústia que uma mera tentativa dessa empreitada pode causar, exceto se um dos parceiros se disponha a se apagar subjetivamente, que é o que vimos, também, quando Beauvoir se envolve com Algren e se sujeita a situações (ou faz concessões) que não faria caso não estivesse apaixonada.

Neste subcapítulo, a coincidência entre encontro contingente e necessidade lacanianos e amor necessário e amores contingentes do pacto entre Beauvoir e Sartre é retomada e as perguntas centrais do trabalho são feitas: O pacto amoroso entre Beauvoir e Sartre foi uma

tentativa (malograda) de escapar da inescapável “cilada dos enamorados”? Seriam os amores contingentes uma tentativa de salvamento dos amores necessários? É devastação, em sua modalidade de ruína, o que acontece com o sujeito que se enamora em um encontro contingente e se vê, na sequência, assolado pela barra da necessidade? O encontro contingente com Algren favoreceu a manutenção do amor necessário com Sartre? Ou, ainda: há evidências textuais de contingência e arrebatamento; necessidade e ruína nas cartas escritas a Algren? Por último, pode-se inquirir, também, sobre a já aventada forma de movimentar-se de Beauvoir, que seria não-toda contingente e não toda-necessária. A seguir, a necessidade, que, de acordo com Lacan, é o que assola o encontro contingente, será identificada no texto beauvoiriano.

3.2 As cartas e a necessidade

De julho a setembro de 1950, Beauvoir passa uma temporada com Algren nos Estados Unidos. Sua estada é desastrosa, visto que Algren anuncia não mais a amar e lhe diz que se casaria novamente com sua ex-mulher (além de mostrar-se interessado por uma amiga de Beauvoir, Nathalie Sorokine, que vai visitá-los na casa que alugaram à beira do Lago Michigan). Antes dessa temporada juntos, já era claro que Algren havia diminuído a frequência e o volume de cartas enviadas para Beauvoir (bem como o tom de sua escrita também já havia mudado; ao que tudo indica, a necessidade havia assolado a relação dos dois). Ainda assim, Beauvoir insiste em “cometer” inúmeros escritos, chegando a fazer perguntas comparativas entre Amanda, a ex-mulher de Algren, e si própria, no comportamento feminino clássico de achar que outra mulher pode dizer algo sobre o ser mulher: “você diz que Amanda também gosta de lágrimas. Tanto quanto eu? E ela chora por tanto tempo quanto eu?” (Beauvoir, 2000, p. 548). Assim que chega a Paris, em 30 de setembro de 1950, após a lastimável temporada de férias, escreve a Algren uma carta que traz elementos distintos entre si, mas que se integram no que, em psicanálise, entende-se por devastação:

Viagem sem novidades, o avião não balançou. Não dormi, fingindo que estava lendo, e continuo a amar você do fundo do meu coração doido e insano [...]. Agora são 21h. Comi apenas um pequeno sanduíche, não dormi desde Wabansia e estou totalmente cansada. Estou lhe escrevendo de meu quarto, bebendo seu *scotch*, mas não conseguirei dormir tão cedo. Sinto Nova Iorque em torno de mim. Por trás de mim, nosso verão. Vou descer e andar um pouco, sonhar um pouco, até a exaustão total (Beauvoir, 2000, p. 548).

O que é necessário pontuar neste trecho é que Beauvoir declara que ainda ama Algren e que seu coração é doido e insano (a forma erotônoma de amar – já tratada neste trabalho a

partir da tábua da sexuação – surge em diversos fragmentos de suas cartas se considerarmos as infinitas demandas por falas e declarações de amor) e, nesta seção, me aterei ao que Beauvoir escreve em momentos que creio serem aqueles em que a barra da necessidade recai sobre o encontro contingente.

De fato, há uma insanidade em querer continuar uma relação com alguém que diz, abertamente, não querer mais. No entanto, não é com isso que psicanalistas se deparam continuamente em seus consultórios hoje e ontem? Em outro fragmento da mesma carta, Beauvoir se diz incrédula diante da perda do amor de Algren: “Não estou triste. Atônita, talvez, muito longe de mim mesma. Incapaz de acreditar verdadeiramente que, a partir de agora, você estará tão longe, tão longe, você que estava tão próximo” (Beauvoir, 2000, p. 548).

Viviane Ligeiro (2010), em sua dissertação, aborda o que chama de “grande angústia da mulher”, que seria o medo de perder o amor. No fragmento acima, vimos uma Beauvoir descrente de ter perdido o amor de Algren, “atônita” até. Ela não se diz triste, mas pede, como veremos a seguir, que se encontrem novamente. Seria sua máscara fálica um obstáculo para assumir, de uma vez por todas, uma ruína? O que lhe custou sustentar esse semblante falicizado de escritora e filósofa existencialista, mundialmente conhecida e com publicações muito mais expressivas do que as de Algren? Não fosse quem era, teria escrito cartas de amor ainda mais entoadas de angústia e desespero?

Antes de partir, quero lhe dizer apenas duas coisas, depois não falarei mais disso, prometo. A primeira, é a esperança de revê-lo, um dia. Eu quero, eu preciso. Entretanto, lembre-se, por favor, de que eu jamais pedirei para revê-lo, não por orgulho, você sabe disso, mas porque nosso reencontro só terá sentido se assim você o desejar. Então, eu estarei esperando. Quando você desejar, diga. Não concluirei com isso que você voltou a me amar, nem mesmo que quer ir para cama comigo; não estaremos absolutamente obrigados a ficarmos juntos por muito tempo – no exato momento em que, e contanto que, você assim o deseje, saiba que eu o desejarei sempre que você me peça (Beauvoir, 2000, p. 548).

Em uma carta apenas, Beauvoir consegue transitar da incredulidade da perda do amor de Algren, passando pela reivindicação por um encontro que ela marca como necessário – mesmo que não sexual –, colocando-se na posição de quem espera um chamado sem esperar amor em troca – exceto se, e contanto que, ele queira encontrá-la, ou seja, que ele a ame (e isto configura a marca do amor feminino: a mulher quer saber-se amada mais do que amar, mas configuraria, também, um amor “todo”, que, calcado na necessidade, demanda certezas e garantias: “eu o desejarei sempre”) –, chegando, finalmente, no momento em que admite a dor da perda, conforme fragmento abaixo:

Não, não posso acreditar que nós não voltaremos a nos ver. Perdi seu amor, é isso, e isso continua doendo, mas não perdi você. De qualquer jeito, você me deu muito, Nelson; aquilo que você me deu significou tanto, que você não conseguiria retomar. Sua ternura, sua amizade, me foram tão preciosas, que, quando eu o vejo em mim mesma, insisto em me sentir reconfortada, feliz, infinitamente grata (Beauvoir, 2000, p. 548).

O fragmento acima sinalizaria, também, uma forma de sublimação? Perder o amor, mas sem perder a amizade pode ser o indício de uma saída sublimatória? Talvez. Lêda Guimarães (2014) aponta que embora as mulheres contemporâneas busquem sublimação no trabalho e nas suas produções intelectuais, elas não encontram felicidade nisso justamente porque essa felicidade está do lado todo (masculino) da tábua da sexuação enquanto seu “gozo mais precioso” está do lado feminino da tábua, aquele que aponta para a dimensão do amor e para um gozo feminino singular que em muito difere do gozo todo do lado masculino. Um estado de “infinita gratidão” apontaria para a necessidade de manter um estado (ainda que de gratidão) que se afasta de um instante que é contingente, atrelado ao não-todo e ao arrebatamento, e se aproxima de um “todo” que, na visão lacaniana do encontro, seria a cilada, ou seja, de acordo com o que esta dissertação interroga, a ruína.

A barra da necessidade, que recai sobre a contingência, aparece em inúmeros fragmentos escritos por Beauvoir e, em alguns, como o a seguir, ela diz que espera revê-lo sem cessar. “E, depois dessa carta, esperarei por outra, esperarei sem cessar por vê-lo, perspectiva que me machuca um pouco. É isso, sentir saudades suas é uma doença triste, e amá-lo faz aquecer meu coração” (Beauvoir, 2000, p. 548).

Não há, na literatura a psicanalítica, uma classificação que determine o ciclo de vida, morte e renascimento do amor tal qual proponho na seção anterior – em forma de pergunta e claramente baseada no que dizem Naveau (2017) e Lacan (2008) a respeito da contingência e da necessidade nos encontros amorosos. Compreendo que esses encontros se deem de forma muito mais caótica e espiralada do que a linearidade e cronologia por mim propostas, em que o encontro contingente (e caracterizado por um arrebatamento que pode levar ao desvario) é seguido de necessidade predominante em relação à contingência – e esta necessidade levaria os enamorados a um drama que culminaria no que estou chamando de ruína (que seria caracterizada por uma devastação em determinados sujeitos em posição feminina de gozo). E que seria, também, a experiência contingente, não-toda e arrebatadora, seguida e contrastada pela experiência que se empenha em ser toda, em ser necessária e que se encaminha para a ruína.

Dito isso, resta claro que dividi o trabalho para colocar em evidência momentos do encontro que considere representativos. Isso não impedirá que as seções fiquem sem uma fronteira claramente estabelecida entre si, ou seja, na seção seguinte é possível haver alguma citação que seja a respeito da necessidade e isso se deve ao caráter de interseção ou de contiguidade que têm, a meu ver, a necessidade e a ruína – e se deve, também, à movimentação de Beauvoir entre as posições não-toda contingente e não-toda necessária.

3.3 As cartas e a ruína

Eulálio (2018, p. 28) verifica a possibilidade de tradução e as raízes etimológicas do termo devastação (em francês, *ravage*); faço uso deste trabalho para inquirir sobre essas diferenças de sentido entre arrebatamento e devastação:

O termo devastação – em francês, *ravage* – conserva duas direções de sentido. Ou está associado à ideia de ruína, de destruição, ou à ideia de um corpo arrebatado (*ravi*), na vertente de um êxtase, de uma felicidade suprema [...].

Nessa vertente de êxtase, recupero um trecho das memórias de Beauvoir em que a filósofa revela o momento em que se relaciona com outro homem pela primeira vez após o encontro com Algren: “Depois de dois anos em que o marasmo universal coincidira, para mim, com a ruptura de um amor e os primeiros pressentimentos da decadência, saltei de novo, com arrebatamento²⁰, para a felicidade” (Beauvoir, 2009, p. 318). Aqui, o arrebatamento vem em oposição a “marasmo universal” e associado a um “salto para a felicidade”; nas seções anteriores, trabalhei com pistas lexicais que revelariam uma escrita invadida primeiramente por uma felicidade (no caso da escrita do encontro contingente), para, na sequência, darem lugar a uma escrita tomada pela necessidade e, dessa necessidade (dessa demanda infinita, por meio das palavras, para o encontro continuar acontecendo), chegar-se à derrocada do amor – à ruína. Assim, o que se apresenta agora são trechos das cartas em que prevalece o que entendi como sendo a escrita do fim, a escrita da ruína.

²⁰ *Après deux années où le marasme universel avait coïncidé pour moi avec la brisure d'un amour et les premiers pressentiments de la déchéance, je rebondis avec emportement dans le bonheur.* A palavra é *emportement*, ou seja, não é *ravissement*, que seria a tradução exata de arrebatamento. Desconheço a motivação de escolha da tradutora, Maria Helena Martins, pela palavra “arrebatamento” em português. De qualquer forma, minha leitura foi feita a partir da versão em português e, conforme já explicitado neste capítulo, não me ative a significantes específicos, mas a contextos discursivos.

Grande acontecimento! Como uma mulher não pode viver sem paixão, e já que o amor não está proibido, decidi consagrar meu pobre coração a algo menos desagradável: dei-me de presente um belo carrinho preto (Beauvoir, 2000, p. 427).

A afirmação de que “uma mulher não deve viver sem paixão” e o trecho em questão é em resposta a uma carta de Algren à qual não temos acesso, mas que o teor da escrita de Beauvoir leva a crer que ela teve suas súplicas de amor rechaçadas. A data da missiva, 9 de novembro de 1951, é posterior à data em que Beauvoir escreve pedindo que Algren diga se ainda quer manter um relacionamento romântico, ou se o que lhes resta é somente amizade. O trecho acima é o primeiro parágrafo da carta, que termina com a escrita de uma tentativa sublimatória pela via do humor, mas que, a meu ver (e de acordo com o que se lê em suas cartas subsequentes), não se sustenta: “Não é com lágrimas que se ressuscita o amor. Vou, portanto, me esforçar para voltar o meu amor para o meu lindo carro. E para ser sua amiga, a melhor que você jamais terá: que outra seria tão ligada em você quanto eu?” (Beauvoir, 2000, p. 429). Dizer de uma saída sublimatória e pela via do humor é porque é somente em termos de humor irônico que se entende o ponto de exclamação que vem após “grande acontecimento!”, seguido da revelação de que ela entregava seu “pobre coração” e seu amor a um carro. Outro aspecto, também sublimatório, é que Beauvoir conseguia sustentar, objetivamente, a compra de bens como um carro. Ela era fálica o suficiente para viver da sublimação de seu trabalho e sucesso. Entretanto, como já mencionado na seção anterior mediante citação de Guimarães (2014), essa sublimação toda-fálica está do lado masculino da tábua; não é aí que se encontra o gozo feminino mais precioso. Essa carta é encerrada e assinada com uma diferença em relação às anteriores e às que virão depois: não é simplesmente “sua Simone” que se lê, mas “com essa nova disposição de espírito, serei para sempre sua Simone” (Beauvoir, 2000, p. 429).

No dia 2 de dezembro de 1951, Beauvoir escreve novamente e abertura da epístola, sem nenhum vocativo desta vez, é “recebi sua carta”. O que segue é uma explicação prolixa e bem fundamentada dos motivos que a levaram a suplicar, após sua derradeira estada na companhia de Algren nos Estados Unidos, um posicionamento do escritor em relação aos dois: era namoro, ou amizade? Pelo que se pode compreender da leitura dessa carta, houve uma cobrança de Algren: ele teria se sentido “amarrado o ano inteiro”. Beauvoir contesta essa cobrança e pontua onde acredita ser culpada (ou inocente) nesse imbróglio amoroso.

Recebi sua carta. Não, ela não me feriu muito. Eu queria saber em que pé eu me encontrava com você, é preferível saber. Mas você não é muito claro. Você se lembra? – eu não pronunciei nenhuma palavra de amor durante toda minha estada aí, ao passo que *você* me perturbou terrivelmente meia hora antes de minha partida, ao dizer palavras de amor. O que senti em Nova Iorque foi a impossibilidade de suportar esse

jogo, que consistiria em me chamar de volta e me rejeitar, ano após ano. Já que você havia adotado um tom tão terno e me tinha afirmado – *você mesmo, por conta própria* – que não queria me rejeitar mais, pedi-lhe que mantivesse essa decisão, não me dizer uma coisa num determinado sentido num dia e, no outro dia, no sentido contrário. Bem, foi exatamente o que você fez. Que, então, seja definitivo e eu me manterei nessa convicção (Beauvoir, 2000, p. 432).

Ao que tudo indica, e de acordo com a leitura que faço do que Naveau (2017) escreveu sobre a psicanálise de Lacan, Beauvoir e Algren já não queriam saber mais nada do encontro. O amor entre os dois havia “tropeçado na inevitável querela” e cada um deles retornou a seu exílio inicial. Naveau (2017, p. 263) se inspira na célebre frase de Lacan (2003a) em “O aturdido²¹” para dizer “que se encontre a cada instante fica esquecido por trás do que se diz na fala de amor. Beauvoir e Algren encontravam-se, agora, mais do que embebedos no “drama do amor”, na “cilada do amor” – posto que, a meu ver, eles estavam já mais além desse ponto: eles já haviam feito a passagem que os levou da necessidade à ruína.

Em suma, diz Lacan, chega o momento em que, infelizmente, o sujeito não quer mais saber nada do encontro. É o que faz a comédia do amor se transformar em drama [...]. O amor tropeça, então, na inevitável querela que faz com que, exaustos, cada um acabe por deixar o outro à sua solidão e a seu exílio do começo. Ela e ele passam, então, a viver vidas paralelas [...]. O ponto de suspensão entre contingência e necessidade de que fala Lacan torna-se, assim, um estorvo (Naveau, 2017, p. 262-263).

3.3.1 As “cartas” na clínica contemporânea versus cartas escritas por Simone de Beauvoir

A escolha de missivas trocadas a partir do fim dos anos 40 se faz pertinente na atualidade porque Beauvoir e Algren não formavam um casal ordinário: durante parte do tempo em que se corresponderam, Beauvoir escreve “O segundo sexo” e esse evento, por si só, já é de interesse para considerarmos tanto a potência feminina que foi Beauvoir quanto a fluidez das posições feminina e masculina e, portanto, de modos de gozo e de embarços entre os sexos. Ademais, o fato de Beauvoir ter participado ativamente de movimentos feministas de vanguarda a aproxima das mulheres “empoderadas” da atualidade, que disputam o mercado de trabalho com os homens e que decidem, por exemplo, se querem e, caso queiram, quando irão casar-se e ter filhos. Não obstante, as mudanças socioculturais que vêm atingindo homens e mulheres não se dão sem percalços para todos os sujeitos falantes:

²¹ “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve” (Lacan, 2003a, p. 448).

O problema é que essa grande inflação fálica tende a cultivar uma tristeza nas mulheres, pois essa máscara da feminilidade contemporânea muitas vezes não produz o efeito esperado de fetichização para o desejo masculino. Assim, o tiro sai pela culatra, como se denuncia nas próprias palavras de muitas mulheres que se dizem realizadas, independentes, liberadas, porém infelizes: ‘Onde estão os homens? Já não há mais homens’ (Guimarães, 2014, p. 34).

No livro “Gozos da mulher”, Guimarães (2014) recupera e atualiza o termo “*Womanliness as a masquerade*” (utilizado pela psicanalista Rivière em ensaio escrito em 1929) para se referir a mulheres contemporâneas e potentes, que são, também, as mulheres que recebo hoje em meu consultório. Não tão contemporânea (mas ainda muito potente) foi Beauvoir – aqui, ao aproximar potências femininas de diferentes enquadramentos espaço-temporais, faço uma ponte imprescindível para esta pesquisa, já que sustento que a inspiração para esta pesquisa surge, também, com a minha clínica e com a clínica psicanalítica vigente. É significativo reiterar as diferenças entre as condições em que Beauvoir escreve suas cartas de amor para Algren e as condições em que as mulheres escrevem suas “cartas” na atualidade – daí referir-me à Beauvoir como não tão contemporânea – porque, naquele momento, ainda não havia acontecido o maio de 68, a pílula anticoncepcional ainda não havia sido lançada, e o próprio “O segundo sexo” ainda não havia sido escrito e publicado. Há uma profusão de trabalhos psicanalíticos que se ancoram em trabalhos de mulheres escritoras e poetisas – Freud (2018a, p. 341) já dizia que os poetas estão muito à frente dos psicanalistas, conforme se lê no texto “A feminilidade”: “Se quiserem saber mais sobre a feminilidade, então perguntem às suas próprias experiências de vida, ou voltem-se aos poetas, ou esperem que a ciência possa lhes dar informações mais profundas e mais bem articuladas”. Beauvoir, apesar de também ter escrito livros de literatura, foi uma filósofa e não uma poeta. Assim, pergunto o que essa escrita menos poética – e embebida em feminismo – pode nos dizer sobre o feminino. “A máscara da feminilidade contemporânea” é o termo atualizado por Guimarães (2014, p. 32) (e inspirado no texto de Rivière, 1991) para dizer como as mulheres têm se apresentado no nosso mundo atual:

[...] Assistimos a um fenômeno surpreendente, que se ergue muito sólido e potente em nome de uma nova identidade feminina: a máscara da feminilidade contemporânea. E que máscara seria essa? A mulher multimídia, multitarefa, polifacetada, com funções diversas, autônoma, independente, capaz, a super supermulher, que, frequentemente, pretende ser mais potente que os homens.

Na apreciação sobre as diferenças entre a mulher de hoje e a mulher de outrora, temos Kuss (2022), a nos lembrar que a histórica ainda existe mesmo que não apresente os sintomas da era vitoriana em que viveu e escreveu Freud, ou seja, trocaram as cintas que as sufocavam e os sintomas históricos como cegueiras e paralisias por outras vestimentas que, segundo Kuss

(2022, p. 80), são “os filtros das redes sociais e os infinitos procedimentos estéticos” – igualmente sufocantes. Vemos que Guimarães (2014) e Kuss (2022, p. 801) estão de acordo com suas visões sobre a mulher “empoderada” hoje “mas o que as históricas de hoje, com uma amplitude de saídas fálicas muito maior que outrora, nos revelam? Eis que elas se queixam, ainda, do amor e da sexualidade”.

E por trazer à tona o “O segundo sexo”, o feminismo e a mulher empoderada da atualidade, penso que é conveniente, nessa aproximação que tento fazer entre a mulher empoderada que escreve cartas de amor entre os anos 1940 e 1960 e a mulher empoderada que escreve mensagens de WhatsApp hoje, trazer um trecho de uma das cartas de Beauvoir que contrasta sobremaneira com o que as feministas de hoje têm preconizado a respeito das mulheres e de seus corpos. A opressão sofrida pelas mulheres em virtude de um culto a um corpo “belo” – não é o caso de se abrir uma discussão pormenorizada a respeito do que se entende por corpo belo – e jovem recai sobre todas as mulheres visto que mesmo as consideradas dentro do padrão vigente de beleza inevitavelmente envelhecem. Ainda que o trecho a seguir seja parte de uma carta pessoal e não de um texto escrito com o propósito de ser lido por um grande público, o que envelheceu mal foram as seguintes palavras de Beauvoir sobre os corpos femininos e sua relação com o encontro sexual:

De alguma forma, esse episódio²² marcou definitivamente a morte de minha história com você. Significou que, mesmo que você não tivesse posto um ponto final, ela devia naturalmente se encerrar, devido a minha idade. Esse pensamento me reconfortou: minha vida amorosa se encerrou quando tinha mesmo de terminar decentemente. Porque odeio a ideia das mulheres idosas, corpos envelhecidos, que se agarram ao amor. Fico contente com que o término de minha vida amorosa tivesse coincidido com seu apogeu (Beauvoir, 2000, p. 448).

Serge André (1987), em seu livro “O que quer uma mulher?”, diz de como a histérica se vê, entre outros termos, “suja e repugnante” quando, sob os diversos tipos de véus por ela vestidos, se vê sua carne. O que Beauvoir escreve sobre seu ódio a corpos envelhecidos de idosas que se agarram ao amor, embora não seja edificante no que diz respeito à militância feminista, condiz com a tese de André (1987) sobre as máscaras de sedução da histérica. André (1987, p. 112) segue seu argumento a respeito da função imaginária da imagem corporal e da falta de uma identificação específica para o feminino para dizer que, a menos que uma mulher se faça “toda fálica”, não há como “revestir e erotizar completamente o real do corpo”.

²² Suspeita de um câncer de mama que, afinal, não se confirmou. Mas que causou um medo real em Beauvoir principalmente porque essa suspeita se deu logo após a morte, devida a um câncer de mama, de sua datilógrafa.

O que Beauvoir escreve sobre o apogeu de sua vida amorosa e sexual com Algren não é senão uma “ostentação fálica”, à maneira que os homens costumam tratar o sexo. O problema é que a mulher (ou a histérica) acha que a resposta para o não-representável do feminino esteja nessa relação em que consente ser o objeto feticista do homem “[...] privada de uma identificação propriamente feminina, só se pode ver reduzida ao estatuto abjeto de objeto de consumo entregue à perversão do macho” (André, 1987, p. 113). Isso também se verifica em Freud (1969a), no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” – ao tratar dos investimentos libidinais no eu e no objeto, Freud (1969a) sustenta que o investimento libidinal no objeto deixa o eu empobrecido, depreciando-se. Ora, se quando caem os semblantes fálicos, as mulheres se veem às voltas com sua imagem corporal, esses trechos que, numa leitura menos atenta a aspectos psicanalíticos, seriam tão-somente infelizes dada a posição ocupada por Beauvoir no panorama feminista, se tornam mais uma evidência de traços de devastação na escrita da filósofa, feminista, missivista e enamorada em questão. Rocha (2012)²³ atenta, ainda, para “a prevalência de uma angústia diante da sensação de que o infortúnio é inexorável, e que a invenção de outros pactos e parcerias amorosas não garante proteção contra ele”, o que reconduz ao que Ligeiro (2010, p. 12) chama de “grande angústia da mulher” que, de acordo com essa autora, seria “o medo de perder o amor”.

Tranquilei-me, mas por vezes eu me dava conta, com angústia, de que o nosso caso estava fadado a terminar, e em breve. Quarenta anos. Quarenta e um. Minha velhice germinava. Espreitava-me no fundo do espelho. O que me deixava estupefata era que viesse a mim num passo tão decidido, enquanto nada em mim estava de acordo com ela (Beauvoir, 2009, p. 192).

Em “A significação do falo”, Lacan (1998a, p. 701) anuncia que “a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade” com vistas a ser o “significante do desejo do Outro”. Naveau (2017) e Guimarães (2014) fazem uma leitura desse texto de Lacan (1998a), ressaltando a importância, para as mulheres, de serem a única na vida de um homem. Na minha clínica, é constante o relato de mulheres que fazem concessões desmedidas a seus parceiros ou a suas parceiras amorosas visando o posto de únicas na vida destes: “É por isso mesmo que não são todas, isto é, não loucas-de-todo, mas antes, conciliadoras, a ponto de não haver limites para as concessões que cada uma faz a um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens” (Lacan, 2003a, p. 538). Creio, também, que Beauvoir carregou o peso de querer ser única em seus relacionamentos amorosos: a única que aceitava, com calma, despreocupação e regularidade

²³ Fala proferida por Guilherme Massara Rocha, em Belo Horizonte, no dia 5 de novembro de 2023.

que outras mulheres dividissem com ela o amor de Sartre (e até mesmo o de Algren). “Eu adoraria lhe mostrar minha cidade, e essas não são palavras ao vento, eu não falo jamais ao vento, saiba você; eu daria mais, muito mais do que dinheiro para ter você em Paris comigo.” (Beauvoir, 2000, p. 19); esta passagem é um bom exemplo de uma das concessões, envolvendo seus bens, de que Beauvoir fez a Algren. Apesar de, por um prisma, isso poder ser reputado, à época (e também hoje), a uma postura feminista de assumir compromissos financeiros diante de seu parceiro, não deixa de transparecer um sem-limite feminino.

Naveau (2017), em trecho já citado aqui neste trabalho, menciona que a mulher espera ser a única na vida de um homem ao menos. De sua parte, Guimarães (2014) vincula a mascarada ao desejo da mulher de ser única para um homem, salientando que o narcisismo do eu é uma forma de colocá-las como expoente, em destaque frente a outras mulheres. O problema ocorre quando os semblantes desmoronam, fazendo surgir seu oposto, que é quando as mulheres continuam se sentindo como “exceção”, mas no sentido de “excluídas”. Isso se manifesta com clareza e constância na clínica com mulheres que comparam sua vida amorosa a montanhas-russas.

[...] A função da mascarada consiste em proporcionar um semblante d'A mulher como exceção ao campo do todo. Portanto, não se trata de ser igual a todas; nenhuma mulher quer situar-se como sendo 'igual a todas', ao contrário, almejam ser 'a única' dentre as outras, mais precisamente a única como 'razão do desejo do Outro!' (Guimarães, 2014, p. 30).

Se a “razão” do desejo do Outro puder ser lida como a “causa” do desejo do Outro, chegamos ao objeto *a*, já visto como o objeto fetichista do modo de amar masculino, mas que se encontra do lado direito da tábua da sexualização. Kuss (2014, p. 24), em sua dissertação intitulada “Amor e desejo: um estudo psicanalítico”, indica que “o objeto *a* é aquilo que é contornado pela pulsão, buscando atingir a satisfação [...]” e que há diferentes roupagens imaginárias para o que se entende por objeto *a*. Essas roupagens, ainda de acordo com Kuss (2014), são constituídas por meio de significantes advindos do Outro. Dessa forma, reforço uma leitura inicial em que pergunto se Beauvoir pôde consentir em ser objeto de amor de Algren, aproximando-se, assim, do feminino. No entanto, como também há pontuações sobre momentos em que Beauvoir se faz fálica mesmo no encontro com Algren, ratifico o que já foi dito a respeito da fluidez das posições sexuais e tomo de empréstimo a hipótese de Normand (2020) a partir do encontro contingente: é possível haver amores não-todo fetichistas e não-todo erotomaniacos e é isso que parece se desenhar da história entre Beauvoir e Algren.

Diante da relevância do ensaio de Rivière (1991) para o argumento de Guimarães (2014) e para esta dissertação, abro um espaço breve para este texto que, apesar de escrito em 1929, é mencionado e comentado até hoje nas rodas psicanalíticas. O ensaio “*Womanliness as a masquerade*” discute o caso de uma mulher que, por trás de um comportamento de sedução e de flertes, esconde sua masculinidade (Rivière, 1991). Ao escrever o caso de uma mulher bem-sucedida pessoal e profissionalmente e que demanda análise para tratar de uma angústia que sempre a invade no final de importantes eventos profissionais, Rivière (1991) classifica de psicologicamente enigmática e especial a categoria feminina que sustenta habilmente os papéis de mãe, mulher, dona de casa e profissional, alegando que, não muito antes de 1929, mulheres profissionalmente talentosas eram identificadas com posturas notadamente masculinas.

Há uma atualidade que salta aos olhos tanto no que pretendo verificar por meio da análise da “escrita de si”²⁴ beauvoiriana quanto na discussão do caso apresentado por Rivière (1991) – o que também é confirmado na clínica psicanalítica vigente.

Maria Fuentes (2012, p. 110) evoca Freud no texto “quando as máscaras sedutoras escondem uma identificação masculina: Joan Rivière” ao mencionar que, em muitas mulheres, o “véu da beleza que seduz e fascina o homem, ao mesmo tempo... as protege da falta fálica”, tal como encontramos na máscara de sedutora incorporada pela paciente de Rivière (1991), que esconde, disfarça, protege e seduz:

Assim, não há meios de *ser* mulher senão assumindo um *parecer*, como revestindo o corpo com um tecido imaginário e simbólico que seja atrativo ao desejo masculino, dando forma À mulher que não existe. O desafio na mulher (e a razão de inúmeros impasses) consiste em sustentar ser *não-toda*, sem se identificar nem ao todo fálico – a entrada da angústia vem sinalizar a impostura de tal empreitada, como ensina o caso de Joan Rivière – como tampouco descartar a função fálica que sustenta o desejo pela via da promessa de se obter o objeto almejado (Fuentes, 2012, p. 112).

Na mesma esteira de pensamento, Guimarães (2014, p. 29-30) nos alerta para o fato de que “[...] a mascarada é um recurso imaginário que tenta salvaguardar o narcisismo do Eu, um instrumento privilegiado de que as mulheres dispõem para abordar sua parceria no campo do desejo”. Contudo, de acordo com essa autora, o problema é que essa tentativa de salvaguardar o narcisismo do eu pode levar a um estado de aflição, de devastação.

Neste ponto, trago a mascarada contemporânea que adentra meu consultório diariamente e a mascarada de outrora, Beauvoir. A leitura da “escrita de si” da filósofa se apresenta como uma oportunidade de investigação instigante não do vulto histórico em si, mas

²⁴ Referência ao texto de Foucault (1992), “A escrita de si”.

de uma possível devastação que se apresentaria em evidências textuais pertencentes à narrativa íntima da filósofa francesa e que capturaram meu olhar de leitora com bagagem de referências psicanalíticas. A partir do exposto, justifico as indagações a respeito da devastação e de suas consequências para o sujeito em posição feminina, levando em consideração que as formas de encontro e de desencontro amorosos na contemporaneidade têm se caracterizado, de acordo com Guimarães (2014), pela união entre a “mulher superpotente” e “seu homem desvirilizado” – o que é corroborado por Naveau (2017), que se vale de Kojève (comentador de Hegel), de Miller (2015a), e de Lacan (2008) para dizer do homem contemporâneo, fazendo coro ao que argumenta Guimarães (2014):

Kojève não o escuta assim. Seu julgamento é nítido: não há homem, ou, se quisermos, não há mais homem [...] Kojève fala, assim, de um mundo novo privado de homens, de um mundo sem homens. Ele debocha desses sedutores que, zomba ele, ‘se oferecem nus’, ou quase, ao olhar ‘em nada maravilhado’, precisa ele, das moças. Da mesma maneira que Lacan afirmará, por razões de ordem lógica, que *a mulher não existe*, Kojève, por outras razões, afirma que *o homem não existe*. Depois da Segunda Guerra Mundial, não há mais heróis [...]. A virilidade desapareceu. Não é mais o homem quem toma a iniciativa. Ele espera, diz Lacan, que seja a mulher que dê o passo. Na partida que se joga – pois se trata, de fato, de um jogo – entre os homens e as mulheres, segundo Kojève, são então as mulheres que dominam. São elas que conduzem a dança. Resta apenas às mulheres fazerem semblante – para rir, portanto –, de se deixar levar. O sedutor, como o diz Jacques-Alain Miller, não passa de um ‘semblante viril’ (Naveau, 2017, p. 139, grifo nosso).

Esse semblante de “se deixar levar” é o semblante da mascarada de Rivière (1991), que, com ares de coquete, se reporta a seus pares profissionais; ou da mascarada que se dirige com ar complacente e de nada saber frente a profissionais de menos qualificação formal que a sua; ou de Beauvoir, que, em suas cartas a Algren, se dirige a ele como seu “marido”. Só que essas máscaras caem e é quando caem que as mulheres se sentem no lugar de objeto-dejeito, em estado devastador. Guimarães (2014, p. 31) conclui que, tal como o amor é o que vem fazer suplência à não relação sexual, “[...] a mascarada é um esforço imaginário de suplência nas mulheres que se sustenta numa leitura fálica, como uma tentativa de salvaguardar as mulheres da posição de objeto que é tão insuportável para as feministas”. Para contemporizar esta última citação de Guimarães (2014) a respeito do que seria “insuportável para as feministas”, menciono o que diz Miller (2015a, p. 101) sobre o “parceiro-contemporâneo” e o que chama de uma “mutação” que caminha no sentido de uma “igualdade”; igualdade essa relacionada ao Direito, que coloca o homem e a mulher como sujeitos sob seu discurso. De acordo com o que Miller (2015a, p. 101) entende de Lacan, este considera o discurso do Direito o discurso de repartição de gozo. Assim, Miller (2015a) entende que, na contemporaneidade, o machismo e a infidelidade são

menos suportados pelas mulheres e que estas se preparam para se vingar dos homens, implicando a adoção de um modelo masculino e fazendo dos homens o que estes, de acordo com a tábua da sexuação, fazem – ou costumavam fazer – das mulheres: um pequeno *a*. Não obstante, assim como as posições na tábua da sexuação podem ser, como já sinalizado anteriormente e de acordo com Normand (2020), “não-toda erotônoma e não-toda fetichista”, Miller (2015a, p. 101-102) entende que essa suposta “desvalorização do amor” é um “teatro”: “[...] elas vão para a cama por amor, e quando elas brincam de separar a atividade sexual do amor, para fazer como os meninos, isso se torna problemático para elas próprias, aliás para os meninos também”.

Dominique Miller (2020), no texto “As duas margens da feminilidade”, nos diz que, para acessar o gozo Outro, uma mulher faz-se outra para si mesma e exemplifica diferentes formas que uma mulher, que se desdobra em outras tantas, experiencia esses gozos propiciados pelos (des)encontros amorosos:

A série dessas experiências femininas é estruturalmente infinita. Todas evocam de que o gozo Outro é feito: infinito, absoluto, sentimento de existência entre ruína e êxtase. Esses são estados potentes que parecem alojar o ser feminino sobre um eixo vertical entre entusiasmo e nada. Duas margens opostas sobre as quais a feminilidade transporta aquelas e aqueles que se vivem mulher à medida das experiências e encontros, bons e maus (Miller, 2020, p. 6).

Pergunto se, na relação com Algren, a feminista Beauvoir pôde, como sinalizo em outros momentos desta dissertação, se aproximar de uma posição menos fálica e consentir em ser objeto de causa de desejo de um homem e se deixar, também, devastar por diferentes razões: seja porque do arrebatamento de um encontro é esperado que se origine, também (e inelutavelmente), uma ruína; seja porque seu semblante – que podemos considerar altamente fálico – caiu; seja porque muitas das palavras de Algren dirigidas a ela foram “palavras que ferem”; seja porque ela esperou que Algren pudesse dizer algo sobre seu ser de mulher.

No próximo capítulo, a devastação, que já se faz presente no texto como parte integrante de questionamentos, será tomada por um viés mais teórico e desde Freud – que caracteriza a relação mãe-filha como catastrófica. Suas duas faces (arrebatamento e ruína) também serão teoricamente formuladas.

4 AMOR E DEVASTAÇÃO

No texto “Uma partilha sexual”, Miller (2016, p. 17) situa o sintoma e a devastação como modos de gozo que são, respectivamente, masculino e feminino “[...] inscreverei, aqui, a rubrica dos modos de gozar próprios do ser masculino e do ser feminino: à esquerda, o sintoma; à direita, a devastação” e afirma que as posições masculina e feminina não são fixas – o que abre espaço para a investigação a respeito de homens que, em posição feminina, podem, também, passar por esse fenômeno clínico a que chamamos devastação. Minha pesquisa não seguirá por esta vereda, contudo, atentando para o fato de estarmos diante de um mundo em que o homem se apresenta como castrado, deixo aqui o registro de que é essencial também inquirir a respeito do homem devastado ao se estudar os encontros amorosos – ponderando que este homem devastado não é, forçosamente, apenas aquele que aparece nos relatos de páginas policiais por feminicídio. As afirmações sobre o homem desvirilizado são sustentadas por Guimarães (2014, p. 60) sobre o homem de hoje que, de acordo com essa autora, é castrado

[...] se apresenta através de um semblante de castrado, destituído de qualquer potência fálica que faça recordar alguma sombra daquilo que as feministas definem como ‘machismo’. Cultivam assim um declínio do viril como um modo de fazer apelo ao amor.

Mello e Souza (2021, p. 752), por sua vez, defendem que a devastação pode se caracterizar pela violência contra a mulher:

[...] Uma das dimensões do que talvez se passe na devastação no masculino, bem como nas consequências dessa experiência de invasão, que podem, muitas vezes, desencadear diversas formas de violência contra o feminino na mulher, chegando até mesmo à ocorrência do feminicídio.

Há, ainda, de acordo com Kuss (2022), histórias de homens devastados porque foram à falência, ou porque enfrentam impotência sexual. Ao mesmo tempo, prossegue a autora, em que há um número de mulheres que passam uma vida sem sentir prazer sexual – e sem se queixar disso –, sugerindo uma maior tolerância das mulheres quanto à insatisfação sexual do que a dos homens. Em compensação, as mulheres teriam uma menor tolerância a frustrações amorosas (a autora, em mais de um momento de seu texto, defende que “mulheres” e “homens” devem ser tomados como posições enunciativas, como modos de gozo). Essa diferenciação entre aspectos biológicos/anatômicos/sociais e enunciativos é importante e deve ser um pouco mais explicada; para tal tarefa, continuo fazendo uso do texto de Miller (2016).

Ainda no texto “Uma partilha sexual”, Miller (2016, p. 22) destaca que ao atribuir “prudência, timidez, atitude protetora e agressividade” à posição masculina e “intrepidez, audácia e risco” à posição feminina, ele segue uma linha em que contrasta os dois lados da “partilha sexual” e admite que o faz de forma irônica para, na sequência, “perturbar” essa distinção e indicar “idealismo e heroísmo” na parte masculina – características que se contrapõem à prudência, timidez e proteção; quanto à parte feminina, Miller (2016) apresenta o “bom senso”, que em nada coaduna com “intrepidez, audácia e risco”.

De acordo com Miller (2016, p. 17), a devastação seria, então, “a outra face do amor”; seria esse sem limite feminino, tão diverso do sofrimento restrito do sintoma “a devastação e o amor possuem o mesmo princípio, a saber, o grande A barrado, o não-todo, no sentido do sem limite [...] o sintoma é um sofrimento sempre limitado, um sofrimento localizado”. Em “O osso de uma análise”, Miller (2015a, p. 99) discute o parceiro-sintoma; o parceiro-devastação; e o parceiro-contemporâneo, declarando que o parceiro-sintoma da mulher é o parceiro-devastação e que “a devastação é a outra face do amor, é o retorno da demanda de amor, o que quer dizer que é como o sintoma, exceto que tem um índice de infinito”. Se a devastação é “a outra face do amor”, qual seria a face do amor? E ainda: é sabido que a devastação tem duas faces, a de deslumbramento (ou de arrebatamento) e a de ruína – ou, como se arquiteta nesta dissertação: a devastação se dividiria entre a face não-toda fálica, contingente e feminina e a face fálica, necessária, masculina. A leitura das cartas de amor escritas por Beauvoir e endereçadas a Algren suscitou questionamentos que atravessam o arrebatamento, a ruína e o encontro amoroso – contingente e seu processo sucedâneo e necessário.

Beauvoir e Marguerite Duras parecem guardar forte semelhança no que entoam sobre suas mães e sobre a escrita “[...] estive escrevendo um texto sobre a morte de minha mãe que me perturbou muito [...] precisava escrever sobre isso. Jamais obedeci a uma compulsão tão violenta” (Beauvoir, 2000, p. 551) e “só há uma coisa mais forte que a mãe: a escrita” (Marguerite [...], 2021); Duras, figura homenageada por Lacan e vastamente estudada no meio psicanalítico, não hesita em relacionar a força da mãe à força da escrita, que viria a ser, de acordo com Eulálio (2018, p. 139), um tratamento:

A literatura de Duras, que mistura quase sempre ficção e realidade, mostra como a escrita permitiu a essa autora construir uma barragem contra o fluxo do amor materno, ao dar um tratamento possível para o impossível de dizer sobre o feminino.

Se a força da escrita de Duras é notoriamente aceita na academia e no âmbito psicanalítico como um tratamento para a devastação, a urgência da escrita de Beauvoir também

poderia ser aceita – interpretada, pesquisada – como um tratamento para a devastação? É, também, essa pergunta que me inquieta e que me conduz à esta pesquisa. O livro de memórias “Uma morte muito suave” (“*A very easy death: a memoir*”) nos regala com pistas preciosas sobre a relação de Beauvoir com sua mãe e tudo o que pode advir disso, ou seja, a construção de sua própria feminilidade, com todos os entraves possíveis e (in)esperados:

A aliança que trazia no dedo permitira-lhe familiarizar-se com o prazer; seus sentidos tornaram-se exigentes; aos trinta e cinco anos, no auge da vida, ela não tinha mais permissão para satisfazê-los. Ela continuava dormindo ao lado do homem que amava, e que quase nunca fazia amor com ela: ela desejava, esperava e ansiava, em vão. A abstinência completa teria sido uma prova menor para o seu orgulho do que esta promiscuidade²⁵ (Beauvoir, 1985, p. 60, tradução nossa).

O excerto acima relata, em terceira pessoa, isto é, com a perspectiva de Beauvoir, a vida sexual (ou a ausência desta) dos pais da autora e isto me parece expressivo visto que a própria Beauvoir deixa de se relacionar sexualmente com seu parceiro de vida (Sartre) por volta dos 30 anos, como se constata com carta enviada a Algren no dia 8 de agosto de 1948:

Muito rapidamente Sartre e eu nos ligamos um ao outro. Eu tinha 22 anos e ele, 25, e eu lhe ofertava com entusiasmo minha vida e eu mesma. Foi o primeiro homem com quem me deitei; nenhum outro havia sequer me beijado. Há muito tempo nossas vidas se confundem, e eu já lhe disse até que ponto sou ligada a ele, por um amor que mais se aproxima talvez de uma fraternidade absoluta – sexualmente, não foi um sucesso completo, essencialmente por causa dele, que não é apaixonado pela sexualidade. É um homem caloroso, vivaz em tudo, menos na cama. Logo tive a intuição disso, apesar de minha inexperiência, e, pouco a pouco, nos pareceu inútil, e até indecente, continuarmos a dormir juntos. Deixamos de lado essa vida ao final de aproximadamente oito ou dez anos, pouco coroados de sucesso neste campo (Beauvoir, 2000, p. 196).

Os já anteriormente sinalizados “casamento morganático” e pacto amoroso entre Beauvoir e Sartre conduzem a uma interpretação de que, no encontro amoroso entre esses dois filósofos, os significantes fálicos foram ordenadores: a relação deles com a esquerda francesa e com o existencialismo sugerem que suas crenças políticas e filosóficas pesavam a balança muito mais para o lado esquerdo da tábua da sexualização. É por isso que surge a hipótese de seu amor necessário se sustentar graças a amores contingentes com outrem: entre os dois, a fraternidade absoluta. No encontro com outrem, como com Algren, a possibilidade de um gozo Outro. A partir da leitura de Badiou e Truong (2013, p. 51), aquela que diferencia o amor (que

²⁵ *The wedding-ring on her finger had authorized her to become acquainted with pleasure; her senses had grown demanding; at thirty-five, in the prime of her life, she was no longer allowed to satisfy them. She went on sleeping beside the man whom she loved, and who almost never made love to her any more: she hoped, she waited and she pined, in vain. Complete abstinence would have been less of a trial for her pride than this promiscuity.*

o autor chama de processo necessário) do encontro amoroso (que é um evento), seria possível investigar a história entre Sartre e Beauvoir como um processo necessário que os leva a ver o mundo como “uma experiência do dois”. E isto, de certa forma, casaria com o que nos diz Freud (2018) sobre as correntes terna e sensual, cabendo a pergunta sobre Algren ter sido, até certo ponto e momento, a figura degradada da qual Freud (2018b) fala no texto “Sobre a mais geral degradação da vida amorosa”. A figura degradada com quem Beauvoir goza e Sartre, por sua vez, teria sido a figura com quem Beauvoir compartilhou uma experiência de mundo:

Admito o milagre do encontro, mas penso que fica no âmbito da poética surrealista se o isolamos, se não o orientamos para o laborioso vir a ser de uma verdade construída ponto por ponto [...]. Existe um trabalho do amor e não apenas um milagre (Badiou; Truong 2013, p. 51).

O problema de fazer essa divisão entre Sartre e Algren, colocando-os, respectivamente, sob as correntes terna e sensual é que, além de simplista, não responderia, a contento, a questões coletadas dentro da escrita de Beauvoir – escrita que é o material analisado para a realização deste trabalho. Sob certo aspecto, é possível a leitura de que, entre Sartre e Algren, este último seria a figura degradada porque, apesar de se interessar pelo trabalho de Algren como escritor, Beauvoir, em situações distintas, se propõe a ajudá-lo com dinheiro, com traduções, com mediações em editoras e, em várias passagens de suas memórias, refere-se aos amigos e ambientes frequentados por Algren como se uma distância os separasse:

Entre os amigos de Algren, uns trabalhavam no rádio e na televisão; aliás, tinham muita dificuldade de conservar seus empregos... os outros eram drogados, jogadores, putas, ladrões, foragidos da justiça, homens fora da lei; eles escapavam ao conformismo americano; era por isso que Algren se sentia bem com eles; mas eram pouco acolhedores (Beauvoir, 2009, p. 158).

Além disso, Beauvoir admite, em carta a Algren já citada neste trabalho, que sua relação com Sartre passava pela fraternidade, já que não era no sentido sexual que os dois sustentavam seu “casamento”. Até certo ponto, portanto, é possível pensar nesses dois homens ocupando, cada um, as posições terna e sensual na vida de Beauvoir. Ainda assim, seria imponderado afirmar que essa divisão se deu neste formato porque há, também, várias passagens, principalmente em suas cartas a Algren, em que Beauvoir se declara de forma terna e não sexual e em que se apresenta demandante de formas pueris, como: “O que você acha do meu inglês? Bem fraco, não? E minha letra, lhe agrada?” (Beauvoir, 2000, p. 28). Ou quando, de acordo com o que escreve Beauvoir, o casal parece comungar de sentimentos e de afetos que não são atravessados pelo sexual: “É espantoso como o compreendo e como você me compreende, e

essa compreensão recíproca é uma das coisas mais preciosas no nosso amor” (Beauvoir, 2000, p. 28). Isto posto – e de acordo com o que se apreende do texto de Normand (2020) sobre as formas não-todo fetichistas e não-todo erotomaníacas de amar, isto é, sobre as formas não-todo masculinas e não-todo femininas de amar –, proponho que, no caso de Beauvoir, o que pode ter havido foi uma movimentação entre a forma não-toda necessária e a não-toda contingente de amar.

Erika Faria (2021) em “Devastação: um estudo lacaniano sobre a relação mãe e filha”, sua dissertação de mestrado, fala do “dilema particular entre mãe e filha” e de suas “repercussões e reverberações” na vida de uma mulher. Em face desse dilema pesquisado por Faria (2021), e de acordo com o que tenho encontrado em minha pesquisa, considero importante mencionar a relação de Beauvoir com sua mãe ainda que meu foco principal seja a devastação nos encontros amorosos entre sujeitos adultos e não consanguíneos. No “Seminário, livro 20: mais, ainda”, Lacan (2008), fala que o amor é sempre recíproco, alegando que o desejo do homem é o desejo do Outro e que, quando se olha mais de perto para o amor, se vê as devastações e é disso, de amor, de catástrofe, e de devastações que trataremos a seguir.

4.1 A catástrofe

Em Freud (1969b), não encontramos o termo devastação, mas, no texto “Sexualidade feminina”, ele faz uso do termo catástrofe para se referir à dificuldade encontrada pela menina em afastar-se da mãe como objeto de amor, voltar-se para o pai e, caso não haja obstáculos originários da relação pré-edípica com a mãe, seguir o caminho da feminilidade. No mesmo texto²⁶, Freud (2018a, p. 286) observa que ligações intensas de meninas com seus pais guardam uma ancestralidade duradoura com a mãe “[...] uma fase de ligação intensa e exclusiva com a mãe, igualmente intensa e apaixonada”. O fato de a mulher passar por uma fase pré-edípica com a mãe leva a conjecturas de que “[...] mulheres que escolheram seu marido segundo o modelo do pai, ou que o colocaram no lugar do pai, repetem, no casamento com ele, sua má relação com a mãe” (Freud, 2018a, p. 292). Em outros termos: a relação com o pai foi fundada na relação com a mãe e essa base se faz presente no casamento, mas, também, bem antes, na adolescência, quando filha e mãe se entregam a jogos de disputa por conta da rivalidade criada no complexo de Édipo e originada na fase pré-edípica. Ao se tornarem mães, as mulheres também podem colocar em prática identificações à mãe que estavam recalcadas e isso também

²⁶ Em edição da editora Autêntica, lançada em 2018 sob o nome de “Sobre a sexualidade feminina”.

é um fator de risco para os casamentos. Além disso, a chegada de uma criança mais nova na família, por exemplo, é também um dos motivos geradores de decepção amorosa sentida pelas crianças e que se vê presentificada, conforme nos indica Freud (2020, p. 93-95), também na idade adulta:

Todas essas circunstâncias indesejadas e situações afetivas dolorosas são então repetidas e revividas com grande habilidade pelo neurótico em transferência [...] uma compulsão pressiona a isso. Trata-se naturalmente da ação de pulsões que deviam conduzir à satisfação, só que a experiência de que, em vez disso, mesmo naquela época, elas apenas trouxeram desprazer não rendeu frutos. Ela é repetida, apesar de tudo: uma compulsão pressiona a isso.

A partir dessas referências freudianas, podemos dizer que o ódio e o amor endereçados à mesma figura são uma espécie de regra nas primeiras fases da vida amorosa. Em “Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens” – escrito em 1910 e, portanto, antes dos escritos freudianos sobre a relação pré-edípica da menina com a mãe –, a origem psíquica da conduta amorosa tanto das pessoas “normais” quanto das “neuróticas” é a mesma e baseia-se em fixações infantis relacionadas à mãe; e a experiência de satisfação proporcionada por diferentes objetos ao longo da vida nunca conseguirá superar aquela derivada da relação com o primeiro objeto sexual, o seio materno. “Essa escolha de objeto curiosamente determinada e a conduta tão singular têm a mesma origem psíquica que na vida amorosa das pessoas normais; brotam da fixação infantil do carinho pela mãe [...]” (Freud, 2018c, p. 125-126).

Há, ainda, possíveis aproximações entre o que Lacan chama de gozo feminino, ilimitado – e que, em alguma medida, relacionamos à relação devastadora entre mãe e filha (Lacan); ou relação catastrófica entre mãe e filha (Freud) – e o que foi formalizado por Freud (2020) no texto “Além do princípio de prazer” – Freud (2020, p. 97) dá exemplos da literatura (a tragédia de Tancredo e Clorinda) e da clínica (mulher que se casa por três vezes e seus três diferentes maridos ficam acamados e morrem) para se referir ao que ele chama de “repetição de mesmo destino”. Com base nesses exemplos, penso na minha clínica e em mulheres que chegam com queixas na esfera amorosa que se repetem – ainda que com parceiros diferentes. Essas queixas vão desde uma espera por uma resposta a suas demandas ilimitadas de amor até relatos de momentos em que a agressão física se torna uma opção para elas – tanto no sentido de agressão ao parceiro quanto no de consentimento com a agressão por elas sofrida. Não raro essas queixas acabam tocando em pontos do relacionamento dessas mulheres com suas mães e, por isso, considero favorável para minha pesquisa sobre o amor e que contempla a devastação – termo lacaniano – um retorno aos textos freudianos. Em “Além do princípio de prazer”, Freud (2020,

p. 87) menciona a repetição produzida pelo inconsciente, alegando que este não esquece, mas repete e tratando essa “reprodução” como uma “fidelidade indesejada”, que tem como conteúdo parte do complexo de Édipo. A leitura dos referidos textos freudianos “Sobre a sexualidade feminina” (Freud, 2018d) e “A feminilidade” (Freud, 2018a) dialoga com o texto “Além do princípio de prazer” no que concerne ao que é repetido, na vida adulta, dos afetos vividos na infância. Freud (2020) chega a evocar Friedrich Nietzsche ao afirmar que causa menos surpresa “o eterno retorno do mesmo” quando a repetição é ativa do que quando a repetição é passiva – casos de Tancredo e Clorinda e da mulher que se casa por três vezes consecutivas e fica viúva nas três.

A partir das elucubrações freudianas a respeito dos períodos pré-edípico e edípico, da relação mãe e filha, e da construção da feminilidade – e em consonância com o que é mencionado por Lacan (2008) a esse respeito –, tem-se a possibilidade de encontrar, em “Além do princípio de prazer”, aporte teórico que vai além de teorizações biológicas e filosóficas sobre a máquina humana. A pesquisa sobre os encontros e desencontros amorosos somada à clínica com mulheres que sofrem de um gozo indômito pode revelar um caminho de construção criativa que vá além do aniquilamento causado pela catástrofe ou pela devastação, essa “outra face do amor” (Miller, 2016, p. 17). O texto lacaniano, a seguir, retoma proposições sobre o feminino, este “continente negro”, que já apareciam no texto freudiano – aqui, me refiro especificamente à catástrofe na relação mãe e filha e seus prolongamentos.

A catástrofe entre Françoise e Beauvoir abre esta pesquisa. Beauvoir escreve um livro sobre os últimos dias da mãe, com retrospectos que chegam à infância das duas, mãe e filha, e revela para Algren o quão imperiosa foi essa escrita. Como há inúmeros estudos psicanalíticos baseados na obra de Duras – a escrita tendo sido um tratamento para sua relação com a mãe –, entendo que alguns dos fragmentos selecionados para a presente dissertação são evidências que poderiam sugerir a escrita de Beauvoir também como um tratamento para a relação com sua mãe, bem como para um tratamento para a relação com os “herdeiros” da problemática amorosa entre mãe e filha: como já pontuado anteriormente, não me parece coincidência que a questão sexual entre os pais de Beauvoir se repita com Sartre. Assim como não me parece coincidência que Beauvoir não queira ter sido uma dona de casa “bela, recatada e do lar²⁷” como foi sua mãe.

²⁷ Clara referência a uma manchete da revista *Veja*, em 2016, sobre Marcela Temer, a esposa do então presidente Michel Temer.

4.2 A devastação

De acordo com Eulálio (2018), o termo devastação aparece no ensino de Lacan em três momentos: em “O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise”; em “O aturdito”, publicado em “Outros escritos”; e em “O Seminário, livro 23: o *sinthoma*”, texto em que a devastação aparece ligada à sexualidade feminina – neste texto, Lacan (2007) associa a devastação às relações amorosas ao dizer que uma mulher é um *sinthoma* para o homem e o homem é uma devastação para as mulheres. Em “O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise”, Lacan (1992) fala dos efeitos do desejo da mãe sobre os filhos; em “O aturdito”, a devastação aparece na relação entre mãe e filha; e, conforme já mencionado, em “O Seminário, livro 23: o *sinthoma*” a devastação se faz presente na relação entre a mulher e o homem (Lacan, 2003a, 2007). Em recente publicação brasileira do livro *Índex*, de Henry Krutzen (2021), o termo aparece também no “Seminário, livro 3: as psicoses” (Lacan, 1985); Faria (2021), já citada nesta pesquisa, faz um trabalho primoroso de varredura dos termos *ravage*, *ravageant*, *ravager*, *ravages* na obra lacaniana e demonstra que esses termos aparecem também em outros Seminários. A despeito disso, o recorte no tocante a devastação será discutido fundamentalmente pelo que se lê em “O aturdito” e no “Seminário, livro 23: o *sinthoma*” (Lacan, 2003a, 2007).

Lacan (2003b), ao dar prosseguimento às noções freudianas no que diz respeito à construção da feminilidade pela menina diante do amor, do ódio e da rivalidade endereçados à mãe – e, não raro, posteriormente atualizados em encontros amorosos –, inclui, em “Televisão”, publicado em “Outros escritos”, a loucura feminina como parte integrante deste não-todo que representa o feminino:

Assim, o universal do que elas desejam é a loucura: todas as mulheres são loucas, como se diz. É por isso mesmo que não são todas, isto é, não loucas-de-todo, mas antes, conciliadoras, a ponto de não haver limites para as concessões que cada uma faz a *um* homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens (Lacan, 2003b, p. 538, grifo nosso).

Em “O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise”, Lacan (1992, p. 118) trata do desejo da mãe, afirmando que “o papel da mãe é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos”.

Em “O aturdito”, Lacan (2003a) retoma o complexo de Édipo e a teoria freudiana sobre a castração ser o que possibilita a entrada da menina no complexo de Édipo – polo oposto ao que acontece com o menino, como diz Freud (2018e, p. 269) em seu texto “Algumas

consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”: “Enquanto o complexo de Édipo do menino cai por terra através do complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração”. Lacan (2003a, p. 465) diz do contraste doloroso que essa entrada no Édipo e a devastação geram para a menina, conforme o que segue:

Por essa razão, a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida (*Freud dixit*), contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância²⁸ que do pai – o que não combina com ele ser segundo, nessa devastação.

Naveau (2017) nos diz que para entender a respeito do termo devastação, tal como aparece no texto “O aturdido” (Lacan, 2003a), é necessário voltar-se para o texto “Letra de uma carta de Almor”: Naveau (2017) entende que a substância esperada, pela menina, de sua mãe tem algo a ver com o que a mulher sabe – ou espera que sua mãe lhe diga – sobre seu gozo.

Sobre a mulher ser um sintoma para o homem, Naveau (2017, p. 221-223) manifesta-se dizendo que ela é um sintoma “relativamente a um acontecimento traumático” e que “a contingência de um real deve estar concernida [no encontro]”. Esse real, de acordo com Naveau (2017), está ligado a um dito que, no instante do encontro, produz um acontecimento de corpo. Naveau (2017, p. 225-226) resgata uma fala de Miller para afirmar que acontecimentos de corpo são acontecimentos de discurso e que o sujeito que procura uma análise está “[...] doente de um certo número de enunciados [...] a palavra que fere – cada um e cada uma de nós já passou por essa experiência – que provoca devastações”. Em “O Seminário, livro 23: o *sinthoma*”, Lacan (2007, p. 98) relaciona a devastação com a sexualidade feminina e com o amor, afirmando ser a mulher um *sinthoma* para o homem e o homem uma “devastação” para a mulher: “Se uma mulher é um *sinthoma* para todo homem [...], o homem é para a mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior que um *sinthoma*, [...] trata-se mesmo de uma devastação”. Naveau (2017, p. 221), relembra que Lacan sustenta, também, que o sintoma é uma letra que se escreve e ele dá prosseguimento à tese do sintoma, afirmando que sua hipótese é a de que a mulher é um sintoma “[...] mas não de qualquer forma e sim *relativamente a um acontecimento traumático*”.

Marie-Helène Brousse (2004), em “Uma dificuldade na análise das mulheres: a devastação da relação com a mãe”, sumariza seu texto de forma didática, enumerando três

²⁸ Faria (2021, p. 15-16), amparada pela tradutora e intérprete Mariana Luiza Ney Prado, opta por utilizar o termo subsistência em vez de substância.

hipóteses acerca da devastação: a primeira, faz referência à origem da devastação e toca a relação do sujeito com a linguagem; a segunda situa a devastação na relação com a mãe e com a satisfação de suas demandas; a terceira se refere à devastação como consequência de um arrebatamento e de uma ausência de limite. A partir do ponto de vista da devastação como arrebatamento e ausência sem limites, advém a hipótese do encontro contingente e arrebatador que evolui para a insistência de uma reedição do gozo contingente sentido no encontro. Para Lacan, isso seria a “cilada do amor” e Badiou e Truong (2013), dando um contorno mais esperançoso para esse evento, chamam de amor o processo desencadeado pelo evento-encontro. E, nesta dissertação, a devastação se decompõe entre arrebatamento e contingência; e necessidade-ruína. “Em resumo, pode-se considerar que a devastação comporá uma face fálica de reivindicação articulada ao desejo da mãe, e uma face não-toda fálica que se deve ao arrebatamento do corpo, e que está ligada à dificuldade de simbolizar o gozo feminino” (Brousse, 2004, p. 67). A face não-toda fálica proposta por Brousse (2004), o que Bedê (2022) chama de “testemunhos esporádicos do não-todo”, e os trechos – esporádicos – da escrita missivista beauvoiriana em que indago se seriam “esbarrões contingentes” no não-todo propiciam indagação sobre Beauvoir ter se movido entre a contingência e a necessidade de sua condição feminina e de seu longo pacto com Sartre, que, de forma contingente, esbarrava em outros objetos – como esbarrou em Algren. Naveau (2017) nos diz que o encontro amoroso é um acontecimento de corpo que “provoca um elã da fala” e afirma que Miller propõe que acontecimentos de corpo são acontecimentos de discurso. Assim, a série de passagens, contidas neste trabalho, em que Beauvoir escreve e descreve os efeitos, em seu corpo, dos atos e ditos de Algren propiciaram uma leitura e análise de sua escrita missivista que interroga se o que está posto no papel: Seria um “elã da fala”? Seria uma demanda ilimitada de perguntas que tentariam simbolizar algo do gozo feminino? Em momentos esporádicos, seria uma forma – ancorada no simbólico – de tentar transmitir um gozo Outro? E, em última instância, seria um tratamento para uma presumida devastação (clivada em arrebatamento e ruína)?

Antes de seguir para a próxima seção, retomo fala de Kuss (2022, p. 101) já citada antes: “As complicações que uma mulher encontra em seu casamento, portanto, após se tornar mãe, não advêm apenas da identificação que fazem da mãe enquanto mãe, mas também da identificação que fazem com a mãe enquanto mulher” e afirmo que, apesar de não ter sido mãe, a história de Beauvoir com sua mãe parece reverberar no campo amoroso de diferentes formas: assim como sua mãe e pai não se relacionavam sexualmente, Beauvoir também não o fazia com Sartre, seu “marido” oficial; por mais que por razões e caminhos distintos entre si, tanto a mãe quanto a filha sabiam das amantes de seus companheiros. O que é bastante diferente é que

Beauvoir não era uma “provinciana bela, mas pouco perspicaz” tal qual foi sua mãe – este é um ponto divergente entre as duas e que também já foi analisado de acordo com a leitura que Rivière (1991) faz de mulheres que tomam conta de suas mães como uma tentativa de restituir-lhes o falo que roubaram do pai.

A seguir, as duas faces da devastação – arrebatamento e ruína – serão apresentadas de acordo com a visão de diferentes psicanalistas. A pretensão, a partir das cartas analisadas, foi de aliar o momento pontual do encontro contingente ao arrebatamento – que, de acordo com Dafunchio (como citada por Normand, 2020), é contingente exatamente porque seria insuportável permanecer em um estado de êxtase. Por outro lado, a necessidade, aliada à ruína, estaria mais para um processo, seria mais duradoura até porque seria enlouquecedor permanecer do lado feminino – contingente – da tábua e a ruína (ou derrocada) está associada ao que Lacan (2008) chama de “cilada do amor”. De acordo com a leitura que Normand (2020) faz de Dafunchio, é essencial tentar trazer a experiência amorosa para o que Lacan chama de necessário, que advém do impossível: não para de não se escrever. A escrita de Beauvoir que não cessa, seria, então, necessária “não para de se escrever” para tratar da tentativa de fazer a relação sexual existir e das consequências disso, a saber, a devastação?

4.2.1 O arrebatamento e a ruína

No “Seminário, livro 19: ... ou pior”, Lacan (2012) diz que o gozo não serve para nada e que ter direito ao gozo não é ter o dever de gozar, a não ser pelo superego, que é o imperativo do gozo e afirma que o gozo do Outro não é o signo do amor. Quando, a partir da tábua da sexualização, Lacan (2012) propõe a sexualidade feminina não mais referida somente ao falo, temos o que se convencionou chamar de muitos nomes, entre eles, de gozo Outro, de gozo mais além do falo, de gozo não-todo fálico. Esse gozo feminino e, portanto, não-todo fálico, que, de acordo com Lacan (2012) (que é quem lhe dá essa alcunha), o sujeito em posição feminina o experimenta sem dizer palavra pode ser, também, experimentado no encontro contingente com o amor. No momento de acontecimento deste gozo, há o êxtase que se espalha por todo o corpo, há o arrebatamento. O arrebatamento seria, então, uma das faces da devastação?

Em um texto da École de la Cause Freudienne intitulado “*Ravage et ravissement*”, a psicanalista Anne Lysy (2019) se pergunta qual é a fronteira entre arrebatamento e devastação, pontuando que aquele, embora traga uma felicidade extrema, não traz uma felicidade plácida. Frederico de Carvalho (2021) nos diz que o gozo erotômico, em contraste ao gozo fetichista, pode assumir a forma de devastação e que esta seria a “marca da presença do gozo do amor”.

Lucíola Macêdo (2021) afirma que o arrebatamento pode ser visto como correlato da devastação e que não estaria na mesma seara do que Lacan (2012) chama de gozo místico – Mello e Souza (2021) afirmam que, embora não sejam a mesma coisa, os gozos místicos e Outro comportam uma dessubjetivação. Como já mencionado neste trabalho, Miller (2015a), em “O osso de uma análise”, assevera que o arrebatamento seria “a outra face da devastação”. Portanto, temos que a devastação seria “a outra face do amor” e que o arrebatamento seria “a outra face da devastação”. Qual seria, então, a face da devastação? A ruína? O que proponho como pergunta neste trabalho compreende a devastação bifurcada entre arrebatamento e ruína, nesta ordem. E, conforme posto desde o título do trabalho, o arrebatamento estaria contido dentro do encontro contingente – e pontual – enquanto a ruína estaria dentro da necessidade, que seria um processo. Contudo, ainda há uma fragilidade nesta asserção dos pares arrebatamento-contingência e ruína-necessidade porque, diante da bibliografia consultada e das análises dos fragmentos de cartas e memórias de Beauvoir, o que se compreende é que o arrebatamento e a ruína, em sendo as duas faces da devastação, podem, também, sofrer uma clivagem e, dentro dessa clivagem, o sujeito arrebatado se apresentaria como portador, em potencial, tanto do gozo fálico quanto do gozo mais além - assim como o sujeito em ruína poderia se apresentar detentor dos dois gozos.

Brousse (2004), afirma que a devastação tem duas faces: a fálica, que seria uma “reivindicação articulada ao desejo da mãe”; e uma não-toda fálica, que estaria ligada ao arrebatamento do corpo e “à dificuldade de simbolizar o gozo feminino”. A proposição desse subcapítulo – “O arrebatamento e a ruína” – surge como uma investida de demarcar, teoricamente, diferenças identificadas nos fragmentos de cartas reproduzidos no capítulo três: em alguns momentos, Beauvoir se esforça na descrição de como seu corpo era tomado por sensações que se aproximariam do que, em psicanálise, é chamado de arrebatamento; em outros, o que se faz flagrante é um gozo que se dá pela palavra e por uma demanda incessante de dizeres de amor. Dessa maneira, retorno ao título deste trabalho, concatenando o encontro amoroso contingente com o que se entende por arrebatamento (e, consequentemente, com o que Brousse (2004) chama de gozo não-todo fálico) e a necessidade com a ruína (esta apresentaria correlação com o gozo fálico). Teríamos, assim, um gozo vivificante no encontro amoroso e um gozo mortificante na necessidade de mantê-lo, que seria a própria “cilada” de que fala Lacan; seria a ruína, seria o gozo superegoico conforme aponta Guimarães (2014, p. 58) “[...] o amor intervém no laço fundamental com o Outro, articulando as duas vertentes do gozo – vivificante e mortificante –, quer dizer, articulando o erotismo e o superego no laço da parceria sintomática”.

Concluo esta seção com um fragmento retirado de uma das primeiras cartas que Beauvoir escreve a Algren, logo no início de encontro, já a um oceano de distância. A passagem abaixo transcrita condensa, a meu ver, aspectos que tentei exprimir sobre contingência e arrebatamento, necessidade e ruína e reforça a hipótese de que Beauvoir soube fazer-se não-toda necessária e não-toda contingente para Algren.

Em todo caso, agora digo: é amor, e meu coração sofre. Estou feliz por estar tão infeliz, porque sei que você também está, e como é doce compartilhar essa tristeza. Com você o prazer foi amor; agora a dor também é amor, e será preciso que nos confrontemos com todas as faces do amor. A alegria dos reencontros, nós a reconheceremos, eu a quero, tenho necessidade dela, eu a terei. Espere-me. Eu o espero. Eu o amo ainda mais do que disse, mais talvez do que você imagina. Escreverei com frequência; faça o mesmo. Eu sou sua mulher para sempre (Beauvoir, 2000, p. 15).

Em poucas linhas, Beauvoir combina amor com sofrimento; felicidade com infelicidade; prazer com amor; dor com amor e ainda sustenta que o amor tem muitas faces e que tem necessidade de viver, novamente, a “alegria dos reencontros”. Faz confissões de amor e promessas de espera e de cartas, demandando que Algren a espere e escreva – com frequência! Para finalizar a epístola, que assina com “sua Simone”, afirma que será mulher dele para sempre, contrariando, com seu “elã de fala” de mulher enamorada, seu pacto com Sartre e contrastando com seu semblante de feminista fálica. Ciente de que pode soar redundante, mas com a finalidade de que o alinhavo da dissertação não fique frouxo, retomo alguns pontos importantes do presente trabalho antes de partir para as considerações finais:

De acordo com Miller (2016), a devastação é a outra face do amor – e disso parece que Beauvoir está advertida, pois ela o diz. Naturalmente, não é o termo devastação que ela emprega, mas ela escreve que o amor tem muitas faces e que é necessário confrontar-se com todas elas. “Prazer” e “dor” são expressamente conjugados com “amor”, o que leva ao gozo – este pode ser arrebatador, ou destruidor (que acarreta ruína); isso nos leva às já citadas diferenças entre *ravage* e *ravissement*. Ela necessita ter, “novamente”, a “alegria” do “reencontro” – Naveau (2017) foi incansavelmente citado neste trabalho a este respeito: a necessidade que têm os amantes de viver novamente o instante de amor é o que fatal e infortunadamente os leva à derrocada, ao desencontro. Pedir que ele lhe escreva sempre, prometendo que assim o fará, evidencia não só a demanda incessante por palavras de amor – com citações inesgotáveis de Lacan e Miller a esse respeito neste trabalho –, quanto o “elã de fala” dos enamorados que também foi pontuada por Naveau (2017) e citada em outros momentos. Todavia, e respeitando o diálogo que a psicanálise mantém com outras áreas de

conhecimento, a saber, a filosofia, é importante avançar com a visão de Badiou e Truong (2013) do encontro amoroso e do amor. De acordo com Badiou, o encontro amoroso seria o êxtase, ou o arrebatamento, e essa seria a concepção romântica do amor, que se consumaria, conforme se vê nas grandes tragédias do teatro, no encontro – até aqui, a visão do filósofo parece estar alinhada com a visão psicanalítica e lacaniana do encontro amoroso. Há, também, a “concepção jurídica” citada por Badiou e Truong (2013), que enxerga o amor como contrato – e isto se equipararia ao pacto amoroso firmado entre Sartre e Beauvoir. Para Badiou e Truong (2013, p. 25), amor é processo e não pode ser reduzido ao encontro fugidio:

Mas o amor, por ser uma construção, não pode se reduzir ao encontro. O enigma, ao se pensar o amor, é a questão da duração pela qual ele se cumpre. A questão do êxtase inicial não é, no fundo, o aspecto mais interessante. É claro que existe um êxtase inicial, mas um amor é, antes de mais nada, uma construção duradoura. O amor é, digamos, uma aventura obstinada. O lado aventureiro é necessário, mas não menos necessária é a obstinação.

Badiou e Truong (2013, p. 30) dizem, e nisto Badiou também parece estar de acordo com Lacan, que “[...] o amor começa pelo caráter absolutamente contingente e casual do encontro” e diz de uma “construção de verdade” para justificar a importância de se “declarar o amor”. Para os filósofos, “declarar o amor significa passar do evento-encontro para o começo de uma construção de verdade” (Badiou; Truong, 2013, p. 31). O que chama atenção é que “declarar e redeclarar” o amor se equiparariam, a meu ver, ao que Naveau (2017) chama de “elã de fala” dos enamorados. Só que, para Badiou e Truong (2013), o que, inicialmente, foi um encontro contingente e casual, torna-se uma necessidade e assume “ares de destino” com o passar do tempo. Essas declarações de Badiou e Truong (2013) posicionam o que a psicanálise chama de necessidade no lugar de processo e em oposição ao instante do encontro contingente. A partir de minha leitura, o que diferencia os olhares filosóficos de Badiou e Truong (2013) e psicanalítico de Lacan (2008) em relação a esse processo – nomeado por Badiou e Truong (2013) de necessário e por Lacan de necessidade – seria que o primeiro tem uma visada mais otimista, sustentando a construção amorosa como uma construção de verdade, e afirmando que as pessoas amam a verdade: “Simplesmente porque amamos as verdades. É isto que dá à filosofia todo seu sentido: as pessoas amam as verdades, mesmo que não saibam que as amam”, ao passo que o segundo apresenta uma visão mais pessimista ao declarar que o encontro contingente deságua na necessidade, levando ao “drama do amor”. Ao conjugar os dizeres de Lacan, Naveau (2017) e Badiou e Truong (2013), arrisco que a declaração de amor é o que se escreve do amor a partir do encontro amoroso – e apesar dele – e que o gozo da fala, ou o

declarar-se e o redeclarar-se, são um fato que vem a ser consumado por aqueles que amam, ou seja, por quem se encontra em uma posição feminina – conforme nos diz Miller em entrevista concedida a Hanna Waar (2021): “Só se ama verdadeiramente a partir de uma posição feminina. Amar feminiza”. Feminizada, mas não-toda, Beauvoir trafega entre o amor necessário e os amores contingentes tal qual atravessa do lado esquerdo ao lado direito da tábua e, coberta por adornos fálicos (mas não-toda), se deixa revelar, sob suas vestes, a Algren.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O furor da escrita íntima – da escrita de amor – beauvoiriana me contagiou a ponto de chegar até aqui – até a academia. Encerro esta dissertação com a certeza de que é inútil a tentativa de exprimir, em palavras teórico-acadêmicas, o arrebatamento que me foi causado pela leitura da narrativa epistolar de Beauvoir. Entretanto, esta via, a acadêmica, foi uma via possível de escoamento para minhas questões teóricas, clínicas e – por que não? – subjetivas.

Naveau (2017) se pergunta se, ao escrever o livro “O que do encontro se escreve: estudos lacanianos”, escreve uma carta de amor endereçada a Lacan. E eu me pergunto, ao final desta escrita, se escrevo uma carta de amor a Naveau (2017), tendo em vista a proporção que seu trabalho tomou em meu texto.

Houve, de minha parte, uma tentativa afirmada e explícita de seguir um formato de escrita acadêmica pautado no texto em que Freud analisa o caso Schreber, isto é, o que, na edição da *Imago*, tem-se como três divisões “História clínica, tentativas de interpretação, sobre o mecanismo da paranoia” serviu de marca para a divisão em capítulos de meu próprio texto: “Simone de Beauvoir e seus amores, As cartas de amor para Nelson, amor e devastação” – o que se tentou traduzir, respectivamente, em história clínica, seguida de uma tentativa de interpretação, e finalizada de apontamentos teóricos. Longe de crer que eu poderia, em quaisquer medidas, me aproximar da genialidade e da apazibilidade da escrita freudiana, imagino ter encontrado nesse caminho uma solução que respondesse a duas questões sensíveis da minha pesquisa: o imperativo de ter que justificar, metodologicamente, todo o meu trabalho, ou seja, ter que justificar o porquê da escolha da análise de cartas e não de um caso clínico e de ter que defender como fazê-lo. Penso que a minha saída, em última instância, foi usar o argumento de autoridade freudiano – ainda que não sem passar por outros autores, clássicos ou não, na tentativa de fundamentar e defender minhas escolhas. Diante disso, penso que fiz dois movimentos distintos ao me decidir pela análise dessas cartas: reafirmei (ou reinscrevi) o desejo de escrever sobre o que me causou (as cartas de amor de Beauvoir) e, de forma secundária, resguardei minha clínica de um trabalho que poderia ter sido, a meu ver, prematuro.

Ao final do trabalho, constato que todos os capítulos contêm passagens retiradas das cartas escritas a Algren (ou, no caso de não haver cartas, há, ao menos, trechos de memórias autobiográficas), o que ressalta o caráter caótico e não linear de um encontro amoroso e que se reflete na escrita deste trabalho: ainda que haja os ditames formais de um trabalho acadêmico dividido em capítulos, as cartas – como personagens principais deste trabalho – entram em cena não só no capítulo a elas reservado, mas em todos os outros porque nelas se encontram as

evidências de amor e de gozo (arrebataador e devastador) que se desdobram em diferentes faces e fases do encontro amoroso na vida sujeito falante.

O segundo capítulo seria o representante, então, de um problema, ou de uma “queixa inicial” e, reservadas as diferenças entre as entrevistas iniciais na clínica psicanalítica e o que propus para esta dissertação, o que procurei realizar foi uma “anamnese” da autora, buscando as memórias escritas de sua história com a mãe, passando por Sartre, até chegar a Algren. Ao contar passagens de (des)conexão com sua mãe a partir da infância, Beauvoir afirma que essa distância de sua mãe para com ela e sua irmã seria uma herança da relação distante entre sua mãe e sua avó materna. Na comunicação a Algren da necessidade de ter escrito sobre a morte de sua mãe, dois pontos importantes mereceram ênfase: a confissão sobre como a relação com a mãe pode ter sido devastadora e a declaração de que foi necessário e urgente escrever sobre essa mãe – e sobre essa mãe em seu leito de morte. Esta necessidade urgente é que abre a brecha para a comparação com a também mencionada escrita de Duras (Porge, 2019) e ganha vigor com a assunção, por parte da psicanalista Gorog (2011), de que Beauvoir, assim como Virginia Woolf, teria feito por si própria – por meio da escrita – o que psicanalistas fazem por seus pacientes. Kuss (2022) é citada no segundo capítulo porque as dificuldades que uma mulher pode enfrentar em seu casamento por conta da identificação com a mãe – como mulher – ensejaram interesse visto que o pacto amoroso Sartre-Beauvoir apresenta certa correspondência, ainda que por razões muito distintas entre si, com o casamento dos pais de Beauvoir: as traições sabidas e consentidas por filha e mãe. Resta claro que, no caso de Beauvoir – e não no de Françoise –, os motivos que a levam ao consentimento passam por um arranjo de bases filosóficas e políticas. Não é desprezível, no entanto, que Beauvoir, filha de uma mulher bela e provinciana, tenha escolhido outra via, afastando-se, assim, do destino de muitas mulheres de sua época – e de sua própria mãe –, mas tenha aceitado outras mulheres na vida de Sartre. Rivière (1991) também faz sua aparição já no segundo capítulo com o ensaio “*Womanliness as a masquerade*” quando da passagem sobre mulheres fálicas que se colocam a serviço de mulheres desamparadas: Beauvoir sustentou financeiramente sua mãe até o fim da vida desta como se lhe tivesse “restituindo o falo que roubou do pai”. Ao fim do segundo capítulo, reservado a Algren e a Françoise de Beauvoir, a figura de Sartre aparece como um ponto nevralgico visto que Beauvoir abandonava seus amores – a mãe e Algren – por Sartre, seu companheiro fraterno, seu amor celestial.

O pacto amoroso entre Beauvoir e Sartre também é introduzido no segundo capítulo, junto com trechos de análises feitas por ela a respeito das diferenças entre a liberdade que ela conquistou e de que Sartre apenas gozou. A noção psicanalítica de contingência do encontro

amoroso que levaria a um gozo Outro, seguida de uma necessidade de reprodução desse gozo e de uma angústia diante da possível perda desse amor são apresentadas, também, no segundo capítulo. A obstinada escrita de Beauvoir pode ser, então, interpretada como um tratamento para essa angústia diante da possibilidade da perda do amor? Isto é, a escrita de Beauvoir pode ser entendida como um tratamento para a devastação? Esta é uma pergunta que permanece em aberto, mas que, no final de minha pesquisa, encontra em Bedê (2022) a perspectiva dos “testemunhos esporádicos do não-todo” e esta é inserida em meu texto com o intuito de dar mais sustentáculo à leitura que faço das cartas.

No terceiro capítulo, os fragmentos de leitura que fiz da escrita de Beauvoir foram distribuídos – ou reunidos – de tal forma que as supostas contingência e necessidade inscritas dentro do contexto lido nas cartas acabam por fazer par, respectivamente, com o arrebatamento e a ruína nascidos do encontro amoroso e apresentados por Lacan e seus comentadores.

O ângulo de Beauvoir não-todo feminista, não-todo fálico e não-todo de Sartre é evidenciado no terceiro capítulo e anuncia o que, com a ajuda de Normand (2020) em sua dissertação sobre o amor não-todo erotomaníaco e não-todo fetichista, é investigado sobre as diferentes posições de Beauvoir em seu relacionamento com Algren e, em certa medida, em seu relacionamento também com Sartre. Assim, um ponto de destaque deste terceiro capítulo é a escrita de “O segundo sexo” ter se dado dentro do tempo em que Beauvoir estava no auge de seu encontro amoroso com Algren. O oceano que se “estende” entre os dois parece também se estender entre duas Simones: a escritora e filósofa existencialista e a amante – não que a escritora não pudesse amar e a amante não pudesse escrever, mas no sentido de que as vestimentas fálicas de que fazia uso se alternavam de acordo com o semblante que pretendia sustentar. Já no final de meu percurso de pesquisa, mas formalizado desde o segundo capítulo, este oceano literal e metafórico se abre como uma pista para uma das perguntas do trabalho: Seriam os amores contingentes essenciais para a manutenção dos amores necessários? Uma espécie de saber inconsciente pode ter propiciado o movimento não-todo contingente e não-todo necessário de Beauvoir.

Como o terceiro capítulo é o capítulo das cartas de amor, o texto “Letra de uma carta de amor” é imprescindível para os fins desta dissertação e é nele que lemos sobre a exigência de uma fala vinda do objeto de amor e isto parece se realizar na escrita missivista beauvoiriana. A exigência de uma fala de amor contrasta com o objeto *a* – fetichista – masculino, que, em oposição ao que se entende como a forma feminina de atingir o gozo, prescinde da fala desde que tenha seu pequeno objeto de fetiche. A carta, novamente como uma personagem central desta dissertação, também é lida à luz do “Seminário sobre ‘a carta roubada’” (Lacan, 1998b),

mas não sem a orientação de Rosa (2022). O efeito feminizante que a carta tem sobre quem a possui – ou sobre quem é por ela possuído ou possuída – se alça nos exemplos dados por Lacan ao afirmar que Dupin, encolerizado, escreve um bilhete ao Ministro. Rosa (2022) recupera adjetivos utilizados por Lacan para se referir ao feminino e adiciona outros mais, fazendo um movimento que, ao tentar separar, imiscui, tornando sem fronteiras definidas as diferenças entre os chamados lados masculino e feminino da “partilha sexual”, tal qual o faz Lacan (conforme nos diz Miller (2016) no texto “Uma partilha sexual”), e desembocando no que, de acordo com minha leitura da dissertação de Normand (2020), seriam posições “não-todo fetichistas ou não-todo erotomaníacas”. Essas posições “não-todo” aparecem, a meu ver, na escrita de Beauvoir a Algren.

O encontro que propicia o escrito abre o precedente para a fala de Lacan a respeito da contingência e da necessidade entre os amantes e viabiliza uma das perguntas do trabalho: teria sido o encontro contingente com Algren uma via de manutenção do amor necessário com Sartre? E, mesmo entre Beauvoir e Algren, o encontro contingente (o momento do “para de não se escrever”) evolui para a necessidade – que não para de se escrever, inclusive, por meio de cartas que não cessam de serem escritas. Conforme se verifica no terceiro capítulo, esta necessidade desemboca na chamada “cilada do amor”. Há algumas colocações feitas no texto que exprimem a visão de Badiou e Truong (2013) sobre o que Badiou chama, primeiramente, de “evento-encontro” e, em seguida, de amor como processo necessário e, neste caso específico, sua visão difere da de Lacan: apesar de ambos concordarem com o entendimento de que o encontro amoroso é contingente, Badiou e Truong (2013) aposta no amor como um processo necessário e mais obstinado e importante do que o encontro contingente.

Ainda no terceiro capítulo do trabalho, ao que parece, Beauvoir, por meio de sua escrita endereçada a Algren, consente em ser objeto de amor dele, revelando, em sua correspondência íntima, uma vertente menos fálica do que a usual, proclamada e escrita em textos endereçados a seu público.

Conforme já sinalizado, o segundo e terceiro capítulos, apesar de tomarem de empréstimo muito da teoria psicanalítica sobre o encontro amoroso, não são teóricos. É por isso que a devastação, por mais que seja introduzida e assim denominada desde o início do percurso deste trabalho, se encontra em um capítulo à parte, o quarto, que é subdividido de forma a retomar o que se anuncia no título, trazendo a devastação como se dividida fosse entre encontro contingente-arrebatamento e necessidade-ruína.

O quarto capítulo deste trabalho se pauta, principalmente, na leitura que Miller (2015a, 2016) faz do termo devastação e seus textos “Uma partilha sexual” e “O osso de uma análise”

são a base para o que foi desenvolvido a respeito da divisão entre arrebatamento e ruína. A escrita como tratamento para devastação é retomada neste quarto capítulo e a devastação entre mãe e filha, apesar de mencionada, não é desenvolvida por não se localizar no cerne das questões por mim levantadas. A catástrofe freudiana e a devastação lacaniana ocupam um espaço que respeita certa cronologia e menções necessárias para uma compreensão sobre o ponto de onde parti para chegar em determinados questionamentos. O subcapítulo denominado “O Arrebatamento e a ruína”, entretanto, absorve um pouco mais do que procurei compreender e transmitir com esta dissertação. E pergunto, calcada na declaração de que a devastação é a “outra face do amor”, se o arrebatamento seria uma das faces da devastação – aquela que antecederia uma segunda face (ou fase?), a de ruína.

O que se torna patente neste texto, ora finalizado, é que as perguntas feitas em sua extensão – há traços de devastação nas cartas escritas e enviadas a Algren? Seriam os amores contingentes essenciais para o salvamento dos amores necessários? O que acontece com o sujeito que se enamora em um encontro contingente e se vê, na sequência, assolado pela barra da necessidade? Pode-se inferir que, para alguns dos sujeitos em posição feminina, o que há entre o alvorecer de dois encontros amorosos é a devastação? – não tinham, absolutamente, a intenção de serem respondidas (embora o próprio ato de perguntar já conduzir em si certo sugestionamento). Essas perguntas foram provocações que, decerto, ganharam força por causa da mulher que as escreveu e de um interesse, expresso em diferentes áreas do conhecimento (o que se confirma com uma simples busca no Google Scholar), por sua escrita ficcional ou biográfica.

Esta pesquisa teria sido projetada e realizada, nos moldes em que se apresenta, não fosse Beauvoir a autora de “O segundo sexo”? Em um parágrafo do terceiro capítulo, falo da abundância de trabalhos psicanalíticos que se enfrontam por obras literárias (e poéticas) escritas por mulheres e afirmo que gostaria de saber sobre o que essa escrita menos poética e “embebida em feminismo” tem a dizer sobre o feminino – cabe, aqui, nota de que as inúmeras críticas atuais ao feminismo eurocêntrico de Beauvoir não diminuem o impacto de sua obra, que se mantém viva.

No início da pesquisa, me parece que havia quase que uma intenção, de minha parte, de apontar as faltas, os furos, as imperfeições na vestimenta fálica de Beauvoir. Como se, lançando um holofote diretamente em pontos de fragilidade dessa vestimenta, eu pudesse escusar outras mulheres, principalmente as contemporâneas, de sua impostura. Entretanto, conforme indica Mello e Souza (2021, p. 754), o gozo Outro é não-todo fálico (apesar de ser a ele referendado) e os sujeitos falantes (mulheres ou homens) estão dentro de um campo – o da linguagem –

passível de ser furado a todo momento “que as mulheres, em sua dimensão empírica, sejam lembradas como o que evidencia que o registro fálico não é todo, é um bom indicativo de uma correlação do feminino com um outro modo de operar com o gozo”. Ser uma mulher fálica, então, não traz, a nenhuma mulher que o é, a garantia toda de um amor tranquilo, livre da angústia de perdê-lo; não faz com que as mulheres – fállicas – se enderecem menos ao Outro, com menos demandas de amor e com menos perguntas sobre quem são. Ser fálica, ou seja, estar dentro do registro da linguagem – com mais ou menos atributos fállicos – é uma condição sem a qual não haveria o gozo Outro, conforme apontam Mello e Souza (2021, p. 755), “a visada de um gozo não marcado pela diferença fálica se impõe pela própria insuficiência do gozo fálico”.

O encontro amoroso vem, ainda de acordo com Mello e Souza (2021), na impossibilidade de o sexo conjugar tudo; vem como um apelo tal qual o apelo ao ilimitado, ao inacessível. É por isso que, enceguecidos por visões voluptuosas e afáveis do instante de amor, os sujeitos que gozam como se goza do lado feminino da tábua buscam mais e mais desse “instante fulgurante”, transitando da contingência à necessidade (do cessa de não se escrever ao não cessa de se escrever). Como disse Miller (2020) sobre “As duas margens da feminilidade” e como, ao que tudo indica, o tentaram dizer Sartre e Beauvoir em seu pacto amoroso e – coincidentemente ou não – o disse Lacan (2008) no final do “Seminário, livro 20: mais, ainda”. Cesso a minha escrita com interrogações: os sujeitos falantes transitam da contingência à necessidade tal qual transitam de um lado ao outro da tábua da sexuação? Do registro não-todo fálico ao todo fálico? Do arrebatamento à ruína? Alternando amor e devastação em um movimento que não cessa de não se escrever? Ao compreender que a posição não-toda de Beauvoir pode ser uma boa pista para alguns dos questionamentos propostos na pesquisa, surge a questão-hipótese derradeira – no tempo cronológico da pesquisa, mas que, no texto, é formalizada desde o segundo capítulo: Beauvoir soube fazer-se não-toda contingente e não-toda necessária para seus objetos de amor.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, S. G. Atração passional, trabalho e educação em “O novo mundo industrial e societário” de Charles Fourier. **Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 1-19, jun. 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172007000100002. Acesso em: 27 ago. 2023.
- ALVARENGA, E.; MACÊDO, L. **Amor & gozo: mais, ainda**. Belo Horizonte: Editora Quixote, 2023.
- ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- BADIOU, A.; TRUONG, N. **Elogio ao amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BEAUVOIR, S. de. **A força da idade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BEAUVOIR, S. de. **A força das coisas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- BEAUVOIR, S. de. **A very easy death: a memoir**. New York: Pantheon, 1985.
- BEAUVOIR, S. de. **Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico (1947-1964)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BEDÊ, H. M. **Entre fronteira e litoral: testemunhos esporádicos do não-todo**. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/45550/1/Entre%20fronteira%20e%20litoral%2C%20um%20percurso%20da%20recusa%20hist%C3%A9rica%20aos%20testemunhos%20espor%C3%A1dicos%20do%20n%C3%A3o-todo.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- BEIVIDAS, W. O excesso de transferência na pesquisa em Psicanálise. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 661-679, mar. 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000300008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/BwbwWrtwtcN6rrwhdMHwSHM/?lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- BOTTICI, C.; ROCHA, G. M. “I feel love”: a musical-psychoanalytic meditation. **European Journal of Psychoanalysis**, New York, v. 9, n. 1, p. 1-18, may 2022. Disponível em: <https://www.journal-psychoanalysis.eu/articles/i-feel-love-a-musical-psychoanalytic-meditation/>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- BRANCO, L. C. (org.). **Shoshana Felman e a coisa literária: escrita, loucura, psicanálise**. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2020.
- BROUSSE, M.-H. Uma dificuldade na análise das mulheres: a devastação da relação com a mãe. In: MILLER, J.-A. **Ornicar? – De Jacques Lacan a Lewis Carroll**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 57-67.

CALADO, E. A. de F. Entre ficções e confissões – a escrita autobiográfica de Simone de Beauvoir. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA*, 3., 2012, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2012. p. 1-17.

CARDOSO, M. J. E.; DARRIBA, V. A. A referência a Marx no ensino de Lacan. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 189-197, jan./mar. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-37722016012418189197>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/Th4nhwSdbmhppZnDnS9nGqB/?lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2023.

CARVALHO, F. F. de. Erotomania: um modo de amor feminino. **Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Leste-Oeste**, Brasília, DF, 15 set. 2021. Disponível em: <https://ebp.org.br/slo/erotomania-um-modo-de-amor-feminino/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

ELIA, L. A transferência na pesquisa em Psicanálise: lugar ou excesso? **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 1-10, mar. 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000300015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/MsB8ntw68zgkNmcRfQvTmDs/?lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2023.

ENGELS, F. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. [S. l.]: Arquivo Marxista na Internet, 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1880/socialismo/index.htm>. Acesso em: 27 ago. 2023.

EULÁLIO, A. **Amores loucos**: a devastação materna e nas parcerias amorosas. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2018.

FARIA, E. V. de. **Devastação**: um estudo lacaniano sobre a relação mãe e filha. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/39610>. Acesso em: 27 ago. 2023.

FOUCAULT, M. A escrita de si. *In: FOUCAULT, M. O que é um autor?* Lisboa: Editora Passagens, 1992. p. 129-160.

FREUD, S. A feminilidade. *In: FREUD, S. Obras incompletas de Sigmund Freud*: amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018a. p. 313-348.

FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *In: FREUD, S. Obras incompletas de Sigmund Freud*: amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018e. p. 259-276.

FREUD, S. Sexualidade feminina. *In: FREUD, S. Sigmund Freud*: edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969b. v. 21. p. 257-279.

FREUD, S. Sobre a mais geral degradação da vida amorosa. *In: FREUD, S. Obras incompletas de Sigmund Freud*: amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018b. p. 137-154.

FREUD, S. Sobre a sexualidade feminina. *In*: FREUD, S. **Obras incompletas de Sigmund Freud**: amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018d. p. 285-311.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. *In*: FREUD, S. **Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969a. v. 14. p. 89-119.

FREUD, S. Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens. *In*: FREUD, S. **Obras incompletas de Sigmund Freud**: amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018c. p. 121-133.

FUENTES, M. J. S. **As mulheres e seus nomes**: Lacan e o feminino. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.

GODOY, L. B. Uma carta: um espaço entre dois. **Ide**, São Paulo, v. 33, n. 50, p. 36-53, jul. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062010000100006. Acesso em: 27 ago. 2023.

GOROG, F. Simone de Beauvoir et les impasses de la vie amoureuse. **L’Homme et la société**, Paris, v. 1, n. 179-180, p. 129-145, jan. 2011. Disponível em: https://scholar.archive.org/work/zilg5txhdvcdhmcht2ckx4larq/access/wayback/https://www.cairn.info/load_pdf.php?ID_ARTICLE=LHS_179_0129&download=1. Acesso em: 27 ago. 2023.

GUIMARÃES, L. **Gozos da mulher**: da devastação à vivificação. Petrópolis: Editora KBR, 2014.

GUIMARÃES, R. M.; BENTO, V. E. S. O método do “estudo de caso” em psicanálise. **Psico**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 91-99, maio 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/1484>. Acesso em: 27 ago. 2023.

KRUTZEN, H. Índice de referências dos seminários de Jacques Lacan 1952 a 1980. São Paulo: Toro Editora, 2021.

KUSS, A. S. S. **Amor e desejo**: um estudo psicanalítico. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/37140>. Acesso em: 27 ago. 2023.

KUSS, A. S. S. **Amor, feminino e solidão**: um estudo psicanalítico sobre invenções da existência. 2022. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/19618>. Acesso em: 27 ago. 2023.

LACAN, J. A significação do falo. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. p. 692-703.

LACAN, J. O aturrito. *In*: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a. p. 448-497.

LACAN, J. O Seminário sobre “a carta roubada”. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. p. 13-66.

LACAN, J. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LACAN, J. **O Seminário, livro 19: ou pior**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. **O Seminário, livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LACAN, J. **O Seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

LACAN, J. Televisão. In: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b.

LACAN, J. Universités nord-américaines. *Scilicet*, Paris, v. 6, n. 7, p. 7-31, nov. 1975.
Disponível em: <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1975-11-24b.pdf>.
Acesso em: 27 ago. 2023.

LIGEIRO, V. M. **Viver o amor como o desespero: a angústia e a mulher**. 2010. Dissertação (Mestrado em Pesquisa Clínica em Psicanálise) – Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/14591>. Acesso em: 27 ago. 2023.

LYSY, A. Ravage et ravissement. *École de la cause freudienne*, Paris, 13 peut 2019.
Disponível em: <https://www.causefreudienne.org/archives-jecf/ravage-et-ravissement>. Acesso em: 27 ago. 2023.

MACÊDO, L. F. de. No “fulgor das ausências”, dizer o indizível. **Curinga**, Belo Horizonte, v. 50, n. 1, p. 61-72, mar. 2021. Disponível em: <https://ebp.org.br/mg/curinga-050/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

MARGUERITE Duras dans “Apostrophes”. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (75 min). Publicado pelo canal Ina Culture. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s--2miauRQ4>. Acesso em: 25 ago. 2013.

MELLO, D. M.; SOUZA, J. D. da S. A devastação no masculino e a violência contra o feminino nas mulheres. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 749-775, dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n4p749.13>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/pMHkPHCnMkDPbN894FtLZxc/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

MILLER, D. As duas margens da feminilidade. In: ENCONTRO BRASILEIRO DO CAMPO FREUDIANO, 23., 2020, [s. l.]. **Anais [...]**. [S. l.]: EBP, 2020. p. 1-9.

MILLER, J.-A. **Logicas de la vida amorosa**. 2. ed. Buenos Aires: Manantial, 2015b.

MILLER, J.-A. **O osso de uma análise: mais o inconsciente e o corpo falante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015a.

- MILLER, J.-A. Uma partilha sexual. **Opção lacaniana online nova série**, [s. l.], v. 7, n. 20, p. 1-40, jul. 2016. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_20/Uma_partilha_sexual.pdf. Acesso em: 27 ago. 2023.
- MORGANÁTICO. In: DICIONÁRIO Infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2024. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/morganático>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- MOTTA, M. B. da. (org.). **Michel Foucault: ética, sexualidade, política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- NAVEAU, P. **O que do encontro se escreve: estudos lacanianos**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2017.
- NORMAND, M. M. **A discórdia entre os sexos: um estudo lacaniano sobre os estilos de amor**. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/60234>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- PORGE, É. **O arrebatamento de Lacan: Marguerite Duras ao pé da letra**. São Paulo: Editora Aller, 2019.
- RIVIÈRE, J. Womanliness as a masquerade. In: HUGHES, A. (ed.). **The Inner World and Joan Riviere – collected papers: 1920-1958**. Abingdon: Routledge, 1991. p. 90-101.
- ROCHA, V. M. **Por um protocolo de leitura do epistolar**. 2012. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/9788/tese_%20Por%20um%20protocolo%20de%20leitura%20do%20epistolar%20de%20Vanessa%20Massoni%20da%20Rocha.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 27 ago. 2023.
- ROSA, M. **Cartas de amor são ridículas, mas...: introdução ao ensino de Lacan**. Belo Horizonte: Editora d'Iss, 2022.
- ROUDINESCO, E. **Dicionário amoroso da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2019.
- ROWLEY, H. **Tête-à-tête: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- SILVEIRA, M. M. **A aproximação dos ausentes: as cartas de Simone de Beauvoir para Nelson Algren**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/602>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- TORQUATO, L. C. **A recepção da psicanálise no Brasil: o discurso freudiano e a questão da nacionalidade**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9MKLG3/1/ppgpsicologia_lucianacavalcantetorquato_dissertacaomestrado.pdf. Acesso em: 27 ago. 2023.

WAAR, H. Entrevista a Jacques-Alain Miller. **Lacan XXI: Revista Fapol online**, [s. l.], 30 maio 2021. Disponível em: <https://www.lacan21.com/sitio/entrevista-a-jacques-alain-miller/?lang=pt-br>. Acesso em: 27 ago. 2023.